

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIA CRISTINA PERIGO DO NASCIMENTO

AVENTURAS DO MAGISTÉRIO:
A REVISTA DO PROFESSOR, PORTO ALEGRE/RS, E AS REPRESENTAÇÕES NA
SEÇÃO “HUMOR” (1985-2011)

CURITIBA-PARANÁ

2018

MARIA CRISTINA PERIGO DO NASCIMENTO

AVENTURAS DO MAGISTÉRIO:
A REVISTA DO PROFESSOR, PORTO ALEGRE/RS, E AS REPRESENTAÇÕES NA
SEÇÃO “HUMOR” (1985-2011)

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação, linha de História e Historiografia da Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior

CURITIBA-PARANÁ

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE
BIBLIOTECAS/UFPR-BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS
TANIA DE BARROS BAGGIO, CRB 9/760
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Nascimento, Maria Cristina Perigo do

Aventuras do magistério : a Revista do Professor, Porto Alegre/RS, e as representações na seção "Humor" (1985-2011) / Maria Cristina Perigo do Nascimento. – Curitiba, 2018.
153f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação
Orientador: Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior
Inclui referências

1. Educação - História. 2. Humor, sátira, etc. 3. Revista do Professor (Porto Alegre, RS). I. Universidade Federal do Paraná. II. Título.

CDD 370



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MARIA CRISTINA PÉRIGO DO NASCIMENTO**, intitulada: **AVENTURAS DO MAGISTÉRIO: A REVISTA DO PROFESSOR E AS REPRESENTAÇÕES NA SEÇÃO HUMOR (1985-2011)**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 28 de Setembro de 2015.


CLAUDIO DE SA MACHADO JUNIOR(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)

CLÓVIS MENDES GRUNER(UFPR)


MARIA HELENA CAMARA BASTOS(PUC/RS)
SKYPE



UFPR 185

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO


ATA Nº 1335


ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO.

No dia vinte e oito de setembro de dois mil e dezoito às 14:30 horas, na sala 219, 2º pavimento, Edifício Teixeira Soares, Campus Rebouças do Setor de SETOR DE EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição da Mestranda **MARIA CRISTINA PÉRIGO DO NASCIMENTO** para a Defesa Pública de sua Dissertação de Mestrado intitulada: **AVENTURAS DO MAGISTÉRIO: A REVISTA DO PROFESSOR E AS REPRESENTAÇÕES NA SEÇÃO HUMOR (1985-2011)**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: **CLAUDIO DE SA MACHADO JUNIOR(UFPR)**, **MARIA HELENA CAMARA BASTOS(PUC/RS)**, **CLÓVIS MENDES GRUNER(UFPR)**. Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a(o) discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela APROVAÇÃO da aluna. A Mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de Mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, **CLAUDIO DE SA MACHADO JUNIOR**, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Observações: Seguir as orientações da banca para entrega de versão final, conforme prazo


Curitiba, 28 de Setembro de 2018.


CLAUDIO DE SA MACHADO JUNIOR(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)


CLÓVIS MENDES GRUNER(UFPR)


MARIA HELENA CAMARA BASTOS(PUC/RS)

SKYPE

Obs: O título será alterado para: "Aventuras do Magistério: a Revista do Professor, Porto Alegre/RS, e as representações na seção Humor (1985-2011)." 

*Aos meus seres vitais:
do passado, Ademir e Lorena,
do presente, Caio e Katiucya,
do futuro, Laura e Pedro.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ademir Perigo e Lorena Stedile Perigo (em memória). Ao meu pai, pela sensibilidade à leitura: um autodidata que não passou um só dia sem devorar quadrinhos de super-heróis e revistinhas de faroeste. À minha mãe, que, além do incentivo quanto à leitura e contação de histórias, como mulher e educadora, foi exemplo de amor e dedicação à profissão, iniciando centenas de alunos na vida escolar.

Ao meu esposo, Caio Rafael do Nascimento, pela paciência, dedicação e incentivo; e à minha irmã, Katiucya Perigo, pelo exemplo de conduta, leitura do texto, orientações e grande ajuda. A ambos agradeço com todo o meu amor pela compreensão nos momentos de ausência física e psíquica e pela força expressas durante esta jornada. Também ao meu filho, Pedro, que quebrou com seus chutinhos (ainda na barriga), chorinhos e sorrisos a tensão da Pós-Graduação.

Ao meu orientador, professor doutor Cláudio de Sá Machado Júnior, pela aceitação do tema, confiança, orientação e estímulos prestados.

Aos professores da banca de qualificação e defesa, o professor doutor Clóvis Mendes Gruner (com o olhar da história muito bem-vindo) e a professora doutora Maria Helena Camara Bastos (grande inspiração para este trabalho), pelas contribuições valorosas.

Ao Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), pela acolhida. Aos professores da Linha de História e Historiografia, pelos ensinamentos transmitidos, principalmente, à professora doutora Gizele de Souza, que me inspirou com suas aulas riquíssimas e debates acalorados. Aos servidores administrativos, pelas orientações e encaminhamentos burocráticos. Também aos colegas de mestrado, na pessoa de Juliane Rembis, que me socorreu nos momentos de dúvidas e angústia.

À minha amiga e colega de trabalho, Camila Cesário Lerco, por me ouvir nas horas de desânimo e por sempre encontrar uma palavra de conforto.

Enfim, a todos que contribuíram, com uma ideia ou um gesto amigo, para a realização desta pesquisa, meus sinceros agradecimentos.

Ver diferente é a condição
necessária para continuar a ver.

Gaston Bachelard

RESUMO

Criada em 1984, pela Editora CPOEC (Centro de Pesquisas e Orientações a Exames e Concursos), em um momento de redemocratização política do país (pós-Ditadura civil-militar), a *Revista do Professor*, de Porto Alegre/RS, que pretendia informar, orientar, interpretar fatos e ideias e divulgar novos conhecimentos, rapidamente foi consumida em todo o país, principalmente pelos professores da Educação Básica. Esta pesquisa conta a sua história e apresenta ao leitor as representações que derivam dos quadrinhos da seção de humor “Aventuras do Professor Magistério”, destacando como foram apresentadas, pela perspectiva humorística, as diferentes e ao mesmo tempo peculiares experiências do ofício do professor. Considerando o recorte temporal deste trabalho, de 1985 (publicação de seu primeiro número) até 2011 (mudança da equipe editorial), por meio da análise das 108 edições do periódico em questão, a pesquisa objetivou: observar o contexto que envolveu o lançamento, a organização e a manutenção da *Revista do Professor*; mapear os principais objetivos do periódico, por meio da análise de seus editoriais; apresentar brevemente suas seções (para aproximar o leitor do seu conteúdo); e, finalmente, analisar os quadrinhos que compõem a coluna de humor da *Revista*. Diversos autores contribuíram para o estudo: Denice Barbara Catani e Maria Helena Camara Bastos (História da educação e imprensa de educação e ensino), Dominique Maingueneau (Análise do discurso), Henri Bergson (História do humor), Michael Baxandall (Análise das imagens humorísticas), Peter Burke (História cultural e imagem), Roger Chartier (História cultural, imprensa, imagem e representação), Tania Regina de Luca (História da imprensa brasileira), para citar apenas alguns. É com a contribuição desses autores e a análise sistemática dos quadrinhos (a partir da observação da trajetória do personagem Professor Magistério) que esta pesquisa buscou entender algumas representações e estereótipos do professor, do seu ofício e as situações que o docente se depara no exercício de sua profissão, já que, como produção cultural, a *Revista do Professor* pode ter influenciado um bom número de docentes, que, muitas vezes, internalizaram o seu discurso considerando-o como seu.

Palavras-chave: História da educação; imprensa de educação e ensino; *Revista do Professor*, Porto Alegre/RS; humor; quadrinhos; estereótipo; representação.

ABSTRACT

Revista do Professor, a journal created in 1984 by CPOEC (*Centro de Pesquisas e Orientações a Exames e Concursos*), a press center of research and guidelines to tests and public contests, in a time of political redemocratization in Brazil (after the civil-military dictatorship period) in Porto Alegre/RS, which stands for informing, guiding, interpreting facts and ideas and disseminating new knowledge, was quickly consumed all over the country, mainly by Elementary School teachers. This study tells its history and presents to the reader the representations from the comics of the amusing section called *Aventuras do Professor Magistério* ["Adventures of Professor Magisterium"], emphasizing how the different and simultaneously peculiar experiences of the teachers' profession were showed by a humorous perspective. Considering the time cutting of this research, from 1985 (publication of its first volume) until 2011 (editorial staff change), by means of analyzing 108 editions of the journal, this study aimed at observing the context which surrounded the *Revista do Professor* release, its organization and maintenance; mapping the most important targets of the journal through the investigation of its editions; presenting briefly its sections in order to bring the reader closer to its content; and, finally, examining the comics designed to the comic column of the *Journal*. Many authors contributed to this study: Denice Barbara Catani and Maria Helena Camara Bastos (History of education and education and teaching press), Dominique Maingueneau (Discourse analysis), Henri Bergson (History of the comic), Michael Baxandall (Comic images examination), Peter Burke (Cultural history and images), Roger Chartier (Cultural history, press, images and representations), Tania Regina de Luca (Brazilian press history), just to mention some of them. This is with the contribution of those authors and the systematic analysis of the comics (through observing the Professor Magisterium's trajectory as a character) that this research intended to understand some representations and stereotypes of teachers and their profession, as well as the situations in which educators were involved when working, taking into account that *Revista do Professor*, as a cultural production, may have influenced a great number of teachers who internalized its discourse many times, taking it as their own discourse.

Keywords: History of education; education and teaching press; *Revista do Professor*, Porto Alegre/RS; humor; comics; stereotypes; representation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ESTREIA DAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (1986)	21
FIGURA 2 – PRIMEIRA CARICATURA PUBLICADA NO BRASIL (1837).....	38
FIGURA 3 – QUADRINHOS DO PRIMEIRO EXEMPLAR DA REVISTA <i>O TICO-TICO</i> (1905).....	41
FIGURA 4 – SEÇÃO “LIÇÕES DO VOVÔ”, REVISTA <i>O TICO-TICO</i> (30 JUL. 1930)	43
FIGURA 5 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (ABR./JUN. 1986)	47
FIGURA 6 – CHARGE DE SAMPAULO NA PRIMEIRA <i>REVISTA DO PROFESSOR</i> (1985).....	49
FIGURA 7 – ALGUMAS CAPAS DA PRIMEIRA DÉCADA DA <i>REVISTA DO PROFESSOR</i>	55
FIGURA 8 – ALGUMAS CAPAS DA DÉCADA DE 1990 DA <i>REVISTA DO PROFESSOR</i>	56
FIGURA 9 – LANÇAMENTO DA <i>REVISTA DO PROFESSOR</i> (1984).....	57
FIGURA 10 – CERIMÔNIA DE LANÇAMENTO DA <i>REVISTA DO PROFESSOR</i> (1984)	57
FIGURA 11 – CAPA DA EDIÇÃO DE NÚMERO 104 (2010)	62
FIGURA 12 – COMPLETE SUA COLEÇÃO	63
FIGURA 13 – ENCARTE VENDA COLEÇÃO COMPLETA	63
FIGURA 14 – “FAÇA SUA ASSINATURA” (1987)	64
FIGURA 15 – “ASSINE” (1995)	64
FIGURA 16 – PEDIDO DE ASSINATURA (2008)	65
FIGURA 17 – PRIMEIRO EDITORIAL DA <i>REVISTA DO PROFESSOR</i> (1985)	66
FIGURA 18 – ALGUMAS IMAGENS DA <i>REVISTA DO PROFESSOR</i>	67
FIGURA 19 – FOTOGRAFIAS DA MANCHETE “DRAMATIZAÇÃO E APRENDIZAGEM” (1986).....	68
FIGURA 20 – PRIMEIRA PUBLICIDADE DA <i>REVISTA DO PROFESSOR</i> (1985).....	70
FIGURA 21 – PUBLICIDADE DA LIVRARIA DO GLOBO NA <i>REVISTA DO PROFESSOR</i> (1986)	71

FIGURA 22 – ELEIÇÕES DIRETAS NAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO” (1986)	74
FIGURA 23 – SEÇÃO “HUMOR” (1985)	75
FIGURA 24 – SEÇÃO “EM FOCO”, <i>REVISTA DO PROFESSOR</i> (1995)	77
FIGURA 25 – SEÇÃO “AO PROFESSOR MUNICIPAL” (1999)	79
FIGURA 26 – SEÇÃO “EDUCAÇÃO INFANTIL” (2007)	80
FIGURA 27 – SEÇÃO “EDUCAÇÃO INFANTIL” (2009)	81
FIGURA 28 – SEÇÃO “PALAVRA DO LEITOR” (1996)	85
FIGURA 29 – SEÇÃO “SALA DE AULA” (2007)	86
FIGURA 30 – SEÇÃO “SALA DE AULA”, NÚMERO 1 (1985)	87
FIGURA 31 – SEÇÃO “SALA DE AULA”, NÚMERO 12 (1987)	89
FIGURA 32 – DETALHE DA SEÇÃO “SALA DE AULA”, NÚMERO 12 (1987)	90
FIGURA 33 – MATÉRIA “USE CORRETAMENTE O QUADRO PARA GIZ” (1985)	94
FIGURA 34 – REPORTAGEM “SEXO E TÓXICO NA ADOLESCÊNCIA”, 1985	95
FIGURA 35 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (N. 5, 1986)	99
FIGURA 36 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (N. 9, 1987)	100
FIGURA 37 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR LUCA RISI (N. 39, 1994)	101
FIGURA 38 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR LUCA (N. 42, 1995)	102
FIGURA 39 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR JUSKA (N. 46, 1996)	103
FIGURA 40 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR VILANOVA (N. 77, 2004)	104
FIGURA 41 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR VILANOVA (N. 93, 2008)	105
FIGURA 42 – DETALHE DAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (N. 5, 1986)	106
FIGURA 43 – O PROFESSOR MAGISTÉRIO DO LUCA (N. 42, 1995)	107
FIGURA 44 – PROFESSOR MAGISTÉRIO DO JUSKA (N. 67, 2001)	108

FIGURA 45 – PROFESSOR MAGISTÉRIO DO VILANOVA (DETALHE, N. 77, 2004)	108
FIGURA 46 – DETALHE DAS “AVENTURAS”, POR ADÃO (ABR./JUN. 1988)	109
FIGURA 47 – DETALHES DAS “AVENTURAS”, POR ADÃO (JUL./SET. 1990)	110
FIGURA 48 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (JUL./SET. 1990)	110
FIGURA 49 – DETALHE DAS “AVENTURAS”, POR ADÃO (JUL./SET. 1988)	111
FIGURA 50 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (JUL./SET. 1988)	111
FIGURA 51 – DETALHE DAS “AVENTURAS”, POR LUCA RISI (ABR./JUN. 1993)	112
FIGURA 52 – EXPECTATIVAS FRUSTRADAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO, POR LUCA RISI	113
FIGURA 53 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR LUCA RISI (OUT./DEZ. 1994)	114
FIGURA 54 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR LUCA RISI (JUL./SET. 1995)	115
FIGURA 55 – DETALHE DAS “AVENTURAS”, POR LUCA RISI (JUL./SET. 1994)	116
FIGURA 56 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR JUSKA (JAN./MAR. 2003)	116
FIGURA 57 – SALÁRIO DO PROFESSOR MAGISTÉRIO, POR JUSKA (1997 E 1999)	117
FIGURA 58 – O BAIXO SALÁRIO DO PROFESSOR MAGISTÉRIO, POR JUSKA (2002)	118
FIGURA 59 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR VILANOVA (2007 E 2009)	119
FIGURA 60 – A DEDICAÇÃO DO PROFESSOR NAS “AVENTURAS”, POR LUCA (1995)	121
FIGURA 61 – A DEDICAÇÃO DO PROFESSOR NAS “AVENTURAS”, POR JUSKA (1996)	122
FIGURA 62 – A MOTIVAÇÃO NAS “AVENTURAS” DE LUCA (1991 E 1993)	123
FIGURA 63 – A MOTIVAÇÃO NAS “AVENTURAS” DE JUSKA (1996)	123
FIGURA 64 – PROFESSOR DETENTOR DO CONHECIMENTO, POR LUCA (1995)	124
FIGURA 65 – PROFESSOR DETENTOR DO CONHECIMENTO, POR JUSKA (2002)	124
FIGURA 66 – AS “AVENTURAS”, POR ADÃO (N. 11, 1987 E N. 12, 1987)	126

FIGURA 67 – AS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (N. 17, 1989)	127
FIGURA 68 – DETALHES DAS “AVENTURAS”, POR ADÃO (JUL./SET. 1987).....	128
FIGURA 69 – A RESPONSABILIDADE NAS “AVENTURAS”, POR ADÃO (DETALHE, JUL./SET. 1987)	128
FIGURA 70 – O CASTIGO NAS “AVENTURAS”, POR LUCA (1994).....	130
FIGURA 71 – O CASTIGO NAS “AVENTURAS”, POR JUSKA (1999)	131
FIGURA 72 – O CASTIGO NAS “AVENTURAS”, POR VILANOVA (2004).....	132
FIGURA 73 – OS CONTEÚDOS NAS “AVENTURAS”, POR ADÃO (1986 E 1988).....	133
FIGURA 74 – OS CONTEÚDOS NAS “AVENTURAS”, POR LUCA RISI E VILANOVA (1994-2006).....	134
FIGURA 75 – A MIOPIA DO PROFESSOR MAGISTÉRIO, POR JUSKA (2001)	135
FIGURA 76 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (N. 16, 1988)	136
FIGURA 77 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR LUCA (N. 43, 1995)	137
FIGURA 78 – DETALHES DO CENÁRIO ESCOLAR NAS “AVENTURAS” (1989-2007)	138
FIGURA 79 – DETALHE DAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR LUCA RISI (1992)	141
FIGURA 80 – OS PRÓS E CONTRAS DA PROFISSÃO, POR JUSKA (2002).....	142
FIGURA 81 – O PROFESSOR MAGISTÉRIO DE VILANOVA (2004)	142
FIGURA 82 – DETALHE DAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (1987)	143
FIGURA 83 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR JUSKA (N. 49, 1997)	144
FIGURA 84 – QUADRINHO ATUAL DO QUADRINISTA ADÃO (2014)	145
FIGURA 85 – DESENHO ATUAL DE LUCA RISI (2017).....	146
FIGURA 86 – DESENHO ATUAL DE JUSKA (2016).....	146
FIGURA 87 – DESENHO ATUAL DE VILANOVA (SEM DATA).....	147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 ENTRE DESENHOS E LETRAS OU DA TEORIA QUE NOS CERCA – HISTÓRIA, IMPRENSA, IMAGEM E HUMOR.....	31
1.1 NOVOS RUMOS TEÓRICOS – A HISTÓRIA CULTURAL, NOVOS TEMAS E OBJETOS: IMPRENSA E IMAGEM.....	31
1.2 A QUESTÃO DO RISO – UM CAPÍTULO BEM-HUMORADO	36
1.2.1 Uso e abuso da estereotipia: enquadrando os quadrinhos	44
2 A REVISTA DO PROFESSOR/RS: ESPAÇO DE ATUALIZAÇÃO DO DOCENTE .	53
2.1 OS PRIMEIROS ACORDES DA REVISTA DO PROFESSOR/RS	54
2.1.1 O <i>début</i> da Revista do Professor/RS	54
2.1.2 A questão do papel – a materialidade da Revista do Professor/RS.....	61
2.2 EDITORIAIS EM REVISTA.....	72
2.3 A REVISTA DO PROFESSOR/RS EM FATIAS: DAS SEÇÕES – OU UM BREVE PASSEIO POR SUAS PÁGINAS.....	83
3 A EDUCAÇÃO PELO HUMOR	97
3.1 A REVISTA DO PROFESSOR/RS EM IMAGENS HUMORÍSTICAS	98
3.2 HUMORISTAS EM FOCO	109
3.2.1 E do verbo se fez a carne – Adão, o criador do Professor Magistério.....	109
3.2.2 Luca Risi – um ilustrador detalhista e um professor participativo	112
3.2.3 Os quadrinhos impecáveis de Juska	116
3.2.4 Vilanova – um adeus às “Aventuras”	118
3.3 O QUE REVELAM AS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”? – ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÕES	120
3.3.1 Um mestre dedicado, o bom professor de Luca e Juska.....	121
3.3.2 O aluno indisciplinado de Adão	125
3.3.3 Para a indisciplinada, o castigo	129
3.3.4 Um breve destaque à liberdade de conteúdo pós-Ditadura	132
3.3.5 Retomando e finalizando o capítulo – os estereótipos	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139

FONTE 148
REFERÊNCIAS 148

INTRODUÇÃO

De como as ideias vieram crescendo – o primeiro contato com a fonte

[o homem] no ato de fazer a história [...], numa relação dialética, também é feito por ela. (PASQUINI; TOLEDO, 2014, p. 264).

O apreço pela cultura, memória, história e educação vinha, já há algum tempo, direcionando o meu desejo de realizar uma pesquisa no âmbito do mestrado¹. Então, deparei-me com a tarefa de buscar um objeto de pesquisa, metodologias adequadas, um referencial teórico pertinente e os objetivos apropriados às possibilidades das fontes. Mas como fazer isso vindo de outra área, a de Letras? A saída foi procurar colegas e professores que pudessem me auxiliar e me inspirar nessa empreitada. Surgiu, assim, a questão de como conciliar um projeto individual (meus desejos e ideias) e as questões do trabalho. Essas e outras considerações fizeram desta minha iniciativa, de iniciar uma experiência de pesquisa, algo ainda mais instigante.

As primeiras ideias surgiram com o curso de uma disciplina isolada: “Imprensa e história da educação”, em 2015. A preocupação com a fonte para a realização do trabalho de conclusão da disciplina despertou-me uma lembrança da infância que direcionou o caminho. Minha mãe (que vivia no interior do Paraná e dedicou 40 anos à Educação Infantil) era leitora (e gostava muito!) de uma revista com “relatos de experiências bem-sucedidas”², conforme denominou o próprio periódico. Com a recordação da capa da revista comecei a busca e logo encontrei a *Revista do Professor*, uma publicação idealizada e realizada em Porto Alegre/RS,

¹ Não seria razoável narrar esse contato inicial com a pesquisa sem usar a primeira pessoa do singular. Como, da mesma forma, não parece justo que todo o resto do texto permaneça na primeira pessoa. A construção desta dissertação é coletiva, foi realizada com a ajuda de muita gente, que, de alguma maneira, orientou ou colaborou com a sua escrita.

² As expressões prática exitosa e bem-sucedida são recorrentes na revista objeto desta pesquisa: “A Revista do Professor, voltada inteiramente para a educação pré-escolar, ensino fundamental e educação especial, divulga artigos técnicos, materiais didáticos pedagógicos, **relatos de experiências bem sucedidas ocorridas em sala de aula**, projetos educacionais com resultados parciais ou totais satisfatórios e que possam interessar a todos os educadores, bem como outros assuntos e reportagens de interesse imediato ou correlatos à educação”. (Você pode ser um colaborador desta Revista, *Revista do Professor*, 1990, n. 22, p. 15, grifo nosso).

Mesmo que fique extensa a forma de referência das citações retiradas da *Revista do Professor*/RS, optamos, neste trabalho, por sempre apresentar o título da coluna à qual pertence o recorte realizado como forma de localizar o leitor em relação ao conjunto do periódico e, de alguma maneira, familiarizá-lo em relação aos seus temas.

criada em 1984 e em circulação até 2016³. A ideia de conhecer e pesquisar os conteúdos dessa revista apresentou-se como uma proposta pertinente e de interesse para a produção acadêmica da história da educação e, de certo modo, conciliava meu fascínio por conhecer novas histórias e contribuir por trazê-las à tona.

Ao ir elaborando o trabalho, muitas questões foram surgindo, entre elas, a ideia de conhecer mais sobre os conteúdos e a história da *Revista do Professor/RS*. A leitura do periódico permitiu que, aos poucos, suas imagens fossem tomando conta do foco principal da pesquisa. Assim, tendo a imagem como fonte sedutora e instigante, comecei a delinear algumas questões que foram dando uma direção inicial para a presente pesquisa. Qual a importância das imagens que estão presentes nas páginas da *Revista do Professor/RS*? Quem eram seus desenhistas e o que tinham como tema de produção? Necessitava conhecer melhor a *Revista*, adentrar suas páginas e me aproximar de seu conteúdo. A ideia, então, foi ganhando corpo e outras possibilidades foram sendo descortinadas.

Da palavra à imagem, da imagem ao humor – o percurso trilhado

[...] há, no fundo de [quase] toda pesquisa documentária, um resíduo de inopinado.
(BLOCH, 2001, p. 87).

Depois desse contato inicial com a *Revista do Professor/RS*, passamos a uma análise mais profunda da fonte, que pudesse dar conta de sua materialidade (periodicidade, cor, formato, imagens, número de páginas, uso/ausência de publicidade, etc.), bem como do conteúdo que ela veiculava, das relações que mantinha com o mercado, da publicidade, do público a que se destinava, dos seus objetivos, etc.⁴ Aspectos importantes, estes últimos, para compreender sua função social e seu lugar na história da imprensa e da educação. Também buscamos, a partir de minuciosa pesquisa realizada nas próprias páginas da *Revista do*

³ A *Revista do Professor/RS*, criada em 1984 (ano de sua fundação), no Rio Grande do Sul, caracterizou-se como um empreendimento da Editora CPOEC (Centro de Pesquisas e Orientações a Exames e Concursos). Desde 2012, após o falecimento de seu fundador, ela passou a ser editada pela Editora do Professor, de Belo Horizonte/MG. Para conhecer seus números mais recentes, acesse: <<http://www.editoradoprofessor.com.br/revista.php?LISTA=menu&MENU=44>>. Conforme o *site* da *Revista*, seu último número circulou em 2016, ou seja, quando iniciamos esta pesquisa o periódico ainda estava em circulação.

⁴ Com base no texto de Tania Regina de Luca: “Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos”.

*Professor/RS*⁵, informações sobre o seu surgimento, sua relação com leitores e colaboradores, seus principais dinamizadores, educadores, desenhistas e demais figuras que participaram da *Revista*, enfim, vestígios que pudessem caracterizar, de alguma maneira, seus bastidores e nos aproximar do grupo que a produziu, na tentativa de entender melhor o lugar de produção dele.

Num segundo momento, quando da organização, seleção e análise prévia das imagens e das reportagens das 108 edições da *Revista do Professor/RS*, que compreendem o período de recorte desta pesquisa – edições publicadas de 1985 (publicação de seu primeiro número) até 2011 (quando ocorre a venda da *Revista* à editora mineira e a mudança de toda a equipe editorial, decorrente do falecimento do diretor, que, até então, a editava ininterruptamente)⁶ –, a pesquisa tomou novos rumos. Nessa etapa, num contato ainda mais intenso com a fonte, nos deparamos com algumas dificuldades. A *Revista do Professor/RS* é demasiadamente ilustrada. Era necessário, então, filtrar essas imagens. Foi quando surgiu a questão da autoria. As imagens da *Revista* não são assinadas. O crédito geral aparece na ficha técnica do periódico. No entanto, além de, muitas vezes, o crédito ser dado a mais de um ilustrador para cada edição (o que dificultaria a identificação de quem desenhou o quê), em contato informal com uma das desenhistas descobrimos que nem sempre os nomes podem ter sido creditados corretamente. Sem falar que uma mesma imagem pode ter sido desenhada por mais de um ilustrador, o que era muito comum na área e na época, já que a questão da preocupação com a autoria, como temos hoje, é algo recente⁷. A situação, então, deu uma guinada na pesquisa. Optamos, assim, pela análise da seção **Humor**, pois, além de ser um objeto de análise muito rico, o próprio quadrinho é assinado pelo desenhista.

⁵ Os números da *Revista do Professor/RS* que correspondem aos dois primeiros anos de publicação foram gentilmente viabilizados pelas bibliotecárias Doracy Custódio Rossini e Ester Batista Carvalho Mota, da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – nosso imenso agradecimento a elas. Os demais números foram xerocopiados e/ou digitalizados por meio da Biblioteca de Humanas da Universidade Federal do Paraná e da Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Nosso agradecimento também às bibliotecárias Cristiane Rodrigues da Silva e Maria Teresa Alves Gonzati, da Biblioteca de Educação do Campus Rebouças, da Universidade Federal do Paraná, pela viabilização de alguns números antigos.

Ressaltamos que, em virtude da dificuldade de acesso e qualidade ruim de algumas imagens, para pesquisa futura pretendemos viabilizar a digitalização da coleção inteira e, de alguma forma, facilitar o acesso – quem sabe através de um repositório digital.

⁶ Sabemos que a escolha de um recorte sempre é arbitrária – característica de qualquer seleção. Assim, a opção pelo ano da morte de seu principal dinamizador como ponto final para nosso recorte temporal foi uma tentativa de destacar o fim de um ciclo, que começou com a fundação do periódico, em 1984, e finalizou com a mudança da equipe editorial, ou seja, optamos por um período marcado por dinâmicas próprias de um mesmo grupo.

⁷ Sobre a questão da autoria, ver: CONRADO, Marcelo Miguel. **A arte nas armadilhas dos direitos autorais: uma leitura dos conceitos de autoria, obra e originalidade**. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

Então, a partir de uma análise prévia das páginas humorísticas da *Revista do Professor/RS* resolvemos verificar as representações que derivam dos quadrinhos produzidos para a seção de humor “Aventuras do Professor Magistério”. Como foram apresentadas, pela perspectiva do humor, as diferentes e ao mesmo tempo peculiares experiências do ofício do professor na referida coluna. No entanto, como a aparição do personagem Professor Magistério só ocorre na quinta edição do periódico, para a observação das representações do professor e do magistério nos detemos aos quadrinhos em que o personagem aparece, considerando que é o período que a seção “Aventuras do Professor Magistério” fica na responsabilidade da editora gaúcha⁸.

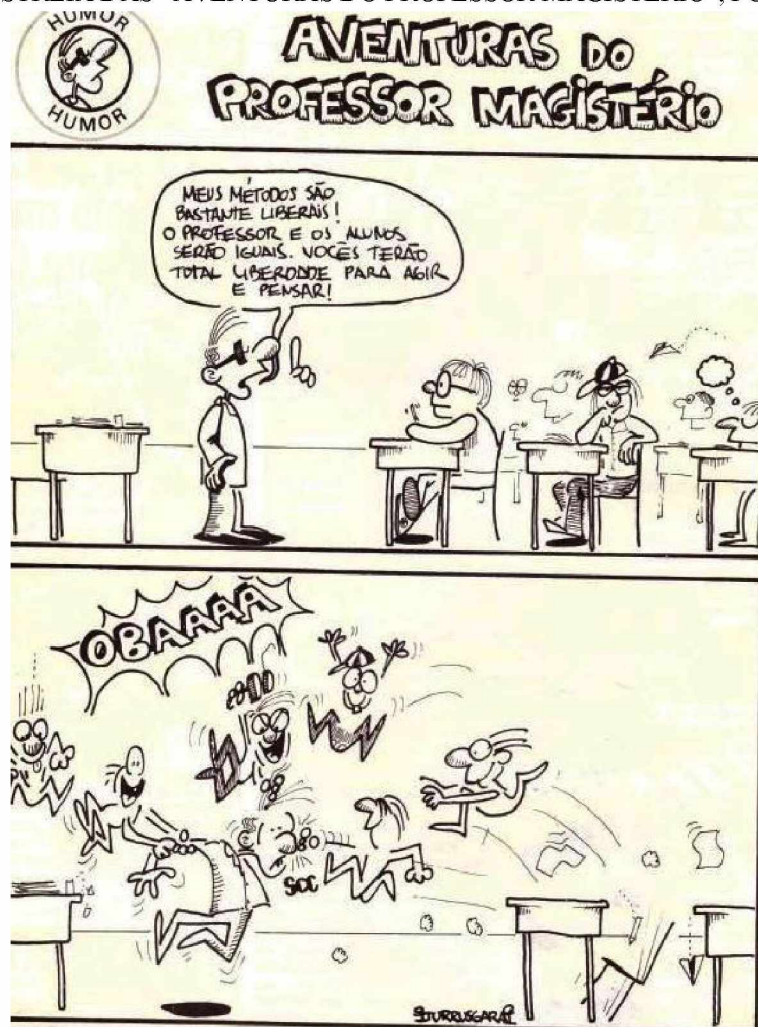
O personagem Professor Magistério foi criado, em 1986, pelo desenhista gaúcho Adão Iturrusgarai⁹. A sua primeira aparição na *Revista do Professor/RS* acrescenta novo título à seção (que até então se chamava somente **Humor**): “Aventuras do Professor Magistério”. Ela ocorre já na primeira edição de 1986 (número cinco) e trata, ironicamente, da questão da democracia.

Os primeiros quadrinhos apresentam uma perspectiva que irá marcar bastante a primeira fase de publicação da coluna (de responsabilidade do humorista Adão): do professor que sempre se dá mal e que, geralmente, é desprezado pelos alunos. Veja os quadrinhos de estreia na página a seguir:

⁸ As “Aventuras do Professor Magistério” não circularam em algumas edições da *Revista do Professor/RS*, como na n. 92 (out./dez. 2007), n. 96 (out./dez. 2008), n. 98 (abr./jun. 2009), n. 103 (jul./set. 2010), n. 105 (jan./mar. 2011). Ressaltamos que, depois que a editora mineira assumiu a *Revista*, em 2012, não encontramos mais os quadrinhos das “Aventuras do Professor Magistério”. A seção parece ter sido substituída pela publicação de charges.

⁹ Adão Iturrusgarai nasceu em Cachoeira do Sul/RS, em 1967. Foi um dos fundadores e editor da revista *Dundum*, que circulou no Rio Grande do Sul entre 1989 e 1992. Ainda jovem mudou-se para São Paulo, onde trabalhou como desenhista, redator e editor da revista *Big Bang* e dividiu um sobrado com Jaca (o primeiro ilustrador da *Revista do Professor/RS*). Nos anos 1990, Adão, em conjunto com os cartunistas Angeli (1956), Glauco (1957-2010) e Laerte (1951), ficou muito conhecido com os quadrinhos “Los Três Amigos”, da revista *Chiclete com banana*. Na década de 1990 também começou a circular na *Folha de S. Paulo* um grande sucesso seu: a dupla de caubóis gays “Rocky & Hudson”, que tinha o objetivo de ironizar o machismo gaúcho. Os nomes dos personagens fazem referência ao ator hollywoodiano Rock Hudson (1925-1985), que fez vários filmes *western*. O ator, que era homossexual, foi a primeira celebridade a morrer de AIDS. Adão é também o criador da personagem “Aline”, que virou minissérie da Rede de Televisão Globo: uma jovem bem libertária, que tem dois namorados e possui um forte apetite sexual. Atualmente o artista mora na Argentina e publica no jornal *Folha de S. Paulo*, no periódico *Le Monde Diplomatique* e na revista *Fierro* (Argentina). Mais detalhes no *blog* do artista. Disponível em: <<https://adaoiturrusgarai.wordpress.com/o-autor-2/>>. Acesso em: 16 maio 2017.

FIGURA 1 – ESTREIA DAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (1986)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 5 (1986, p. 42).

No primeiro quadrinho os alunos parecem entediados, um deles está emburrado, outro dormindo, um aviãozinho de papel circula pela sala. O professor (caricaturizado pelos óculos) discursa em tom democrático: “Meus métodos são bastante liberais! O professor e os alunos serão iguais. Vocês terão total liberdade para agir e pensar.” A fala do professor é interpretada com grande euforia pelos alunos, retratada no segundo quadrinho. O ponto de vista é bastante comum: democracia como sinônimo de confusão.

Para trabalhar com o conceito de representação, nos valem os pressupostos de Roger Chartier: de que as representações culturais, produzidas por indivíduos e grupos, são produtos de realidades sociais, constituem estratégias, discursos e práticas travados em meio a lutas sociais de poder. Também compartilhamos a ideia de que a análise da representação

inscrita no texto contribui para a compreensão do processo pelo qual a identidade do sujeito é formada. Nas palavras do historiador francês:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Quanto aos objetivos específicos, esta pesquisa pretendeu observar o contexto que envolveu o lançamento, a organização e a manutenção da *Revista do Professor/RS*, por meio de análise bibliográfica e da própria fonte e, quando disponível, também de outras fontes pertinentes para o estudo. Na pesquisa, ainda, se teve a intenção de mapear, conforme nosso recorte temporal (1985-2011), os principais objetivos e a linha editorial do periódico, por meio da análise de seus editoriais, como, também, foi realizada uma apresentação de suas seções (para aproximar o leitor do conteúdo da *Revista*), dando ênfase às imagens que compuseram o *corpus* do periódico e, na sequência, à seção **Humor**. Isso sem perder de vista a ideia de que as imagens¹⁰ e reportagens, principalmente a coluna de humor (nosso objeto de análise), estão organicamente ligadas ao todo da *Revista* e buscam “[...] conquistar a adesão de quem olha e, mais ou melhor do que o texto ao qual está associada, produzir persuasão e crença”. (CHARTIER, 1998a, p. 16). Por fim, a ideia foi analisar os quadrinhos que compõem a seção de humor do periódico, buscando entender as representações de professor, do seu ofício e as situações que o docente se depara no exercício de sua profissão, presentes na trajetória do personagem Professor Magistério.

Além do que já foi exposto, destacamos que formulamos algumas questões que orientaram o desenvolvimento da investigação: Quem eram os idealizadores e produtores dos conteúdos da *Revista do Professor/RS*? De que “lugares” eles falavam? Quais são as características centrais da *Revista*? Quem eram seus desenhistas? Que tipo de imagem permeia suas páginas? Qual é o grau de importância das imagens na *Revista do Professor/RS*? Quais são suas funções? Elas são constantes? A imagem descreve, trabalha com símbolos, persuade, normatiza ou chama atenção para sua técnica/linguagem ou suporte? Ela sugere significados sobrepostos? Ou ressalta emoções e sentimentos? Quais são os principais temas

¹⁰ Quanto às imagens, o que fazemos é tentar transpor para a linguagem textual a linguagem visual, conforme Michael Baxandall destaca sobre a análise da obra de arte, em *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros* (2006, p. 31): “[...] nós não explicamos um quadro, explicamos observações sobre um quadro.”

escolhidos para a seção **Humor**? O que os quadrinhos representam? Como o professor e seu ofício são representados? Como as situações que o professor se depara são problematizadas pelo humorista? Os quadrinhos de humor revelam conflitos existentes na relação aluno-professor-escola? Quando da alteração do desenhista, como o personagem Professor Magistério passa a ser retratado na seção **Humor**? Enfim, há um equilíbrio entre a *Revista do Professor/RS* como um todo e a coluna de humor? Os quadrinhos trazem elementos novos? Existe uma contraposição?

Essas perguntas serviram para direcionar a análise, não necessariamente são aqui respondidas. A importância da formulação delas está alicerçada nos pressupostos de Marc Bloch, em *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*:

[...] toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a busca tenha uma direção. No princípio, é o espírito. Nunca [em nenhuma ciência,] a observação passiva gerou algo de fecundo. [...] O explorador sabe muito bem, previamente, que o itinerário que ele estabelece, no começo, não será seguido ponto a ponto. Não ter um, no entanto, implicaria o risco de errar eternamente ao acaso. (BLOCH, 2001, p. 79).

Das interlocuções bibliográficas ou o desafio da revisão de literatura

[...] No discurso cotidiano de qualquer pessoa que vive em sociedade (em média), pelo menos a metade de todas as palavras são de outrem reconhecidas como tais, transmissíveis em todos os graus possíveis de exatidão e imparcialidade (mais exatamente, de parcialidade). (BAKHTIN, 1993, p. 139-140).

Numa observação ao panorama de estudos a propósito da história da educação brasileira, atualmente, nos deparamos com uma pluralidade de pesquisas e uma variedade de pesquisadores, oriundos de regiões diversas e com diferentes formações – cada um com suas peculiaridades de estudo: objetos, fontes, interrogações, inclinações de pesquisa. As circunstâncias exigem uma renovação constante das práticas historiográficas. É o que vem acontecendo e indica “[...] que há diversas maneiras de fazer história da educação”¹¹. (FARIA FILHO; VIDAL, 2003, p. 24).

¹¹ No século XX, a historiografia (principalmente francesa) questionou a limitação das fontes oficiais, bem como a sua “objetividade”. Esse questionamento gerou um alargamento de fontes possíveis e a constatação da subjetividade intrínseca presente em qualquer fonte.

Desse modo, reunir uma seleção de textos sobre os diferentes usos da imprensa (e também do humor) como objeto de investigação é uma tarefa árdua. Desde o alargamento das fontes de investigação multiplicaram-se os trabalhos que utilizam a imprensa de educação e ensino (ou não) como fonte e/ou objeto de pesquisa¹². Muitos autores renomados já se debruçaram sobre ela: António Nóvoa (1993), Cynthia Pereira de Sousa (2002), Denice Barbara Catani e Maria Helena Camara Bastos (2002), para citar apenas alguns.

Mesmo assim, algumas obras e autores serviram como verdadeiros manuais para a realização desta pesquisa. É o caso do texto “Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos”, de Tania Regina de Luca (2010). A partir da leitura dele verificamos a necessidade de inquirir corretamente a nossa fonte de pesquisa. No texto, a autora apresenta uma breve história de como surgiram e como vêm sendo estudadas as fontes impressas, apresentando ao leitor questões essenciais que devem ser observadas quando da utilização do periódico como fonte de pesquisa, como, por exemplo, qual o conteúdo que a revista veiculava? a que público se destinava? quais eram seus objetivos?, etc.

É também o caso do livro de Maria Helena Camara Bastos e Denice Barbara Catani: *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. A obra, organizada pelas autoras citadas, reúne pesquisadores da história da educação do Brasil e do exterior em torno do tema imprensa periódica de educação e ensino¹³. Para as autoras, a imprensa

[...] é um excelente observatório, uma fotografia da ideologia que preside. Nessa perspectiva, torna-se um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar. (CATANI; BASTOS, 2002, p. 5).

O livro em questão demonstrou um importante alinhamento com a presente pesquisa, principalmente no que se refere à interlocução com o texto de Maria Helena Camara Bastos sobre a *Revista do Ensino*, de Porto Alegre/RS, intitulado “As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a *Revista do Ensino* do Rio Grande do Sul (1951-1992)”. Conforme

¹² A publicação da coleção “Fazer história” (1974), organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora, ajuda na compreensão parcial desse processo de valorização da imprensa como fonte de pesquisa.

¹³ O livro é composto por oito artigos, um sobre periódicos portugueses (de António Nóvoa); outro acerca da imprensa periódica de educação e ensino francesa (de Pierre e Penélope Gaspard); três artigos relativos a periódicos pedagógicos gaúchos (um deles de Maria Helena Camara Bastos); e outros três dedicados a revistas paulistas (um deles de Cynthia Pereira de Sousa). Ao fim, nos deparamos com um interessante apêndice que apresenta informações relacionadas à imprensa de educação e ensino brasileira, de 1808 a 1944.

será apresentado no decorrer desta dissertação, a *Revista do Professor/RS* anuncia, já em seu primeiro número, o objetivo de suprir a falta da *Revista do Ensino/RS*¹⁴, que a antecede, sugerindo uma posição de herdeira do periódico já consagrado.

Outro texto de Bastos sobre a *Revista do Ensino* do Rio Grande do Sul, “Pedagogia da ilustração: uma face do impresso”, escrito em parceria com Elizandra Ambrosio Lemos e Fernanda Busnello (2007), também contribuiu para esta pesquisa. A partir de uma aguçada análise de mais de 100 números da *Revista do Ensino/RS* (1951-1978) – precisamente das capas, contracapas e suplementos didáticos –, as pesquisadoras destacam a importância, para os historiadores da educação, do estudo das imagens, afirmando que seus registros podem sinalizar “[...] para uma leitura do cotidiano das escolas e das práticas educativas engendradas pela equipe editorial – pelo que mostram, pelo que silenciam e pelos sentidos que produzem”. (BASTOS; LEMOS; BUSNELLO, 2007, p. 43).

Numa ampla pesquisa que fizemos em bancos de dissertações e teses, encontramos também outros trabalhos bem interessantes. No entanto, a ideia de um levantamento e seleção de textos produzidos na história da educação sobre imprensa de educação e ensino (e ilustração e humor), de certa maneira, sempre nos incomodou, dada a variedade de trabalhos que fazem *história dos, nos e por meio dos periódicos* – em referência à Tania Regina de Luca (2010) – e também ao sentimento de arbitrariedade presente na ideia de seleção¹⁵. A partir dessas diversas leituras, e diante desse sentimento inquietante de análise, optamos por trazer ao leitor um recorte mais sucinto de pesquisas que dialogassem de forma mais direta com este trabalho. Um dos critérios foi trazer trabalhos sobre revistas pedagógicas contemporâneas à nossa, bem como com um recorte temporal semelhante, visando justificar a importância da presente dissertação de mestrado no panorama bibliográfico da produção de pesquisas em história da educação no Brasil. Na sequência apresentamos rapidamente essas pesquisas.

A tese de doutorado “A revista *Nova Escola*: política educacional na ‘Nova República’”, defendida em 1999, por Leda Aparecida Pedroso, analisou as concepções e os

¹⁴ A *Revista do Ensino/RS* foi fonte/objeto de diversos trabalhos de Maria Helena Camara Bastos, em razão de sua pesquisa de doutorado “O novo e o nacional em revista: a *Revista do Ensino* do Rio Grande do Sul (1939-1942)”. A sua tese foi defendida em 1994, na Universidade de São Paulo (USP).

¹⁵ O que queremos destacar é que outro pesquisador poderia optar por uma seleção diferente da nossa, daí a arbitrariedade.

posicionamentos da revista *Nova Escola*¹⁶ quanto à democracia e à democratização da educação no período da Nova República (1986-1989), por meio de dois pontos de vista: o texto (artigos, matérias e reportagens) e o contexto. Dada a parceria da revista com o Estado, que proporcionou grande circulação do periódico nas escolas, como também a forma de tratamento dos fatos, a autora optou por analisá-la na perspectiva dos meios de comunicação de massa, como parte integrante da indústria cultural, destacando concepções e posicionamentos tomados por ela quanto à democratização da educação no período recortado. Seu trabalho foi fundamental para compreendermos o período histórico de fundação da *Revista do Professor/RS*, objeto desta pesquisa (já que o recorte temporal da autora perpassa o nosso), bem como as disputas e os debates travados na arena educacional.

A “*Revista Nova Escola: discursos, saberes e práticas pedagógicas no ensino de história – 1986-1995*”, tese de doutorado produzida por Maria Lucia Morrone, em 2003, igualmente tem como objeto de estudo a revista *Nova Escola*. Nela, a autora identifica as representações e as concepções teórico-metodológicas dos discursos publicados na revista sobre o ensino de história e conclui que o periódico, reforçando sua intenção prescritiva, tornou-se porta-voz das políticas e ações públicas da educação, desempenhadas por comunidades escolares que seguiam as diretrizes governamentais. A pesquisa de Morrone, para este trabalho, pela semelhança em muitos aspectos entre as duas revistas (*Nova Escola* e *Revista do Professor/RS*), foi essencial para uma maior clareza quanto às ideias de prescrição pedagógica e representação.

Ainda tendo como objeto de pesquisa a revista *Nova Escola*, a tese “O ensino de história na revista *Nova Escola* (1986-2002): cultura midiática, currículo e ação docente”, de Márcia Elisa Teté Ramos, de 2009, discute como a revista em questão organiza seu próprio modelo curricular e como os professores da disciplina de história apropriam-se desse

¹⁶ A revista *Nova Escola* (contemporânea à *Revista do Professor/RS*) foi criada em 1971, com o nome *Escola para Professores*, pela Editora Abril. Em 1974 o periódico interrompeu as suas atividades (depois da publicação de 27 edições) voltando ao mercado editorial em março de 1986, utilizando então o nome *Nova Escola*, isso depois da criação, em 1985, da Fundação Victor Civita. Segundo Pedroso (1999), o retorno foi possível graças ao apoio da iniciativa privada e do Ministério da Educação, que assinou um contrato com a Fundação Victor Civita de distribuição mensal da revista para 220.000 escolas públicas de todo o Brasil, o que lhe proporcionou um grande sucesso. Em 1989, a revista chegou a 384 mil exemplares, conforme Pedroso (1999). Ramos (2009, p. 51) também destaca a importância dessa parceria para a manutenção da revista *Nova Escola*: “Durante os primeiros cinco anos de sua circulação, o Ministério da Educação arcava com 70% do custo de *Nova Escola*. A partir de 1991, durante o governo de Fernando Collor de Mello, o convênio entre o MEC e a Fundação Victor Civita não foi renovado, o que resultou na redução drástica da tiragem, de 370 mil para 04 mil, demonstrando a importância do subsídio estatal para que a revista pudesse permanecer ‘viva’”. Como veremos, a parceria com o Estado também foi uma prática da *Revista do Professor/RS*.

currículo. O recorte temporal da pesquisa deu conta do período de 1986 a 2002. Para nós, duas questões são de grande valia: a discussão sobre a relação “emissor-(*Revista*)” e “receptor-(professor-leitor)” – na perspectiva do teórico Roger Chartier –; e a utilização do conceito de cultura midiática, “[...] uma cultura pensada, produzida e disseminada por intermédio dos conglomerados empresariais da comunicação, da informação e do entretenimento”. (RAMOS, 2009, p. 1-2). A revista *Nova Escola* é analisada pela autora como “produto próprio da cultura midiática”, e sendo a *Revista do Professor/RS* muito parecida com a *Nova Escola*, algumas questões levantadas por Ramos servem também para pensarmos a revista gaúcha.

Roselaine Ripa, em sua tese de doutorado “*Nova Escola* – ‘a revista de quem educa’: a fabricação de modelos ideais do ser professor”, defendida em 2010, mapeou os temas predominantes na revista *Nova Escola* e analisou as representações de professor da Educação Básica que foram sugeridas pelo periódico, de 1986 a 2006. As representações de professor também são foco desta pesquisa, além disso, a ideia de “fabricação de modelos ideais do ser professor” nos encantou desde o título. Afinal, frases de efeito como “professor, seja você também nota 10” não são peculiaridades da revista paulista, a *Revista do Professor/RS* também se valeu do discurso de que o professor é o responsável pelo sucesso da escolarização, de que está em suas mãos o futuro da educação e do país. Na sua tese, Ripa destaca que, com o passar do tempo, a revista *Nova Escola* passou a valorizar as experiências dos professores, que são consideradas como “sucessos” pela revista e servem como verdadeiros “modelos” a serem seguidos pelos professores-leitores. Desde sua fundação, a *Revista do Professor/RS* também trabalhou nesta perspectiva, pois se propunha “[...] a servir de meio de divulgação de experiências educacionais a todas as unidades da Federação.” (Editorial, *Revista do Professor*, 1985, n. 2, p. 3).

Na pesquisa que realizamos para a construção de uma revisão de literatura consistente, nos deparamos também com importantes trabalhos relacionados à imagem e ao humor. Um desses trabalhos é a tese de Paula Viviane Ramos (2007) sobre ilustração, fundamental para entendermos, principalmente, o lugar marginal ocupado pela ilustração dentro, até mesmo, da história da arte¹⁷. A pesquisa teve como objeto de estudo livros ilustrados por três artistas da Editora da Livraria do Globo: João Fahrion, Edgar Koetz e

¹⁷ Como veremos, nos parece que os quadrinhos (e, conseqüentemente, o humor) também ocupam um lugar marginal dentro da história da educação.

Nelson Boeira Faedrich. Utilizando-se dos pressupostos da história cultural, a autora discute as inovações da obra gráfica desses artistas, a influência da experiência nas suas poéticas e a constituição de uma modernidade visual no estado do Rio Grande do Sul.

Já quanto ao humor, localizamos pouquíssimos trabalhos no âmbito da história da educação brasileira. “A história em quadrinhos: uma abordagem bakhtiniana”, dissertação de Paulo Roberto Gomes Pato (2007), apesar de ser direcionada à utilização dos quadrinhos em sala de aula, é interessante pois nos apresenta o processo que caracterizou a repulsa e a aproximação dos quadrinhos em relação ao ensino e à aprendizagem. Buscando analisar as potencialidades pedagógicas do objeto, o autor recupera a história da relação dos quadrinhos com as instituições que tentaram regular o conteúdo dessas publicações no Brasil, como a Associação Brasileira de Educação (ABE) e o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), até chegar aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Embora faça isso de forma muito rápida, o seu trabalho nos faz refletir sobre um lugar ainda periférico que os quadrinhos e o humor parecem ter na própria história da educação, que pode explicar a dificuldade que enfrentamos em encontrar pesquisas sobre esses temas dentro do campo.

Com uma visão um pouco geral sobre o humor, mas também interessante para esta pesquisa, localizamos a dissertação de mestrado “Humor gráfico: o sorriso pensante e a formação do leitor” (2008), de Ivam Cabral da Silva, que se deteve a investigar a contribuição da charge e do cartum na formação do leitor reflexivo. O trabalho de Silva é de amplo fôlego, já que o autor trabalhou com um extenso *corpus* de charges e cartuns presentes nos mais variados suportes (catálogos de salões de humor, coletâneas de humor gráfico, etc.), publicados de 1976 a 2006. A sua relevância, para esta pesquisa, está no apanhado histórico, realizado pelo autor, quanto ao percurso do humor gráfico desde a sua gênese até a data final de seu recorte temporal.

A dissertação de mestrado de Thiago Vasconcellos Modenesi, “Educação para abolição: charges e histórias em quadrinhos no Segundo Reinado”, de 2011, explorou a concepção do ideário abolicionista como um processo educativo, por meio da análise da produção humorística do desenhista Angelo Agostini¹⁸, publicada na *Revista Illustrada*, de

¹⁸ O ítalo-brasileiro Angelo Agostini (1843-1910) foi o fundador da *Revista Illustrada* (1876-1891). O sistema monárquico foi alvo constante do caricaturista. Foi também ele que criou o personagem-tipo Zé Caipora, em 1883, na *Revista Illustrada*, que reapareceu em 1901, no *Don Quixote*, e, numa última fase, em 1904, n' *O Malho*. *As Aventuras de Nhô-Quim* e *As Aventuras de Zé Caipora*, do mesmo desenhista, marcam o início da história em quadrinhos no Brasil, a primeira publicada a partir de 1869 e a segunda a partir de 1884. Esta última,

1876 a 1888 (início de circulação da revista até o momento da abolição da escravatura no Brasil). Sua pergunta-chave foi: como as charges e histórias em quadrinhos serviram de acesso ao ideário abolicionista para a sociedade imperial e principalmente para os menos letrados no Segundo Reinado do Império? (MODENESI, 2011, p. 11). Sua pesquisa nos interessa, principalmente, por trabalhar com a ideia da educação do olhar fora da escola.

O artigo de Cláudio de Sá Machado Júnior, “Performances de relações familiares: as charges e seu avesso fotográfico nas representações matrimoniais sul-rio-grandenses (1929-1930)”, publicado em 2014, na revista *Anos 90*, destaca o potencial dos periódicos na investigação acerca das manifestações do social, afinal, ambas, charge e fotografia, são produtos da cultura material humana. O texto tem como objeto de análise as fotografias e as charges da coluna **Bom humor**, do periódico gaúcho *Revista do Globo*. Aproximando as charges das fotografias, a partir da análise de um *corpus* de 50 edições, publicadas entre 1929 a 1930, o autor nos dá uma boa introdução quanto à análise da narrativa humorística.

Por fim, mas de forma alguma menos importante, não poderíamos deixar de citar dois interessantes trabalhos (entre outros produzidos acerca do mesmo tema) sobre a revista *O Tico-Tico* (1905-1962). O primeiro é a dissertação de Maria Cristina Merlo, defendida em 2003, “O Tico-Tico: um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962)”. A pesquisa traz um importante levantamento bibliográfico do conteúdo da revista. O segundo é o texto de Waldomiro Vergueiro e Roberto Elísio dos Santos, “A postura educativa de *O Tico-Tico*: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos”, de 2008. O artigo apresenta *O Tico-Tico* como uma publicação que se caracterizou pela postura didático-pedagógica, preocupada em ser modelo de educação (de civismo, bons costumes e religiosidade para a infância). A revista *O Tico-Tico* foi o primeiro semanário a publicar histórias em quadrinhos e marco das publicações infanto-juvenis no Brasil. Sua tiragem chegou aos 100.000 exemplares por semana, no entanto, na década de 1960, a revista entrou em declínio e começou a diminuir sua periodicidade, passando a publicar volumes mensais e, posteriormente, bimestrais. Depois se dedicou a edições especiais que tinham como público-alvo pais e professores. A sua publicação foi um importante marco, também, na história da educação brasileira.

por meio de críticas exasperadas à sociedade do final do século XIX, traz as peripécias do Zé Caipora, um caipira na cidade grande, “personagem característico do Brasil agrário”. (MARTINS, 2013, p. 527).

* * *

Postas essas informações introdutórias e metodológicas, destacamos que esta dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro é destinado à teoria. Apresentamos nossas interlocuções teóricas e buscamos introduzir rapidamente o leitor ao universo das histórias em quadrinhos. Nosso objetivo é evidenciar a importância do uso da imprensa como fonte de pesquisa, bem como da imagem e do humor como objetos de análise. No próximo capítulo, nos dedicamos a apresentar a *Revista do Professor/RS*, de Porto Alegre. Destacamos como ocorreu sua fundação, trazemos questões importantes sobre sua materialidade e selecionamos alguns editoriais da *Revista* na perspectiva de verificar o perfil identitário do periódico. Finalizamos o capítulo com um breve passeio por suas páginas (nos aproximando de seu conteúdo e ilustrações). O terceiro capítulo é somente de análise. É nele que, finalmente, damos destaque à seção de humor da *Revista do Professor/RS*: “Aventuras do Professor Magistério”. Apresentamos as peculiaridades de cada humorista responsável pela seção e observamos o que revelam as aventuras narrativas (diálogos e imagens) do personagem Professor Magistério a partir da análise de seus principais quadrinhos.

A quem chegou até aqui, resta agora desejar uma boa leitura!

1 ENTRE DESENHOS E LETRAS OU DA TEORIA QUE NOS CERCA – HISTÓRIA, IMPRENSA, IMAGEM E HUMOR

1.1 NOVOS RUMOS TEÓRICOS – A HISTÓRIA CULTURAL, NOVOS TEMAS E OBJETOS: IMPRENSA E IMAGEM

[...] o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa [...]. (BLOCH, 2001, p. 75).

Há algumas décadas era pequeno o número de pesquisas que utilizavam o periódico como fonte de pesquisa no Brasil, isso porque havia certa resistência em fazer história *por meio* da imprensa (LUCA, 2010, p. 111). Nos últimos tempos, acompanhando o aumento do número de estudos históricos sobre educação, cresceram muito as pesquisas relacionadas à imprensa periódica brasileira. Isso porque, em suas páginas, ela pode trazer elementos históricos importantes para a compreensão da história, e mais especificamente para a história da educação e do ensino. Segundo Pasquini e Toledo (2014, p. 266):

Os artigos apresentados em jornais ou revistas podem auxiliar na realização de reflexões sobre os trâmites que perpassam a educação, revelando a multiplicidade própria do processo, bem como superar a mera discussão sobre ideias e práticas pedagógicas, ações restritas à instituição escolar, dando lugar a uma análise que permite a compreensão das relações construídas socialmente contidas nos discursos educacionais e que são reproduzidas por um determinado grupo com interesses, também, determinados.

Dessa maneira, partimos do pressuposto que para tentar entender e interpretar a educação é necessário considerá-la no seu contexto histórico e social, uma vez que educação e história são indissociáveis e que a educação é resultado de diversas determinações sociais. Por isso, quando utilizamos o conteúdo produzido no âmbito da imprensa de educação e ensino como fonte principal de pesquisa, levamos em consideração que “Educação e Imprensa, dois elementos aparentemente desvinculados, [...] se revelam como unidades estruturais que possibilitam a análise de diferentes grupos representantes de determinadas forças de poder”, e que o homem é um ser social que “[...] no ato de fazer a história [...], numa relação dialética, também é feito por ela.” (PASQUINI; TOLEDO, 2014, p. 264). Portanto, esta dissertação

desenvolve-se com a contribuição dos pressupostos da história cultural, pois busca o entendimento das representações geradas pela escrita e pela imagem enquanto produção de um determinado grupo (PESAVENTO, 2008, p. 39), em um determinado tempo e lugar.

A imprensa pedagógica – jornais, boletins, revistas, magazines [...] – contém e oferece muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas, as práticas educativas e escolares. [...] [A imprensa de educação e ensino é] um *corpus* documental de vastas dimensões, constituindo em um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional. (BASTOS, 2002a, p. 49).

A história cultural¹⁹ faz parte de um movimento maior, que o historiador Peter Burke, no livro *O que é história cultural?*²⁰, nomeia de “virada cultural”. Para ele, a “virada cultural” está relacionada ao seguinte deslocamento: “[...] da suposição de uma racionalidade imutável [...] para um interesse crescente nos valores defendidos por grupos particulares em locais e períodos específicos.” (BURKE, 2008, p. 8). É esse deslocamento que irá gerar a proliferação de temas e objetos de pesquisa. Roger Chartier (2002, p. 14), em *A história cultural: entre práticas e representações*, resume esse momento da seguinte forma: “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”

Essa mudança do fazer historiográfico, essa abertura a novos temas e objetos, se deu, entre outros fatores, graças à aproximação da história com outras disciplinas, aos empréstimos produtivos que foram tomados de áreas correlacionadas, como destaca Peter Burke (2008, p. 170-171):

A história cultural não é monopólio de historiadores. É multidisciplinar, bem como interdisciplinar; em outras palavras, começa em diferentes lugares, diferentes

¹⁹ Peter Burke, no livro *O que é história cultural?*, utiliza a expressão “Nova história cultural”, aqui optamos por usar somente história cultural, já que, conforme o próprio autor destaca, a nova história cultural “é a forma dominante de história cultural [...] praticada hoje.” (BURKE, 2008, p. 68).

²⁰ Na obra, na busca por responder a pergunta O que é história cultural?, Peter Burke (2008) divide a história cultural em fases: história cultural clássica (1800-1950); história social da arte (a partir de 1930); história da cultura popular (década de 1960) e nova história cultural (a partir dos anos 1970). No capítulo destinado à nova história cultural, o autor dá destaque aos teóricos que teriam influenciado os historiadores culturais – principalmente Roger Chartier – a observarem as práticas e as representações sociais (aspectos caros à nova história cultural), são eles: Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, Michel Foucault e Pierre Bourdieu.

departamentos na universidade – além de ser praticada fora da academia. Por isso é tão difícil, como vimos, responder a pergunta: o que é história cultural?

Uma maneira de definir nossa identidade, talvez a principal, seja em contraposição ao “outro”, em primeiro lugar aos vizinhos. [...] Apesar disso, a inovação intelectual é muitas vezes o resultado da burla da polícia de fronteira e da invasão do território dos outros, ou, para variar a metáfora, de tomar empréstimos dos vizinhos em vez de mantê-los a distância.

Entre os vizinhos próximos da história cultural estão a antropologia, a história literária e a história da arte [...] ²¹.

É como parte da história cultural que o conceito de representação surge e a partir daí ganha a popularidade que mantém até hoje. Desde seu surgimento o conceito passou por importantes adaptações até chegar ao que aqui utilizamos, de Roger Chartier, mas não vamos traçar esse percurso. Nosso interesse está nos pressupostos do historiador francês que se fazem presentes em dois importantes textos seus: o já citado *A história cultural: entre práticas e representações* e *O mundo como representação*.

Para Chartier (2002, p. 17), “As representações do mundo social assim construídas [...] são sempre determinadas por interesses de grupos que as forjam.” Nesta perspectiva, os anseios dos grupos são reproduzidos nas representações que circulam nos mais diversos espaços sociais e caracterizam uma forma particular de apreender o mundo, ou seja, as representações são produtos de realidades sociais, constituem estratégias, discursos e práticas travados em meio a lutas sociais de poder. É a partir da análise das representações (e suas transformações) que podemos acessar como dado grupo constrói sua visão de mundo. Essas representações não são estáticas, elas se transformam conforme o interesse do grupo que as produz ou mesmo inconscientemente.

O uso da imagem impressa como objeto de pesquisa, característica desta dissertação, também está alinhado à perspectiva da história cultural. Para Peter Burke, em *Testemunha ocular: história e imagem*, a imagem caracteriza-se como uma forma muito importante de evidência histórica, todavia, seu uso como fonte (como qualquer outra) demanda certos cuidados, como, por exemplo, entender seu contexto de produção e recepção:

As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas daquele mundo. [...] O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto” [...]. Uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais. [...] o historiador necessita ler nas entrelinhas,

²¹ Vale ressaltar que é esse entrecruzamento fecundo que buscamos na realização da presente dissertação de mestrado.

observando os detalhes pequenos mas significativos – incluindo ausências significativas – usando-os como pistas para informações que os produtores de imagens não sabiam que eles sabiam, ou para suposições que eles não estavam conscientes de possuir. (BURKE, 2004, p. 238).

Bastos, Lemos e Busnello (2007, p. 72), em “Pedagogia da ilustração: uma face do impresso”, também possuem o mesmo ponto de vista do autor. Para elas, “A imagem não atua como uma mera ilustração, mas exerce uma função formativa do imaginário social, importante veículo de aculturação do sujeito, perpetua identidades, valores, tradições, culturas”. No texto em questão, elas destacam que “[...] o estudo das imagens – [...] ilustração de livros didáticos e revistas pedagógicas, fotografias, [...] etc. – oferece múltiplas possibilidades de leitura da cultura escolar, como discurso pedagógico e não como um mero elemento decorativo.” (BASTOS; LEMOS; BUSNELLO, 2007, p. 72-73).

No entanto, vale ressaltar que, durante muito tempo (e para muitos até hoje), a ilustração teve um lugar marginal dentro dos estudos culturais. É o que destaca a pesquisadora gaúcha Paula Viviane Ramos (2007, p. 3):

Para muitas pessoas persevera a idéia simplista de que a ilustração é vassala do texto, de que ela está ao seu reboque. Partindo dessa concepção, quem produz ilustração também é alguém que está a reboque de um outro, apropriando-se da imaginação e da inventividade do “legítimo” criador, o escritor...

É sedutora a idéia generalista de que as produções em ilustração não são consideradas importantes no campo das artes visuais pelo fato de não apresentarem inovações formais. Em amplo aspecto, este é o entendimento inclusive “aceitável”, uma vez que o historiador da arte tradicional geralmente trabalha com imagens que se notabilizam por “aspectos inéditos”, representando “avanços” no conceito e na prática artística. Para ele, é digno de estudo e comentário o que estiver articulado ao padrão da “originalidade”. Entretanto, como ignorar a imagética voltada aos impressos, se ela é uma forte construtora de mentalidades e, não apenas isso, também promotora de renovações no campo artístico? [...] As diversas manifestações populares e culturais influenciam, evidentemente, a produção visual, mesmo a mais erudita. E é também por isso que se defende que o historiador da arte deve trabalhar com um entendimento mais amplo, permeado pela história cultural.

Como as ilustrações, as histórias em quadrinhos também sofreram do mal da marginalização. Mesmo com um público bastante variado de adeptos (crianças, jovens e adultos), considerados uma das diversas expressões da comunicação de massa, os quadrinhos já enfrentaram grande preconceito, principalmente no campo da educação. Acreditava-se que eles pudessem influenciar, de forma pejorativa, o caráter das crianças e dos jovens. No ano de 1944, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep) publicou um estudo realizado com

professores e alunos sobre as histórias em quadrinhos que afirmava que estes eram nocivos ao aprendizado escolar. Na época, foi apontado que as histórias em quadrinhos causavam preguiça intelectual, desestimulavam o estudo e eram viciantes, pois traziam pouco texto e muita imagem. (D'OLIVEIRA, 2009, p. 45). Chegaram a ser proibidos em escolas e bibliotecas. Com o tempo essa visão começou a ser rompida. Mas primeiro eles adquiriram exclusivamente o *status* de entretenimento. Demorou-se para reconhecer seu caráter didático e de ferramenta útil, principalmente, no incentivo à leitura. Mesmo assim, segundo Pato (2007, p. 138), que analisou as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o uso dos quadrinhos na educação, “[...] as imagens ainda são utilizadas como coadjuvantes no processo de ensino e aprendizagem, ilustrando e reforçando o texto escrito, reproduzindo mecanismos históricos da relação texto-imagem.”

Ainda em relação às ilustrações, Roger Chartier (1998b), em *As utilizações do objecto impresso*, reitera que as imagens não são simples ilustrações que preenchem as páginas do impresso e não estão ali somente para complementar o texto. Assevera que existe uma motivação, mesmo que ela seja inconsciente, nas escolhas de quando e como utilizá-las, inclusive, muitas vezes, **a imagem pode ser a peça principal da mensagem**. No entanto, isso não quer dizer que os textos, que estão intimamente ligados às imagens, podem ser deixados de lado. Igualmente precisam ser devidamente interrogados. Para isso nos valem os pressupostos da Análise do discurso, que também estão em diálogo com a história cultural, pois o discurso é prática social:

Em se tratando de escrita/produção, o historiador lança as perguntas sobre quem fala e de onde fala, ao enfocar o texto propriamente dito, o que se fala e como se fala e na análise da recepção, a questão jogada pelo historiador será discutir para quem se fala. As relações entre essas instâncias não são diretas nem reflexas, mas sim intermediadas pelo discurso narrativo, sendo o seu campo quase infinito. (PESAVENTO, 2008, p. 70).

Para o teórico Dominique Maingueneau (2004, p. 52), “Os discursos, enquanto unidades transfrásticas, estão submetidos a regras de organização vigentes em um grupo social determinado: regras que governam uma narrativa, um diálogo, uma argumentação, regras relativas a um plano de texto [...]” Por isso, várias questões devem ser observadas quando da sua análise: o discurso está submetido a regras de um determinado grupo social; ele é contextualizado: um mesmo discurso pode adquirir diferentes formas quando enunciado em

lugares diferentes; o enunciador²² fala de um determinado lugar (é fonte de referências pessoais), ou seja, existe uma relação entre o texto enunciado e a história de significação do sujeito enunciador (sua relação com o mundo); o enunciador assume um papel quando discursa (com funções específicas), este papel é definido pelo gênero ou subgênero no qual vai discursar; para poder ser interpretado o discurso deve ser relacionado a outros discursos – é o que o autor chama de *interdiscurso* (o discurso adquire sentido na relação com outros discursos). (MAINGUENEAU, 2004, 2006)²³.

1.2 A QUESTÃO DO RISO – UM CAPÍTULO BEM-HUMORADO

As técnicas variaram, mas sempre rimos para zombar de nós, para acalmar nosso medo, para manifestar nossa simpatia, para reforçar nossos vínculos e para excluir.
(MINOIS, 2000, p. 630).

Muitos autores já se debruçaram sobre a história do humor e várias já foram as formas de observar a comicidade ao longo do tempo. No entanto, segundo Jan Bremmer e Herman Roodenburg (2000), em *Uma história cultural do humor*²⁴, é recente o interesse dos historiadores pelo tema. Esse interesse surgiu quando os pesquisadores começaram a perceber o tema como fonte para compreender certos códigos culturais do passado²⁵.

O termo “humor”, como o conhecemos hoje, é utilizado a partir do século XIX. Em 1901, Henri Bergson lança um dos mais importantes livros acerca do tema: *O riso: ensaio*

²² Para Maingueneau (2006, p. 47), todo “[...] discurso implica um enunciador, um coenunciador, um lugar e um momento da enunciação que valida a própria instância que permite sua existência”. O enunciador emite o discurso (está na posição de autor), já o coenunciador é a quem o enunciador dirige o seu discurso. Para a Análise do discurso, o coenunciador não é uma figura passiva, já que exerce um papel ativo no processo discursivo.

²³ Do mesmo modo, ressaltamos que entendemos os quadrinhos das “Aventuras do Professor Magistério” como *prática discursiva*, conceito que também tomamos emprestado de Maingueneau (2005). A partir desta concepção, a análise do discurso (textual e visual) veiculado na seção de humor da *Revista do Professor/RS* só faz sentido, pelo menos aqui, quando entrelaçamos o texto, a imagem e o contexto de produção que permitiu a fabricação desse discurso.

²⁴ Na obra em questão, os autores analisam o humor pelo viés antropológico, descartam a possibilidade de uma ontologia do humor (já que este não é transcultural e nem mesmo a-histórico). Para eles, o humor é uma mensagem como qualquer outra, mas que tem a intenção de provocar o riso, este é um fenômeno cultural, com particularidades específicas, isto é, cada indivíduo ri de coisas diferentes por razões diversas. Daí a importância de contextualizar o humor em relação ao seu momento de produção e também em relação ao grupo que o produz. Essa perspectiva é muito valiosa para nós.

²⁵ Não poderíamos deixar de citar a obra do historiador Georges Minois: *História do riso e do escárnio*. Do ponto de vista da história, no livro o autor analisa como o riso foi utilizado ao longo dos anos, afirmando que, como o riso é um fenômeno histórico, hoje rimos de coisas diferentes do que riam nossos antepassados. Ou seja, mesmo que existam algumas permanências, parte do humor se perde com o tempo.

sobre o significado do cômico. Na obra, o autor se concentra na questão da função social do riso: “[...] para compreender o riso é preciso localizá-lo no seu meio natural que é a sociedade; temos que determinar a sua função útil que é uma função social”. (BERGSON, 1987, p. 21). Para ele, o riso nos colocaria em nosso devido lugar, seria uma espécie de “castigo dos costumes”, uma forma de reprimir qualquer desvirtuamento (desvio de conduta) humano. Para se rir de algo é necessária certa distância em relação ao objeto do riso, nem que seja momentânea²⁶:

E por isso a sociedade faz pairar sobre cada um, quando não o ameaça de um castigo, pelo menos a perspectiva de uma humilhação que, por ser leve, nem por isso é menos temida. Tal deve ser a função do riso. O riso é verdadeiramente uma espécie de trote social, sempre um tanto humilhante para quem é objeto dele. (BERGSON, 1987, p. 72).

O teórico Mikhail Bakhtin, com a publicação de *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, também virou referência importante para os estudos sobre o humor. Na obra, o autor remonta às origens do riso, destacando que o carnaval era um momento de exceção, de “permissão controlada do riso”, por parte da igreja. (SILVA, 2008, p. 20). É por meio do conceito de carnavalização – “transposição do carnaval para a linguagem da literatura”²⁷ (BAKHTIN, 1981, p. 105) – que ele buscou mostrar a relação entre as narrativas cômicas e as tradições das festas pagãs da Antiguidade, a partir da análise da obra de François Rabelais (1494-1553), demonstrando a influência da cultura popular na obra dele. É na perspectiva da obra de Bakhtin que podemos pensar a questão do riso como subversivo. Certas coisas ditas ou exploradas fora do terreno do cômico causariam grandes problemas. Ou seja, alguns discursos (textuais ou visuais) possuem maior liberdade de trânsito dentro do humor – onde a polissemia está aberta: “[...] Nunca ninguém chegou a torná-lo [o riso] inteiramente oficial. Ele sempre permaneceu como arma da liberdade entre as mãos do povo.” (BAKHTIN, 2000, p. 102).

No Brasil, imprensa e humor sempre tiveram uma relação muito estreita. A história da nossa imprensa se inicia em 1808, quando a Família Real desembarca na colônia brasileira e instala a tipografia da Impressão Régia: “A imprensa nasce sob a tutela do Estado, que detém o monopólio da impressão no Município da Corte, com função eminentemente

²⁶ Bergson também destaca que o riso é essencialmente humano. Não podemos rir de um objeto ou ser inanimado. Uma árvore, por exemplo, só pode gerar riso se lembrar, de alguma maneira, o ser humano.

²⁷ O conceito de carnavalização é construído pelo autor em obra anterior: *Problemas da Poética de Dostoiévski*.

A caricatura, que circulou em 14 de dezembro de 1837, no *Jornal do Comércio*, foi vendida por 160 réis, mas não foi assinada (a sua autoria foi reconhecida mais tarde). Nela, Justiniano José da Rocha (1812-1862), que foi nomeado diretor do jornal *Correio Oficial*, a favor do governo, recebe um saco com dinheiro. Porto Alegre foi importante caricaturista do periódico *A Lanterna Mágica*.

Para Vladimir Propp²⁹, em *Comicidade e riso*, a sátira está fundamentada no riso de zombaria, neste, “[...] a pessoa compara involuntariamente aquele que ri consigo próprio e parte do pressuposto de não possuir os defeitos do outro.” (PROPP, 1992, p. 180). O filólogo dá destaque, entre outros, ao riso relacionado ao aspecto físico do ser humano, ou seja, o riso que acontece quando nos deparamos com algo de certa forma desproporcional, quando temos uma espécie de choque – transgressão – em relação ao padrão estético estabelecido. Segundo o autor, a exposição dos “defeitos” humanos, sejam eles morais (internos) ou externos, é o princípio que produz o humor:

Isso esclarece por que são ridículas as deformações dos rostos humanos nos espelhos curvos. Narizes exagerados e proeminentes, bochechas extremamente gorduchas, enormes orelhas de abano, uma expressão do rosto completamente inusitada, sobretudo quando ri de modo que a boca chegue até as orelhas – tudo isso constitui uma deformidade que suscita o riso como também os outros tipos de deformidade e desproporção. (PROPP, 1992, p. 65).

No período que antecede a proclamação da República brasileira (Segundo Reinado, 1840-1889) é que as caricaturas ganham maior destaque na imprensa, já que os jornais passam a servir como palco para grandes combates – que são apimentados pelos exageros dos cartuns –, que davam cada vez mais espaço aos ideais republicanos e abolicionistas³⁰. É quando surge

²⁹ Para alguns, trazer Vladimir Propp para esta dissertação poderia parecer arriscado, já que os seus conceitos estão ligados ao criticado formalismo russo. No entanto, acreditamos que suas importantes contribuições para a história teórica do humor dão conta de amenizar qualquer desconforto intelectual. Afinal, nós, historiadores, sabemos, como bem destacou Lucien Fèbvre, que o anacronismo é “*le pêché des pêchés, le pêché entre tous irrémissible*”, ou seja, o mais imperdoável dos pecados.

³⁰ Também é nesse momento histórico que começam a surgir as primeiras publicações preocupadas com a instrução pública no Brasil: *Jornal de Instrução e Recreio* (Maranhão, 1845-46); *Revista Universal Brasileira* (Rio de Janeiro, 1848); *O Cruzeiro do Sul* (Rio de Janeiro, 1848); *Estrela do Occidente* (Rio de Janeiro, 1849); *O Incentivo* (Belém, 1851); *Gazeta da Instrução Pública* (Niterói, 1851-52); *O Curupira* (Rio de Janeiro, 1852-53); *Revista da Instrução Pública* (Bahia, 1854-1861), para citar apenas os periódicos fundados na primeira metade do século. (BASTOS, 2002b, p. 178-179).

também a *Revista Illustrada* (1876-1891)³¹, preocupada com o combate à escravidão e disseminação dos ideais republicanos.

Todavia, segundo Tania Regina de Luca (2008), é só no final do século XIX e início do XX que a imprensa brasileira se moderniza: quando o processo industrial substitui a produção artesanal do impresso. O período foi marcado pelo fim da escravidão – e passagem do sistema agrário-comercial para o urbano-industrial – e pela chegada da República, que tinha como bandeira a reforma do ensino e o letramento³². Via-se também o surgimento de muitas inovações, como, por exemplo, o rádio, o cinema, o avião, o telefone, o telégrafo, este último com papel decisivo na transmissão rápida das informações. Essas novidades tecnológicas produziram transformações urbanas e ocasionaram, nos brasileiros, o desejo de civilizar-se. Toda essa aceleração demandava a circulação da informação, daí o papel ativo da imprensa. Com o progresso cada vez maior das técnicas de impressão, novos periódicos, novos cartunistas e personagens humorísticos dividem espaço no mercado editorial do país. É o caso das revistas *O Malho*, *Fon Fon*, *O Tico-Tico* (semanário infanto-juvenil), *O Cruzeiro*, etc. Essas publicações alcançavam um bom número de apreciadores. Sem o uso que fazemos hoje da fotografia, as caricaturas eram, na época, a principal forma de ilustrar as notícias. Além disso, as ilustrações de humor atendiam a dois públicos: quem não sabia ler ficava apenas com as imagens, quem era letrado, aproveitava também as legendas que acompanhavam essas imagens.

³¹ A *Revista Illustrada* publicava as caricaturas de Angelo Agostini (1843-1910), seu fundador, que era conhecido por seu humor ofensivo contra o sistema monárquico. Segundo Modenesi (2011, p. 12), “A *Revista Illustrada* possuía tiragem semanal de quatro mil exemplares, sobrevivia da venda de exemplares, sem anunciantes, voltada para os formadores de opinião e os que podiam pagar por ela, mas também acabava sendo vista e acessada pelos analfabetos, a partir da grande quantidade de charges e histórias em quadrinhos.”

³² A imprensa sempre foi uma poderosa ferramenta de discussão acerca de política, cultura, educação, exercendo papel importante no debate ideológico travado pelos pensadores brasileiros e refletindo as contradições que cercam os acontecimentos. Por isso, o impresso apresentava papel fundamental como forma de afirmação de muitos ideais. Dessa maneira, é com a República que vemos o início de uma intensa movimentação na área da educação. Os textos sobre educação, publicados nos jornais, até então, eram produzidos “[...] por homens públicos e por intelectuais que, ao mesmo tempo, eram ‘educadores’, num tempo em que os assuntos educacionais não constituíam, ainda, uma atividade suficientemente profissionalizada”. (NAGLE, 1976, p. 102). Entretanto, nos anos 1920 ocorre o aparecimento dos “especialistas” ou “técnicos” em assuntos educacionais: “[...] a década de 1920, no campo da escolarização, é a etapa em que o tratamento dos assuntos educacionais passa a ser feito por um grupo definido de intelectuais que vai adquirindo qualificação especializada, e não mais, como era corrente, pelos intelectuais em geral ou pelos homens públicos, homens de letras, jornalistas, especialmente os representantes políticos.” (NAGLE, 1976, p. 286-287). À medida que a educação se converte numa área específica, ocorre a criação de um considerável número de escolas, bem como um investimento na educação (parte do projeto civilizador da época), assim nasce uma inquietação em relação à formação do professor e à eficácia de seus métodos. O crescimento desse grupo profissional faz surgir entidades e periódicos que passam a divulgar e a disseminar suas ideias. (CATANI; VICENTINI; LUGLI, 2002, p. 80).

A revista *O Tico-Tico* (1905-1962) foi o primeiro semanário a publicar histórias em quadrinhos e marco das publicações infanto-juvenis no Brasil. Fundada pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva (1866-1932)³³, *O Tico-Tico* foi inspirado em um suplemento jornalístico francês, *La Semaine de Suzette* (1905-1960), no entanto, sua preocupação era com uma afirmação da identidade brasileira. O público da revista era bastante variado. Suas páginas eram acompanhadas tanto por crianças como por adultos: “[...] o público era formado basicamente de leitores de poder aquisitivo e que tivessem o raro acesso à educação existente no Brasil do início do século XX.” (MERLO, 2003, p. 8).

FIGURA 3 – QUADRINHOS DO PRIMEIRO EXEMPLAR DA REVISTA *O TICO-TICO* (1905)



FONTE: Guia dos Quadrinhos.
Disponível em:
<<http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/tico-tico-o-n-1/ti173100/24467>>. Acesso em:
01 fev. 2018.

³³ A revista foi idealizada por Renato de Castro, Cardoso Júnior e Manoel Bonfim, que apresentaram o projeto editorial ao jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva. Este adaptou a revista aos moldes das publicações que circulavam na época. (VERGUEIRO; SANTOS, 2008, p. 25).

Como boa revista de entretenimento, *O Tico-Tico* possuía várias seções que divertiam o público. Trazia mapas educativos, versos, contos, romances em folhetins (como *As aventuras de Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, por exemplo), aventuras e histórias em quadrinhos; tinha espaço para passatempos e adivinhações; produzia concursos; além de dedicar um bom espaço na seção de correspondência aos leitores, que enviavam cartas, fotografias, desenhos. Como veremos mais à frente, entre outras características que assemelham a *Revista do Professor/RS* à revista *O Tico-Tico*, nos parece que a proposta editorial desta última, de manter uma boa relação com o público leitor, tornando-o participante ativo da revista, é bastante explorada pela primeira: “Para que novos tempos ocorram, todos temos que participar. Principalmente você, assinante da Revista do Professor/RS. [...] Dê sua colaboração: planeje, produza, realize, experimente. Nós nos propomos a encontrar a forma de divulgação do seu trabalho. Teremos sempre um espaço aberto esperando por você.” (Editorial, *Revista do Professor*, 1987, n. 9, p. 3).

Com uma linguagem coloquial, a preocupação da revista *O Tico-Tico* era educar as gerações futuras e contribuir na formação de uma civilização letrada:

Uma importante característica dessa revista foi o aspecto educacional, com sua proposição criativa já se colocando como uma intervenção decidida no processo educacional, baseada nos valores da classe média do País. Esse, talvez, seja o motivo de ela ter sido cultuada por várias gerações, que dela receberam ensinamentos morais e cívicos básicos para sua formação intelectual. [...] As dimensões moral e educativa estiveram no cerne da revista, constituindo sua razão de ser. Tanto nos contos como nas histórias em quadrinhos, os desfechos deixavam lições e recriminavam comportamentos desviantes da norma aceita na sociedade. (VERGUEIRO; SANTOS, 2008, p. 28-29).

Além de marco das publicações infanto-juvenis no Brasil, a revista *O Tico-Tico* simbolizou também o surgimento de um tipo específico de publicação: a imprensa com caráter pedagógico, preocupada com a formação do público leitor. O papel educacional da revista (que buscava formar o brasileiro moral e civicamente) aparecia em forma de curiosidades, dicas, entretenimento e aconselhamentos carinhosos. É o caso da seção “Lições do Vovô”, a seguir. Na que destacamos, por exemplo, a lição assinada pelo vovô é: “A vaidade é um defeito. E, como todo defeito deve ser banida dos maus hábitos. [...] Dirão os meus netinhos que a vaidade não é prejudicial senão ao vaidoso. Talvez seja assim, mas não resta dúvida que o vaidoso nunca deixa de merecer censura de quem o observa”.

FIGURA 4 – SEÇÃO “LIÇÕES DO VOVÔ”, REVISTA *O TICO-TICO* (30 JUL. 1930)



FONTE: Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1930_01295.pdf>.

Acesso em: 01 fev. 2018.

Quanto às publicações de histórias em quadrinhos, a revista *O Tico-Tico* começou com adaptações de quadrinhos europeus e norte-americanos. Aos poucos os personagens foram retratados em situações mais relacionadas à realidade brasileira. Nas páginas da revista *O Tico-Tico* também aconteceu a estreia, no Brasil, dos quadrinhos do *Mickey Mouse*, na época, *Ratinho Curioso*. A revista *O Tico-Tico* foi a única do gênero até 1934, quando aparecem o **Suplemento Infantil** no jornal *A Nação* (Rio de Janeiro) e, no mesmo estilo, **O Globo Juvenil**. Foi o início da decadência da revista *O Tico-Tico*, que não conseguiu acompanhar a nova demanda do mercado:

Os personagens ingênuos e bem-intencionados da revista foram substituídos no gosto popular por desbravadores de novos mundos, homens mascarados ou seres dotados de superpoderes. Os editores tentaram uma reação à concorrência, incorporando ao título algumas séries de aventura dos quadrinhos norte-americanos. [...] Contudo, as mudanças na revista não perduraram. (VERGUEIRO; SANTOS, 2008, p. 32).

Parece que as revistas, jornais e/ou suplementos que veicularam histórias em quadrinhos depois do surgimento da revista *O Tico-Tico* – as edições de *O Cruzeiro*, por exemplo, que trouxeram os quadrinhos de Ziraldo – acabaram por herdar, de alguma maneira, um modo peculiar (ou pelo menos um traço característico) de fazer histórias em quadrinhos.

1.2.1 Uso e abuso da estereotipia: enquadrando os quadrinhos





[...] o estereótipo é bastante comum nos quadrinhos. Ele é uma necessidade maldita – uma ferramenta de comunicação da qual a maioria dos cartuns não consegue fugir. (EISNER, 2008, p. 21).

Como já expomos, os quadrinhos foram bastante marginalizados, principalmente no campo da educação. Acreditava-se que pudessem influenciar, de forma pejorativa, o caráter das crianças e dos jovens. Depois da publicação de um estudo realizado com professores e alunos sobre os perigos das histórias em quadrinhos, chegaram até mesmo a serem proibidos em escolas e bibliotecas. Para Einser (2008, p. 7), a razão desse preconceito está na seguinte questão: “[...] as revistas em quadrinhos são de fácil leitura, sua utilidade vem sendo associada a uma parcela da população de baixo nível cultural e capacidade intelectual limitada”. Por isso, demorou-se para reconhecer seu caráter didático e de utilidade, principalmente, no incentivo à leitura. Ironicamente, foi exatamente a característica do fácil acesso que possibilitou, com o tempo, essa valorização.

Os desenhos de humor gráfico possuem características diferentes e podem se apresentar de diversas formas: caricatura, cartum, charge, quadrinhos³⁴.

³⁴ **Caricatura:** “desenho de pessoa ou de fato que, pelas deformações obtidas por um traço cheio de exageros, se apresenta como forma de expressão grotesca ou jocosa”; **Cartum:** “desenho humorístico ou caricatural, espécie de anedota gráfica que satiriza comportamentos humanos, geralmente destinada à publicação jornalística”; **Charge:** “desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, geralmente veiculado pela imprensa e tendo por tema algum acontecimento atual, que comporta crítica e focaliza, por meio de caricatura, uma ou mais personagens envolvidas”; **Quadrinhos:** “desenho em sequência, inicialmente sobre cartão e depois em papel ou afim, em preto ou em cores, para fins caricaturais ou humorísticos de amplo espectro de percepção e aceitação [Foi inicialmente destinado à publicação em periódicos e, em seguida, aproveitado para uma sequência narrativa de base visual em filmes animados, ou histórias em quadrinhos.]”. Definições segundo HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Versão *on-line*.

QUADRO 1 – PRINCIPAIS RECURSOS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Desenho	Imagens que compõem a narrativa visual.
Texto	Letras e palavras que compõem a narrativa textual.
Requadro	Moldura que delimita o espaço de cada cena. 
Balão	Convenção gráfica em que o texto é inserido (letras e palavras). Os balões podem ter contornos diferentes e cada tipo tem um significado peculiar.  Balão de nuvem: representa que o personagem está pensando. Balão florido: representa um tom amoroso de fala.
Recordatório	Painel fora ou dentro do requadro, utilizado normalmente para uma observação textual do narrador.  Observação do narrador quanto ao cenário da história: “EM CASA...”
Onomatopeia	Palavras que representam (imitam) sons.  ZZZZZ...: representa que o personagem está dormindo. Há! Há! Há: representa que o personagem está rindo.

FONTE: A autora (2018), com imagens das “Aventuras do Professor Magistério”.

A história em quadrinhos é uma narrativa gráfica sequencial com diálogo, som, ação, imaginação, movimento. Vários elementos a caracterizam: a linguagem verbal e visual, os quadros, os balões (recurso utilizado para representar as falas dos personagens), mesmo que nem sempre todos esses elementos estejam presentes³⁵ – lembremos, por exemplo, que existem histórias em quadrinhos mudas. A composição gráfica deles pode variar bastante conforme o estilo ou a intenção do quadrinista.

Dessa forma, para esta pesquisa nos interessa as histórias em quadrinhos³⁶, já que seguiremos o percurso de um personagem específico – o Professor Magistério. Também é importante para nós a caricatura. Diferente das demais formas gráficas humorísticas, ela não é narrativa, no entanto, se faz presente nos outros tipos, principalmente, como forma de estilizar os personagens.

A essência da caricatura foi reiteradamente definida de modo convincente e correto. Toma-se um pormenor, um detalhe; esse detalhe é exagerado de modo a atrair para si uma atenção exclusiva enquanto todas as demais características de quem ou daquilo que é submetido à caricaturização a partir desse momento são canceladas e deixam de existir. A caricatura de fenômenos de ordem física (um nariz grande, uma barriga avantajada, a calvície) não se diferencia em nada da caricatura de fenômenos de ordem espiritual, a caricatura dos caracteres. A representação cômica, caricatural, de um caráter, está em tomar uma particularidade qualquer da pessoa e em representá-la como única, em exagerá-la. (PROPP, 1992, p. 88-89).

Podemos observar essa ideia de caricatura na forma como os personagens da seção **Humor**, da *Revista do Professor/RS*, foram estilizados. Nos quadrinhos a seguir temos a terceira aparição do personagem Professor Magistério na *Revista*:

³⁵ Para Paulo Eduardo Ramos (2007, não p.), em sua tese de doutorado “Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor”, o quadrinista pressupõe, ao produzir a sua história, que existe muito em comum entre ele e o leitor: ambos fazem parte de um mesmo grupo capacitado a identificar elementos gráficos próprios dos quadrinhos e a compreender o conteúdo veiculado. Exemplo disso são os símbolos que representam a velocidade e os balões cujo formato indica a entonação (observe o quadro da página anterior).

³⁶ Os quadrinhos são compostos por quadros que combinam duas formas diferentes de comunicação: a imagem e o texto. Eles são publicados em diversos veículos e formatos, alguns são: **os gibis**, geralmente destinados ao público infanto-juvenil, com preço acessível e edições mais simples; **os álbuns e edições encadernadas**, com custo mais alto e edições especiais ou comemorativas; **o Graphic novels** (romance gráfico), parecido com os álbuns e edições encadernadas, mas com uma história mais longa, personagens mais elaborados, também com custo alto, já que é mais requintado; **os quadrinhos de jornais**, as famosas tirinhas; entre outros.

FIGURA 5 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (ABR./JUN. 1986)



FONTE: Revista do Professor, n. 6 (1986, p. 41).

Pela cena retratada nos quadrinhos, o professor, mantendo uma posição tradicional e hierárquica, imagina trazer grande novidade aos seus estudantes com a possibilidade, até pouco tempo impensada (dada a Ditadura civil-militar), de falar sobre a Constituinte brasileira. Como professor de métodos libertários, ele dá a palavra aos alunos para que se manifestem a respeito. Para surpresa dele, um dos estudantes, quebrando a hierarquia do ambiente escolar, sobe em cima da mesa para discursar e, em poucos quadrinhos, o mestre se sente diminuído pelo conhecimento do aluno sobre o assunto (proibido até pouco tempo), sentimento que é representado no último quadrinho pela choradeira, ao concluir que: “Ele

sabe muito mais do que eu!”. O humor se dá pela inversão dos papéis³⁷, apesar de detentor de grande conhecimento, o mestre é superado pelo aluno.

O exagero está tanto nas formas caricaturais (observe o nariz avantajado do professor e dos alunos) como também na reação do professor: que chora desesperadamente com a situação. Nessa aparição do Professor Magistério o personagem é caricaturizado por dois detalhes que simbolizam o todo: os óculos e o jaleco. Existe um imaginário de que o indivíduo que utiliza óculos de grau (preferencialmente “fundo de garrafa”) é intelectual, considerado um detentor de cultura e inteligência. O jaleco representa o uniforme do professor, que utiliza a vestimenta para evitar que o giz do quadro negro suje a sua roupa. Trata-se, assim, de um estereótipo da figura do professor. O termo estereótipo originou-se do trabalho impresso com chapas de caracteres fixos de estereotipia, técnica utilizada na tipografia.

No *Dicionário de Análise do Discurso*, organizado por Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau, o estereótipo é definido da seguinte maneira: “Estereótipo e clichê denunciam uma cristalização no nível do pensamento ou no da expressão; portanto, estereótipo designa o que é fixo, estratificado, cristalizado.” Para a Análise do discurso (e aqui nos utilizamos da Análise do discurso francesa)³⁸, o estereótipo nada mais é do que um discurso consagrado, com crenças pré-construídas e compartilhadas, ou seja, representações coletivas cristalizadas.

El estereotipo se relaciona así por partida doble con lo preconstruido: en el sentido de que designa un tipo de construcción sintáctica que pone en marcha lo preafirmado y, en un sentido más amplio, de que lo preconstruido se comprende como la huella, en el enunciado individual, de discursos y juicios previos cuyo origen se ha borrado. (AMOSSY; HERSCHBERG-PIERROT, 2001, p. 113).

³⁷ A inversão de papéis é um artifício recorrente no humor: “[...] os pressupostos do riso sugerem a desordem e a inversão de valores”. (MACHADO JÚNIOR, 2014, p. 486). A inversão da ordem vigente é uma característica do mundo às avessas: “O carnaval é um espetáculo sem ribalta e sem divisão entre atores e espectadores. [...] Não se contempla [...] o carnaval, mas ‘vive-se’ nele [...], e vive-se conforme as suas leis enquanto estas vigoram [...]. Esta é uma vida desviada da sua ordem ‘habitual’, em certo sentido uma ‘vida às avessas’, um ‘mundo invertido’”. (BAKHTIN, 1981, p. 122-123).

³⁸ Optamos por utilizar a Análise do discurso francesa por esta levar em consideração, além do discurso propriamente dito, o período histórico e social em que ele foi produzido e suas condições de produção. No entanto, sabemos que, em relação à produção satírica, com o tempo esta perde o sentido de sua produção. É o que destaca Alain Deligne (2011, p. 37): “E, anos depois, frequentemente não a compreendemos mais, espontaneamente. Então, quando a obra desenhada rompe seu laço com a intenção do autor, com o público de origem e o ambiente comum aos interlocutores, encontramos-nos na situação clássica hermenêutica, em que é preciso interpretar.”

Apesar do estereótipo não ser objeto de destaque nos estudos da Análise do discurso, a ideia de estereotipia liga-se a alguns conceitos importantes dela, como as noções de intertexto e interdiscurso³⁹ – pensadas a partir dos estudos de Mikhail Bakhtin e retomadas pela Análise do discurso francesa. Para Bakhtin (1993), todo enunciado se constrói sobre o já-dito e o já-pensado, trata-se de uma retomada e uma resposta ao discurso do outro (que também está inscrito nele): “[...] No discurso cotidiano de qualquer pessoa que vive em sociedade (em média), pelo menos a metade de todas as palavras são de outrem reconhecidas como tais, transmissíveis em todos os graus possíveis de exatidão e imparcialidade (mais exatamente, de parcialidade).” (BAKHTIN, 1993, p. 139-140). O enunciador se comunica a partir das representações coletivas que lhe são familiares, bem como, por meio de crenças compartilhadas. Nesta linha de pensamento, o estereótipo é uma representação coletiva cristalizada (para muitos, uma representação simplificada), uma espécie de fórmula já consagrada no coletivo.

FIGURA 6 – CHARGE DE SAMPAULO NA PRIMEIRA REVISTA DO PROFESSOR (1985)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 1 (1985, p. 41).

Observe na charge ao lado, publicada na própria *Revista do Professor*, um bom exemplo de estereótipo. O chargista explora o estereótipo da professora atraente. Com seus atributos sensuais avantajados.

³⁹ É importante diferenciar intertexto de intertextualidade. Para a Análise do discurso francesa, intertexto é o “[...] conjunto de fragmentos convocados (citações, alusões, paráfrase, etc.) em um corpus dado” e intertextualidade “[...] o modo de citação que é julgado legítimo pela formação discursiva, o tipo ou o gênero de discurso do qual esse corpus provém”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 289). No intertexto temos “[...] um jogo de retomada de textos configurados e ligeiramente transformados”, já no interdiscurso o “[...] conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero, de discursos contemporâneos de outros gêneros, etc.) com os quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 286).

Na charge, um dos alunos está babando. A frase na lousa, que supostamente foi escrita pelo aluno que está levando um puxão de orelha da professora, chama a atenção para esse tipo de estereótipo. A professora é retratada, pelo viés do aluno, como objeto sexual. O humor é gerado pela audácia do estudante, mas, principalmente, por ele ter utilizado o seu aprendizado na escola (frações) para escrever seu recado no quadro negro⁴⁰.

Certas coisas ditas ou exploradas fora do campo humorístico causariam grandes problemas. Alguns discursos (textuais ou visuais) “proibidos” (ou polêmicos, como religião, sexualidade, gênero, etc., por exemplo) possuem maior liberdade dentro do humor – onde a polissemia está aberta. Fora dele, não poderiam ser tratados com a mesma tranquilidade: “Assim, segundo o humorista francês Pierre Desproges (1939-1988), podemos rir de tudo, mas não em qualquer lugar, nem a qualquer hora, nem com qualquer pessoa. É preciso, portanto, conhecer bem a situação e o que convém.” (DELIGNE, 2011, p. 37).

Ainda sobre a charge em questão, essa é uma das poucas aparições de uma professora do gênero feminino na seção. Apesar das diversas mudanças que o personagem Professor Magistério passou ao longo dos anos, com a alteração dos quadrinistas, em nenhum momento ele foi retratado como uma mulher. Aqui não exploramos a questão de gênero, já que uma discussão sobre esse assunto precisaria de um estudo aprofundado sobre a utilização de personagens femininas como protagonistas nas histórias em quadrinhos, e este não é o foco desta pesquisa. No entanto, não poderíamos deixar de ressaltar que, na época de circulação da *Revista do Professor/RS*, grande parte do quadro do magistério, no Brasil, era de mulheres. Ripa (2010), que pesquisou as representações de professor da Educação Básica de 1986 a 2006 na revista *Nova Escola*, contemporânea à nossa, evidencia a preocupação do periódico com o universo feminino: “Muitas vezes, é com esses estereótipos que a revista constrói as suas matérias: a professora, mulher, educadora por natureza, que apresenta vocação para ensinar, é dedicada e persistente, apesar de todas as condições de trabalho.” (RIPA, 2010, p. 163). Ainda, a mesma pesquisadora dá destaque, em sua tese, ao “Prêmio Victor Civita – Professor Nota 10”, que foi lançado em 1998. Segundo ela, todos “Os selecionados entre os

⁴⁰ Pense como o estereótipo também pode ser persistente à mudança. Em 2011, a Sony Pictures lançou, nos Estados Unidos, o filme **Professora sem classe** (*Bad Teacher*), dirigido por Jake Kasdan. O roteiro gira em torno da carreira frustrada de uma professora (interpretada pela atriz Cameron Diaz) que não gosta da profissão. Seu único objetivo é ganhar dinheiro para fazer uma cirurgia para aumentar os seios, o que, para ela, iria garantir angariar um marido rico. No longa-metragem, o estereótipo da professora atraente é bastante explorado. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-138880/>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

professores ‘Nota 10’ para receberem o título de ‘professor do ano’ eram mulheres.” (RIPA, 2010, p. 198)⁴¹.

Retornando à questão do estereótipo, como ele se constrói a partir de uma leitura lacunar de elementos culturalmente preexistentes no discurso, é considerado uma generalização, um lugar-comum. É por isso que acabou por ganhar um caráter pejorativo, avaliado, assim, como uma expressão nociva, dada sua propriedade reducionista e por caracterizar, muitas vezes, uma falta de conhecimento real sobre o assunto.

No dicionário, “estereótipo” é definido como uma ideia ou um personagem que é padronizado numa forma convencional, sem individualidade. Como um adjetivo, “estereotipado” se aplica àquilo que é vulgarizado. O estereótipo tem uma reputação ruim não apenas porque implica banalidade, mas também por causa do seu uso como uma arma de propaganda ou racismo. Quando simplifica e categoriza uma generalização imprecisa, ele pode ser prejudicial ou, no mínimo, ofensivo. A própria palavra vem do método usado para moldar e duplicar as placas na impressão tipográfica. Apesar dessas definições, o estereótipo é bastante comum nos quadrinhos. Ele é uma necessidade maldita – uma ferramenta de comunicação da qual a maioria dos cartuns não consegue fugir. (EISNER, 2008, p. 21).

Quanto ao caráter pejorativo do estereótipo, para o jornalista Ricky Goodwin, em “A monovisão dos estereótipos no desenho de humor contemporâneo”⁴², construiu-se um estereótipo sobre o estereótipo. No entanto, como também destacou Eisner, o humorista depende dos estereótipos para provocar o riso: “[...] para o Humor estereótipos são ferramentas essenciais. Os conceitos preestabelecidos são os blocos com que os humoristas constroem seus castelos de piadas.” (GOODWIN, 2011, p. 536). Além disso, os estereótipos poupam tempo (são diretos e rápidos), evitam o sentimento incômodo de ver o mundo e de

⁴¹ A revista *Nova Escola* chegou a publicar algumas tirinhas que tinham uma professora mulher como protagonista. No entanto, a circulação foi muito breve, logo elas foram substituídas por crônicas de Luis Fernando Veríssimo. A jornalista Ana Mascia Lagôa, na dissertação de mestrado “A representação da professora na revista *Nova Escola*”, de 1998, analisa as representações dessas professoras presentes nas tirinhas da coluna “Para se divertir” – Cileuza e Dona Lice. Segundo ela, as representações eram conservadoras e as professoras tinham sua imagem associada à figura da mãe. Lagôa, que trabalhou como editora na revista *Nova Escola*, na dissertação apresenta a fundação da revista, por meio de entrevistas com repórteres que participaram do periódico no seu projeto inicial. Ver, LAGÔA, Ana Maria. **A representação da professora na revista *Nova Escola***. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

⁴² O texto faz parte do livro *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*, organizado pela historiadora brasileira Isabel Lustosa. A obra como um todo dá um bom panorama em relação aos estudos sobre o riso (e estereótipo) na América Latina e é a partir dela que observamos a questão da estereotipia na *Revista do Professor/RS*. Outros textos do mesmo livro que utilizamos aqui mais diretamente: ZINK, R. “Da bondade dos estereótipos”; VELLOSO, M. P. “A mulata, o papagaio e a francesa: o jogo dos estereótipos culturais”; DELIGNE, A. “De que maneira o riso pode ser considerado subversivo?”; DAVIES, C. “Cartuns, caricaturas e piadas”; BERISTÁIN, H. “O chiste”.

compreendê-lo mais amplamente. E mais do que isso, “Rir de nós mesmos e da nossa história talvez possa ser uma forma, também, de refletir sobre ela.” (VELLOSO, 2011, p. 383).

* * *

Neste capítulo, dedicado à teoria, procuramos apresentar rapidamente ao leitor os principais autores que contribuíram para a construção desta dissertação: Denice Barbara Catani e Maria Helena Camara Bastos (História da educação e imprensa de educação e ensino), Dominique Maingueneau (Análise do discurso), Henri Bergson (História do humor), Michael Baxandall (Imagem), Paulo Ramos (História em quadrinhos), Peter Burke (História cultural e imagem), Roger Chartier (História cultural, imprensa, imagem e representação), Tania Regina de Luca (História da imprensa brasileira), etc. Com a contribuição de alguns deles, destacamos a importância da imprensa como fonte de pesquisa, bem como da imagem e do humor como objetos de estudo. Buscamos, ainda, familiarizar o leitor em relação ao mundo das histórias em quadrinhos, exemplificando alguns recursos dessa modalidade de humor. Já o próximo capítulo, diferente deste, deixa a teoria um pouco de lado. Ele tem um caráter mais expositivo e visual. É nele que nos aproximamos de nossa fonte de pesquisa: conhecemos um pouco do conteúdo e das ilustrações da *Revista do Professor/RS*. Para isso, fazemos uma excursão pelas páginas da *Revista*, dando destaque à sua fundação, materialidade e editoriais (analisando seu perfil identitário). Esperamos que o leitor aproveite o passeio.

2 A REVISTA DO PROFESSOR/RS: ESPAÇO DE ATUALIZAÇÃO DO DOCENTE

O documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, parcialmente determinado ele próprio por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado [...]. É preciso desestruturar o documento para entrever suas condições de produção. (LE GOFF, 2005, p. 76).

A década de 1980 foi marcada pela preocupação, por parte dos educadores, partidos políticos (muitos revitalizados) e movimentos sociais, com a implementação de políticas educacionais ditas democráticas⁴³: aumento do número de vagas nas escolas, ação de combate à evasão escolar, implantação de políticas compensatórias, como a disponibilização de merenda, transporte escolar e livros didáticos, por exemplo. (PEDROSO, 1999, p. 6-7)⁴⁴. Afinal, com o fim da Ditadura civil-militar mais uma vez depositava-se na educação grande esperança por tempos melhores. Vendo uma boa oportunidade de inserção no mercado didático e preocupadas com a formação e atualização do professor, revistas pedagógicas surgiram em várias partes do país, uma delas foi a *Revista do Professor/RS*.

QUADRO 2 – ALGUMAS PUBLICAÇÕES EDUCACIONAIS DAS DÉCADAS DE 1980/90 NO BRASIL

DATA	PERIÓDICO	LOCAL
1981	<i>Revista da Associação Nacional de Educação</i>	São Paulo
1983	<i>Em Aberto</i>	Brasília
1983	<i>Revista Dois Pontos. Teoria e Prática em Educação</i>	Belo Horizonte
1985	<i>Revista do Professor</i>	Porto Alegre
1986	<i>Nova Escola</i>	São Paulo
1990	<i>Jornal dos Professores</i>	São Paulo
1994	<i>Criança: Revista do Professor de Educação Infantil</i>	Brasília
1995	<i>Presença Pedagógica</i>	Belo Horizonte
1996	<i>Revista da TV Escola</i>	Brasília
1997	<i>Cadernos CEDES: Família, Escola e Sociedade</i>	Campinas
1997	<i>Pátio: Revista Pedagógica</i>	Porto Alegre
1997	<i>Revista Educação</i>	São Paulo

FONTE: A autora (2018), com base em MORRONE (2003, p. 64-65).

⁴³ Para Pedrosa (1999), é também a partir de 1985, depois de finalizada a censura oficial aos meios de comunicação, que a imprensa passa a exercer seu papel de formadora de opinião com certa “tranquilidade”, podendo destacar alguns dos seus posicionamentos (as aspas são nossas).

⁴⁴ Essa preocupação estava intimamente ligada ao índice de analfabetos, que ainda estava muito alto. Segundo Ripa (2010, p. 106), “O número de analfabetos no país, divulgado pelo MEC, em 1985, era de ‘20 milhões’ de pessoas, ou seja, 25% da população com idade igual ou superior a 15 anos era considerada analfabeta e 8 milhões de crianças em idade escolar não tinham tido acesso à escola ou dela haviam se afastado precocemente, principalmente pela ampla jornada de trabalho a que eram submetidas.”

A *Revista do Professor/RS* foi fundada, em 1985, em Porto Alegre. Preocupada com a atualização do professor e em “prestar bons serviços ao magistério”, tinha como público-alvo os professores da Educação Básica. Utilizava uma linguagem simples, trazia farto material didático-pedagógico (escrito e ilustrativo), sugestões de atividades para o professor usar em sala de aula, como também discussões acerca de educação. Atingindo diretamente o professor, rapidamente o periódico passou a circular por todo o país. Este capítulo conta essa história.

2.1 OS PRIMEIROS ACORDES DA *REVISTA DO PROFESSOR/RS*

2.1.1 O *début* da *Revista do Professor/RS*

A *Revista do Professor/RS* foi fundada pelo advogado e professor Paulo Cesar de Castro (1941-2011)⁴⁵, através da Editora CPOEC (Centro de Pesquisas e Orientações a Exames e Concursos), de Porto Alegre/RS. Em 2012, a *Revista* passou a ser editada pela Editora do Professor, de Belo Horizonte, que a manteve até 2016⁴⁶.

O CPOEC foi uma organização particular especializada em ensino por correspondência, fundado em 1969, também por Paulo Cesar de Castro, que presidia a instituição. Segundo a própria *Revista do Professor/RS*, o CPOEC foi reconhecido de Utilidade Pública pela Lei nº 14, de 16 de outubro de 1970: “Entre as atividades desenvolvidas pelo CPOEC consta a preparação de professores que prestam exames para ingresso no Plano de Carreira, nas áreas 1, 2 e 3, em todo o Estado.” (CPOEC – 15 anos de bons serviços, *Revista do Professor*, 1985, n. 1, p. 11). Na época de fundação da *Revista*, a

⁴⁵ A *Revista do Professor/RS* foi idealizada, em 1984 (sua primeira publicação foi veiculada em 1985), pelo advogado e professor Paulo Cesar de Castro, que era natural do Rio de Janeiro, capital. Foi lá que ele cursou Direito. Em 1964, mudou-se para Rio Pardo/RS, para iniciar carreira no Banco do Brasil. Antes de suas atividades como diretor da Editora CPOEC e da *Revista*, ou seja, durante a Ditadura civil-militar brasileira, foi vereador (1968 a 1972) e Presidente da Câmara Municipal de Rio Pardo (1971). Faleceu no dia 24 de abril de 2011, aos 69 anos. Conforme: CÂMARA DE RIO PARDO. **Projeto de Lei nº 014-L/2016**. Dá denominação de Paulo Cesar de Castro ao Ginásio de Esportes da Boa Vista. Rio Pardo, 07 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.camarariopardo.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisa/0/1/0/3444>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

⁴⁶ Desde a fundação do periódico até o falecimento de Paulo Cesar de Castro, ele sempre esteve à frente da *Revista do Professor/RS* como seu principal dinamizador. Depois de sua morte, ela passou a ser editada pela Editora do Professor, de Belo Horizonte/MG. Quando da venda do periódico à editora mineira, ocorreu a substituição completa do grupo que trabalhava nos bastidores do periódico.

direção geral da entidade ficava em Rio Pardo/RS e o Departamento Regional em Porto Alegre/RS⁴⁷.

FIGURA 7 – ALGUMAS CAPAS DA PRIMEIRA DÉCADA DA REVISTA DO PROFESSOR



Legenda: Capas da *Revista* n. 1 e n. 3 (1985), n. 7 (1986) e n. 9 (1987), respectivamente.

FONTE: *Revista do Professor* (1985-1987).

⁴⁷ Rua das Andradas, nº 1.273, conjunto 801, no centro de Porto Alegre/RS (em 1986, conjunto 801/803 – conforme a ficha técnica da edição de número cinco da *Revista*. A informação, que indica um aumento do espaço físico, pode sugerir também um alargamento da equipe editorial. Como veremos, é no editorial de mesmo número que é anunciado o aumento das assinaturas). Mais tarde localizamos outros endereços, como Praça São Francisco, nº 50, e Rua Arthur Falkenbach, nº 40, ambos em Rio Pardo/RS.

FIGURA 8 – ALGUMAS CAPAS DA DÉCADA DE 1990 DA *REVISTA DO PROFESSOR*



Legenda: Capas da *Revista* n. 23 (1990), n. 33 (1993), n. 39 (1994) e n. 47 (1996), respectivamente.

FONTE: *Revista do Professor* (1990-1996).

Com pompa, a *Revista do Professor*/RS foi lançada oficialmente no dia 17 de outubro de 1984 com um coquetel para 150 diretores e representantes de escolas de Porto Alegre, além de integrantes de entidades educacionais do Estado do Rio Grande do Sul, no salão nobre da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI), em Porto Alegre. Observe, a seguir, duas fotografias da solenidade:

FIGURA 9 – LANÇAMENTO DA *REVISTA DO PROFESSOR* (1984)

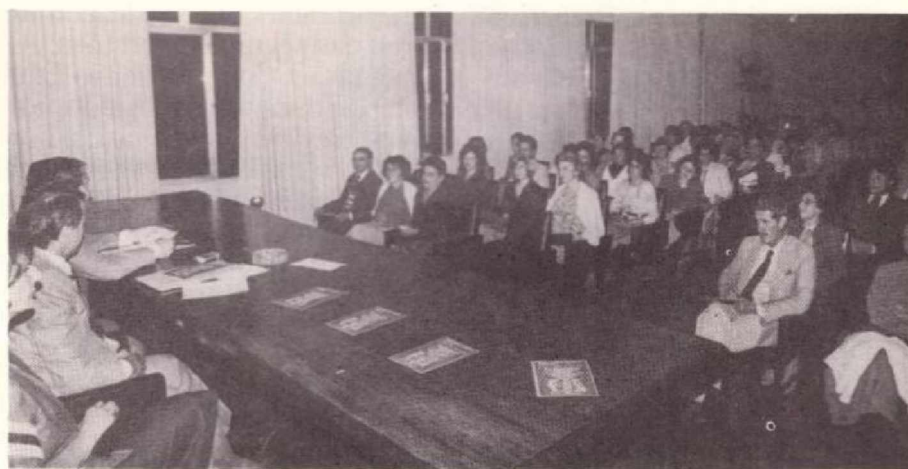


Lançamento da revista foi realizado no salão nobre da ARI

Legenda: Integrantes da mesa: Antônio Firmo de Oliveira Gonzales, vice-presidente da ARI e editor da *Revista do Professor*, Paulo Cesar de Castro, diretor da *Revista* e da Editora CPOEC, professora Zilá Saldanha Lauenstein, integrante do Conselho Editorial, Luiz Carlos Félix de Oliveira, Diretor Geral Adjunto da Secretaria de Educação e Cultura do Estado (SEC), e Teresinha Rangel Sperling, representante da 37ª Delegacia de Educação.

FONTE: *Revista do Professor*, n. 1 (1985, p. 10).

FIGURA 10 – CERIMÔNIA DE LANÇAMENTO DA *REVISTA DO PROFESSOR* (1984)



Mais de 150 representantes de escolas presentes à cerimônia

Legenda: Cerimônia de lançamento com a presença de diretores e representantes de escolas de Porto Alegre.

FONTE: *Revista do Professor*, n. 1 (1985, p. 11).

Na ocasião do lançamento, o grupo que idealizou a *Revista do Professor/RS* (e que era dirigente da CPOEC) elegeu o “engajamento na luta pela melhoria da educação” como principal fator para sua fundação e destacou, ainda, que ela viria para preencher “[...] a lacuna deixada pela ‘Revista do Ensino’, que orientou, informou e foi agente de intercâmbio para mais de uma geração de professores.” (CPOEC – 15 anos de bons serviços, *Revista do Professor*, 1985, n. 1, p. 11). A *Revista do Ensino/RS*, que circulou, por todo o Brasil, de 1951 a 1992 (com interrupção), foi bastante pesquisada pelos historiadores da educação. Foi tema, por exemplo, de vários textos da professora Maria Helena Camara Bastos, como o artigo “As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a *Revista do Ensino* do Rio Grande do Sul (1951-1992)”. No texto, Bastos (2002a) afirma que o periódico em questão, que era uma publicação do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE⁴⁸, órgão vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, criado em 1943), serviu como instrumento de divulgação da doutrina pedagógica oficial e buscou homogeneizar práticas e princípios escolares. Vemos, assim, uma estratégia de *marketing* em que a revista estreante promete suprir a falta da *Revista do Ensino/RS*, se apropriando da credibilidade, do *capital simbólico*, da já consagrada revista que a antecede. A expressão capital simbólico foi criada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu a partir de suas discussões sobre campos de interação. Para o autor,

Todo campo, [...], é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças. [...] Os agentes [do campo] [...] criam o espaço, e o espaço só existe (de alguma maneira) pelos agentes e pelas relações objetivas entre os agentes que aí se encontram. [...] É a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina ou orienta, pelo menos negativamente, suas tomadas de posição. (BOURDIEU, 2004, p. 22-23).

O campo simula um espaço de luta entre os agentes e é a partir da concentração de capital que podemos medir as forças deles, bem como suas posições no campo.

⁴⁸ Criado em 1943, vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE) foi extinto em 1971. O órgão tinha como objetivo oferecer assistência especializada ao Departamento de Educação Primária e Secundária do Estado do Rio Grande do Sul. (QUADROS, 2006, p. 127). Vale ressaltar que CPOE (responsável pela *Revista do Ensino*) e CPOEC (responsável pela *Revista do Professor/RS*), apesar das siglas, eram órgãos diferentes (o primeiro era um órgão governamental, já o segundo, que surgiu depois, era particular). Sobre o CPOE, ver: QUADROS, Claudemir de. **Reforma, ciência e profissionalização da educação**: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

Essas posições e trajetórias são determinadas, em certa medida, pelo volume e distribuição de variados tipos de *recursos ou “capital”*. [...] “capital econômico”, que inclui a propriedade, bens materiais e financeiros de vários tipos; “capital cultural”, que inclui o conhecimento, habilidades e diferentes tipos de qualificações; e o “capital simbólico”, que inclui os méritos acumulados, prestígio e reconhecimento associados com a pessoa ou posição. (THOMPSON, 2011, p. 195, grifo no original).

Parece que é na busca desse capital simbólico que a *Revista do Professor/RS* faz sua entrada triunfal no mercado editorial pedagógico, retratada pela fotografia, com o lançamento pomposo (com coquetel), no salão nobre da Associação Rio-Grandense de Imprensa, na presença de autoridades (o Diretor Geral Adjunto da SEC e a representante da 37ª Delegacia de Educação) que legitimam sua fundação e marcam um lugar privilegiado de fala.

No momento de fundação da *Revista do Professor/RS* (1985), o editor responsável pelo periódico era o jornalista Antônio Firmo de Oliveira Gonzales (1976-1994), vice-presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI), de Porto Alegre (conforme fotografia anterior)⁴⁹. Depois de Gonzales, que teve uma participação efêmera no início da *Revista*⁵⁰, assumiu a responsabilidade pelo periódico, a partir da edição de número 7, de 1986, a jornalista Marta Bettanzo da Costa⁵¹, que permaneceu no cargo até a sua venda à editora

⁴⁹ Antônio Firmo de Oliveira Gonzales graduou-se em Jornalismo, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 1957. Na década de 1960, começou como repórter do jornal *Última Hora*. Em pouco tempo se tornou editor policial da *Folha da Tarde* (onde trabalhou por 15 anos) e contribuiu, ainda, com o jornal *Correio do Povo*, todos de Porto Alegre. Na PUCRS também foi professor, a partir de 1967, e diretor, a partir de 1976. Em 1971, assumiu a direção do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul por três anos. Gonzales, que foi jornalista muito atuante no cenário da imprensa gaúcha, faleceu em 1994. Mais informações sobre ele em: *Revista Press Advertising*, edição 114. Disponível em: <http://www.revistapress.com.br/root/materia_detalle.asp?mat=104>. Acesso em: 23 mar. 2017.

⁵⁰ Sobre essa atuação efêmera do jornalista Antônio Gonzales no periódico, Marta Bettanzo da Costa destaca: “Eu lembro assim, que, na época, alguém deve ter me dito, ou eu tive essa sensação, ou o próprio Antoninho [Antônio Firmo de Oliveira Gonzales] deve ter me dito, que começou na revista para dar um empurrão, ele era um cara de nome, ele, como editor de uma revista que estava começando, então, realmente, o nome dele foi impulso, era um prestígio ter o Antoninho como editor de uma revista, essa era a verdade.” Depoimento oral concedido à pesquisadora, em 14 de maio de 2017.

Dada a posição de jornalista responsável pela *Revista do Professor/RS* por mais de 20 anos, procuramos a Marta Bettanzo da Costa para esclarecer algumas lacunas sobre os bastidores do periódico. Para isso, utilizamos a história oral, que tem como metodologia a produção de fontes históricas, por meio de depoimentos ou entrevistas orais: a fonte oral. Para Paul Thompson (1992), em *A voz do passado: história oral*, as fontes orais preenchem lacunas importantes da pesquisa (principalmente quando não há outros registros) e um conjunto de evidências bem solidificado pode constituir prova.

⁵¹ Marta Bettanzo da Costa formou-se em Jornalismo, em 1985, pela PUCRS e começou a sua carreira trabalhando na *Revista do Professor/RS*, onde permaneceu até 2011. Atualmente, Costa reside em Porto Alegre e está aposentada pelo Tribunal de Justiça/RS. Ela trabalhou como advogada por 34 anos no Poder Judiciário, paralelamente ao trabalho na *Revista*. No depoimento concedido à pesquisadora, ela informa que inicialmente trabalhava três horas por dia no periódico, três vezes por semana, depois passou a trabalhar em casa.

mineira. Sobre a sua chegada ao periódico, ela amarra a sua contratação à relação de aluna de Antônio Gonzales:

Aquela entrevista de quando a gente vai pegar o emprego, eu me lembro direitinho [...] na recepção, antes, enquanto eu aguardava ele me chamar, eu vi [...] um exemplar, e fiquei folheando e ali eu vi o nome do Antoninho. O Antoninho era diretor da Famecos [Faculdade de Comunicação Social – PUCRS], o nome dele é Antônio Firmo de Oliveira Gonzales [...]. Ele tinha sido o primeiro editor da revista e na faculdade eu era monitora dele. [...] mas eu não sabia que ele tinha alguma relação com a revista, então pra mim foi uma surpresa [...]. Bah! Olha que mundo pequeno! [...] quando eu passei pra falar com o Paulo [de Castro], durante a entrevista [...] eu falei pra ele! Eu vi aqui que o Antoninho foi o primeiro editor, eu trabalhei com ele na faculdade, ele era diretor da minha faculdade e eu era monitora dele. Aquilo ali deve ter servido pro Paulo, com certeza, como referência, no sentido de: “vou contratar essa guria, porque se ela era monitora do diretor, acho que vale a pena investir nela”; [...] o Paulo acabou me escolhendo em função da referência do nome do Antoninho, que foi um ícone no jornalismo⁵².

O Conselho Editorial da *Revista do Professor/RS*, no momento de sua fundação, era composto por Flavia Maria de Magalhães Rosa, que era ex-redatora-chefe e assistente de direção da *Revista do Ensino/RS*, Véra Neusa Lopes, técnica em educação e ex-diretora adjunta do Departamento de Educação Fundamental da Secretaria de Educação e Cultura do Estado (SEC), Zilá Saldanha Lauenstein, redatora por vários anos também da *Revista do Ensino/RS*, e Teresa Otto Pigatto, assessora técnica da SEC, coordenadora geral da CPOEC e esposa de Paulo Cesar de Castro⁵³. (CPOEC – 15 anos de bons serviços, *Revista do Professor*, 1985, n. 1, p. 10-11). Nora Cecilia Bocaccio Cinel, na época, Especialista em Linguagem e em Supervisão de Sistemas Educacionais, passou a participar do Conselho Editorial da *Revista* somente na década de 1990. Ao perguntarmos à jornalista Marta Bettanzo da Costa, por exemplo, sobre quem eram os profissionais que decidiam acerca da seleção das matérias de capa do periódico, ela afirma categoricamente: “Basicamente, então, a Teresa, a Véra Neusa e a Flavia Maria, depois, bem mais tarde, que veio a Nora, não sei exatamente o período que ela entrou.”⁵⁴

Dessa forma, a equipe que compunha a *Revista do Professor/RS* já tinha um grande conhecimento sobre o mercado editorial pedagógico. Esses personagens que formam o

⁵² Depoimento oral concedido à pesquisadora, em 14 de maio de 2017.

⁵³ Ressaltamos que a professora Teresa Otto Pigatto, depois da morte do esposo, assumiu como Diretora da *Revista do Professor/RS*. O crédito do novo cargo aparece nas últimas edições da *Revista* (2011).

⁵⁴ Depoimento oral concedido à pesquisadora, em 14 de maio de 2017.

grupo⁵⁵ responsável pela *Revista* eram experientes, vinham da *Revista do Ensino/RS* (caso das professoras Flavia e Zilá) ou da Editora CPOEC, que já estava no mercado antes da fundação da *Revista* (há 15 anos), caso de Paulo e sua esposa Teresa (que, juntamente com Véra Neusa, trabalhava na SEC). Todos eles eram professores e permaneceram no periódico até o momento da sua venda. Já a presença do jornalista Antônio Firmo de Oliveira Gonzales no momento inicial da *Revista* parece uma estratégia para angariar prestígio, como sugere a jornalista Marta Bettanzo da Costa, que assume o seu posto pouco tempo depois da saída de Gonzales, que tinha sido seu professor na PUCRS.

2.1.2 A questão do papel – a materialidade da *Revista do Professor/RS*

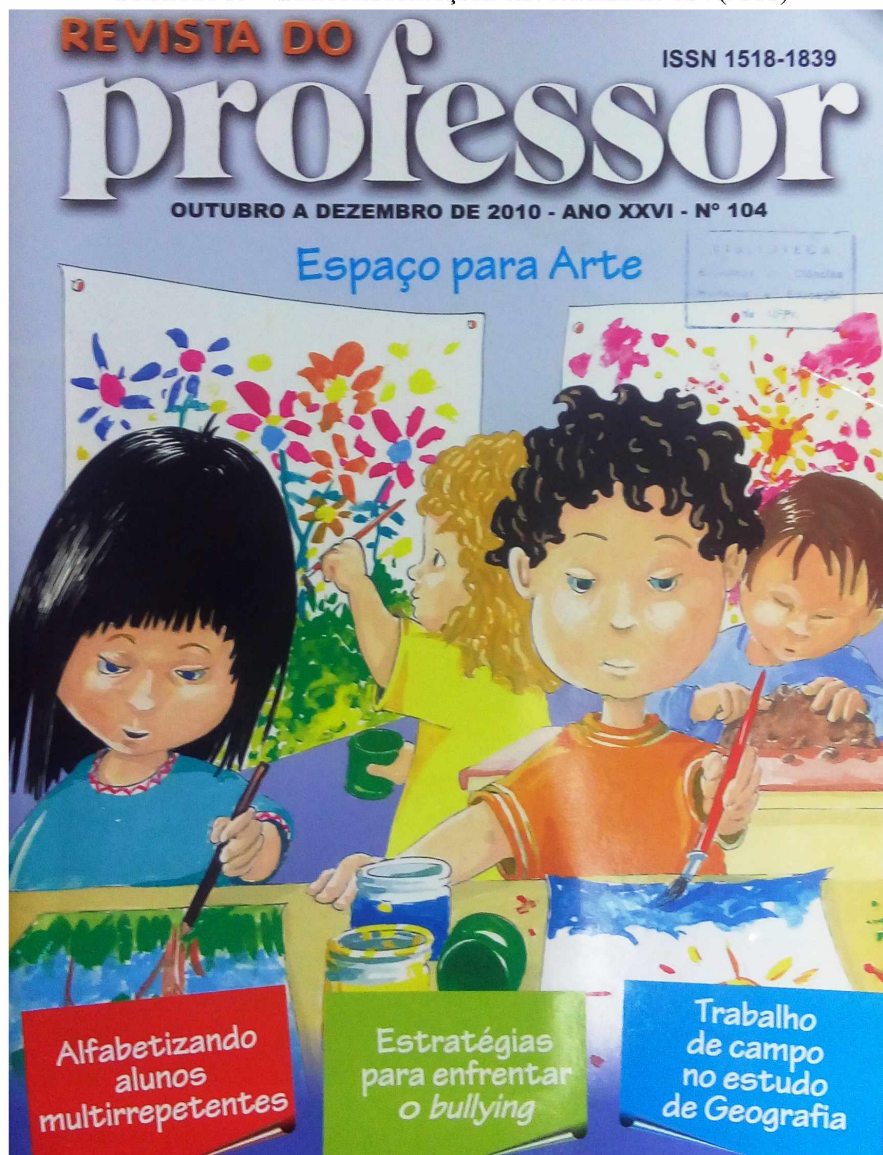
Em relação ao período de recorte desta pesquisa (1985 a 2011), a *Revista do Professor/RS* tinha periodicidade trimestral. Suas medidas eram de 28 x 21 cm e o seu número de páginas girava em torno de 50. Até 2007, seus números foram impressos em preto e branco, com exceção da capa e quarta capa, que sempre eram coloridas, em papel comum, tipo *offset*. No início de 2007, começam a aparecer algumas imagens coloridas no periódico, mas é só duas edições depois que o periódico fica inteiramente colorido (conforme é anunciado no editorial de out./dez. 2007, leia trecho abaixo). Em 2008, na edição de jan./mar., a *Revista do Professor/RS* passa a ser impressa em papel *cuchê*. Provavelmente a mudança ocorreu para uma melhor apresentação das imagens coloridas.

Desde a sua primeira edição, a *Revista do Professor* teve como princípio orientador a qualidade da educação, colocando ao dispor dos seus usuários um material pedagógico de conteúdo consistente, capaz de subsidiar verdadeiramente o trabalho de diferentes educadores. Mas essa preocupação não tem se restringido apenas ao conteúdo. Assim, o seu formato, ao longo do tempo, veio se modificando, buscando acompanhar, na medida do possível, as inovações tecnológicas.

Com esta edição, damos um grande salto: a *Revista* torna-se colorida em toda a sua extensão, contemplando igualmente as matérias de todos os nossos leitores-colaboradores. Temos certeza de que este salto de qualidade será bem-vindo por todos os que utilizam a *Revista* como suporte para o seu fazer pedagógico e esperamos que seja um incentivo maior para o envio de matérias de interesse de nossos leitores. (Trecho do editorial “Qualidade, sempre!”, *Revista do Professor*, n. 92, 2007, p. 3).

⁵⁵ Vale ressaltar que, apesar de essas figuras formarem um grupo, segundo o depoimento de Marta Bettanzo da Costa, tudo sempre passava pelo crivo do diretor Paulo Cesar de Castro, ou seja, a palavra final era sempre dele.

FIGURA 11 – CAPA DA EDIÇÃO DE NÚMERO 104 (2010)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 104 (2010).

Foi a partir dos pressupostos de Tania Regina de Luca, em “Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos”, sobre os aspectos metodológicos que devem ser considerados quando da utilização de periódicos como fontes de pesquisa, que fizemos esse levantamento – quanto à periodicidade, cor, formato, imagens, número de páginas, uso/ausência de publicidade, etc. Para a autora,

[...] as diferenças na apresentação física e estruturação do conteúdo não se esgotam em si mesmas, antes apontam para outras, relacionadas aos sentidos assumidos pelos periódicos no momento de sua circulação. [...] É importante estar alerta para os

aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural. [...] Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. (LUCA, 2010, p. 132).

FIGURA 12 – COMPLETE SUA COLEÇÃO

■ A professora precisa conhecer seus alunos como indivíduos e como membros de um grupo — a turma — antes de se posicionar quanto ao assunto.

É fundamental estar de posse de informações sobre interesses e dificuldades de aprendizagem de cada criança, ritmo de aprendizagem e faixa etária da turma. Tais conhecimentos favorecerão o planejamento, posteriormente.

■ O professor deve ter bem claro quais são os padrões de desempenho que espera dos alunos.

Os padrões selecionados devem ser relevantes e realistas e ser expressos com objetividade. A seleção de temas de casa deverá levar em conta esses padrões.

■ A lição de casa deverá ser familiar à criança.

A aplicação dessa estratégia deve significar uma oportunidade de reforço, de complementação, de revisão ou de enriquecimento. Deve ser uma oportunidade de continuar aprendendo. Conteúdos novos deverão ser evitados.

■ A quantidade e o tipo de tema deverão levar em conta a capacidade de atenção do aluno.

Aplicado às primeiras séries, isso significa temas de pequena

dimensão, ou, então, pequenas porções de uma tarefa maior e que serão realizadas em vários dias. A criança receberá tanto tema quanto é seu grau de atenção.

A professora deve também explorar, com frequência, atividades como: fazer colagens e recortes, coletar folhas, pedras e gravuras, fazer ilustrações, etc.

■ A lição de casa deve contribuir para o desenvolvimento de hábitos e habilidades de estudo, para que a tarefa seja produtiva.

A professora deve começar, em sala de aula, ajudando o aluno a, por exemplo, concentrar-se nas tarefas, a compreender o que deve ser feito, a organizar o trabalho, a buscar auxílio, se necessário.

■ A lição de casa deve conter, principalmente, nas séries iniciais, exercícios e atividades sobre os conteúdos instrumentais — ler, escrever e contar.

Devem ser exploradas diferentes oportunidades de leitura silenciosa e em voz alta, de ortografia; de realizar operações fundamentais, inclusive em resolução de problemas ou histórias matemáticas.

■ A tarefa de casa deve ser recolhida e visada pelo professor.

Partindo do pressuposto de que a lição de casa é fruto de uma ação planejada, com um objetivo definido, então será recolhido periodicamente pela professora que usará de reforços, como estímulo:

- Muito bem! Estás melhorando.
- Vamos melhorar a letra? Sei que podes.
- Muito bem! Continua assim.
- Presta mais atenção nas ordens. É importante!

COMPLETE SUA COLEÇÃO



Os n.ºs 1, 2, 3 e 4 da Revista do Professor já foram reeditados. Peça os exemplares que lhe faltam pelo reembolso postal e aproveite esta oportunidade única de completar sua coleção.

Editora CPOEC
Rua dos Andrades, 1273 - conj. 801
Fones: (0512) 24.6767 e 24.6299
Porto Alegre - RS - CEP 90.020.

janeiro a março de 1986 REVISTA DO PROFESSOR 41

Nos números analisados não há indicação de tiragem. Contudo, já na *Revista do Professor*/RS de número cinco é anunciada a reedição das quatro primeiras edições. A partir daí sempre encontramos a divulgação sobre a reedição dos números anteriores, com a inclusão do último número. Inclusive, encontramos também o anúncio da venda de coleções anteriores completas. Veja a imagem ao lado e a outra a seguir.

FONTE: *Revista do Professor*, n. 5 (1986, p. 41).

FIGURA 13 – ENCARTE VENDA COLEÇÃO COMPLETA

VALORES PROMOCIONAIS DE CADA COLEÇÃO:

Coleção ano 2010 R\$ 67,00	
Coleção ano 2009 R\$ 65,00	Coleção ano 2006 R\$ 59,00
Coleção ano 2008 R\$ 63,00	Coleção ano 2005 R\$ 57,00
Coleção ano 2007 R\$ 61,00	Coleção ano 2004 R\$ 55,00

Obs.: Não temos representantes nem cobradores.

Depto. de Assinaturas:
Rua Arthur Falkenbach, 50 - Fone/fax: 0**51 3731.1061
Caixa Postal: 87 - CEP: 96.640-000 - Rio Pardo - RS
Email: revista@revistadoprofessor.com.br
www.revistadoprofessor.com.br

Valores com desconto, válidos até 31/08/2011.

Acesse nosso site:
www.revistadoprofessor.com.br
Faça seu cadastro gratuito na Biblioteca Virtual e você terá uma fonte permanente e atualizada de pesquisa.

FONTE: *Revista do Professor*, encarte (2011).

FIGURA 14 – “FAÇA SUA ASSINATURA” (1987)

REVISTA DO professor

FAÇA SUA ASSINATURA

Dessepo fazer uma assinatura ☐ Anual ☐ Semestral da Revista do Professor, que pagarei no momento em que receber o primeiro exemplar no Correio, através do reembolso postal.

.....

data assinatura do assinante

Editora CPOEC
Rua dos Andradas, 1273
conjunto 801, Fones
05121 24-6767 e 24-6289 - Porto Alegre - RS - CEP- 90020.

FONTE: *Revista do Professor*, n. 9 (1987, p. 21).

FIGURA 15 – “ASSINE” (1995)

Assine

REVISTA DO professor

PEDIDO DE ASSINATURA

A Revista do Professor tem a seguinte sistemática de assinaturas: seja qual for o mês do pedido, o novo assinante receberá os números já publicados e os seguintes do ano, à medida que forem sendo editados.

NOME
ENDEREÇO
N° APTO. BAIRRO FONE
MUNICÍPIO ESTADO CEP
Dessepo fazer uma assinatura para 1995 da Revista do Professor, que pagarei no momento em que receber o bloquete de cobrança, pagável em qualquer Banco até o vencimento.

DATA
Assinatura

Editora CPOEC
Praça São Francisco, nº 30
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20040-000
Telefones: (021) 731-1061, 731-1121
e 731-2142. Fax: (051) 731-1061

FONTE: *Revista do Professor*, n. 43 (1995, p. 48).

A *Revista do Professor*/RS circulou em todo o país e teve como leitor, principalmente, professores da Educação Básica. Desde 1985, ela trabalhava através do sistema de venda avulsa e de assinaturas anuais e semestrais.

No editorial de número cinco, de 1986, há uma menção ao número de assinantes, indicativa da repercussão e popularidade da *Revista* no meio educacional nos níveis regional e nacional: “Com este número, a *Revista do Professor* está entrando em seu segundo ano de existência, cônica de sua responsabilidade junto aos assinantes – **de 2.000, no início, para 20.000 hoje**”. (Editorial, *Revista do Professor*, 1986, n. 5, p. 3, grifo nosso).

FIGURA 16 – PEDIDO DE ASSINATURA (2008)

Atualize-se

Esta é a oportunidade de investir em seu aprimoramento profissional. Leia e assine a **REVISTA DO PROFESSOR** durante todo um ano, por apenas 1 pagamento de R\$ 72,00 ou 2x de R\$ 38,00 ou 3x de R\$ 26,00. E você não paga nada agora. Basta preencher o pedido de assinatura ao lado e nos enviar hoje mesmo pelo Correio, não sendo necessário selar. Você poderá também fazer seu pedido através de nosso site www.revistadoprofessor.com.br.

REVISTA DO professor DÊ A UM(A) COLEGA

PEDIDO DE ASSINATURA

ASSINALE COM UM "X" A MODALIDADE DE PAGAMENTO DESEJADA

1 só pagamento de **R\$ 72,00**

2 pagamentos de **R\$ 38,00**

3 pagamentos de **R\$ 26,00**

Nome: _____

Endereço: _____

N.º: _____ Apto.: _____ Bairro: _____

Fone: () _____ Fax: () _____

E-mail: _____

CPF/CNPJ: _____

Município: _____

Estado: _____ CEP: _____

Desejo fazer uma assinatura para o ano de **2008** da REVISTA DO PROFESSOR, que pagarei, através de bloquetes de cobrança que serão enviados pelo Correio e pagáveis em qualquer banco até o vencimento.

ASSINATURA _____ DATA: ____/____/____

Editora CPOEC

Rua Arthur Falkenbach nº 50 - Rio Pardo /RS - CEP: 96640-000 - Fone/Fax: (0**51) 3731 1061 - www.revistadoprofessor.com.br

FONTE: *Revista do Professor*, encarte (2008).

O aumento está relacionado à distribuição da *Revista do Professor/RS* em várias cidades, de diversos estados, por meio de contrato de venda firmado com as secretarias de educação, conforme consta no Projeto de Lei nº 014-L/2016, apresentado à Câmara de Rio Pardo:

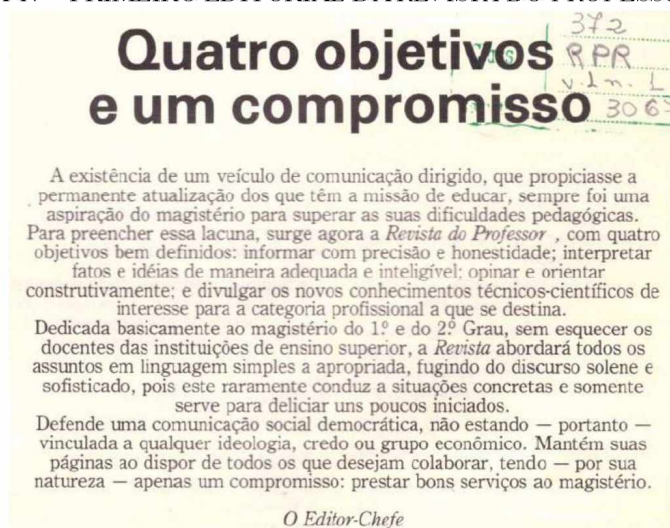
[...] adotada [a *Revista*] por cerca de **3.000 Secretarias Municipais de Educação de todo o território nacional e pelas Secretarias Estaduais de diversos Estados**, entre eles o Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Acre, Bahia, Ceará, Rondônia, Paraná, Mato Grosso do Sul, Tocantins e Distrito Federal, com **cerca de 30.000 assinantes** em todo o Brasil. (CÂMARA DE RIO PARDO, 2016, não p., grifos nossos).

Outro aspecto apontado pela historiadora Tania Regina de Luca (2010) é a função social dos periódicos. Qual o conteúdo que a *Revista do Professor/RS* veiculava, as relações que o periódico mantinha com o mercado, a publicidade, qual era o público a que se destinava, quais eram seus objetivos? Todas essas questões, bem como seu aspecto material, “[...] devem permitir localizar a fonte escolhida numa série, uma vez que esta não se constitui em um objeto isolado. Noutros termos, o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa”. (LUCA, 2010, p. 139).

No seu primeiro número a *Revista do Professor/RS* assume, além do compromisso de “prestar bons serviços ao magistério”, conforme destaca o editor-chefe, quatro objetivos: informar com precisão e honestidade; interpretar fatos e ideias de maneira adequada e

inteligível; opinar e orientar construtivamente; e divulgar novos conhecimentos técnico-científicos de interesse para a categoria profissional a que se destina, propiciando uma “permanente atualização dos que têm a missão de educar”⁵⁶. Isso, numa “[...] linguagem simples a apropriada, fugindo do discurso solene e sofisticado, pois este [...] serve para deliciar uns poucos iniciados”. (Editorial, *Revista do Professor*, 1985, n. 1, p. 3). O público-alvo da *Revista* igualmente é anunciado nesse momento: dedica-se “[...] ao magistério do 1º e 2º grau sem esquecer os docentes das instituições de ensino superior”. No entanto, observamos uma predominância clara de textos direcionados à Educação Básica (provavelmente decorrente da parceria com as secretarias municipais e estaduais). O primeiro editorial é muito representativo, dado seu caráter inaugural, marcado pela tomada de posição. É nele que ocorre o primeiro pacto com o leitor, que será validado nos anos posteriores.

FIGURA 17 – PRIMEIRO EDITORIAL DA *REVISTA DO PROFESSOR* (1985)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 1 (1985, p. 4).

A *Revista do Professor/RS* possuía muitas imagens, tanto desenhos dos ilustradores como fotos de personalidades, eventos, crianças, práticas. Além disso, ela também se preocupava em trazer farto material didático-pedagógico ilustrativo, com modelos e sugestões de atividades para o professor trabalhar em sala de aula. Confira a seguir algumas imagens veiculadas em diferentes seções da *Revista*.

⁵⁶ A questão da atualização é retomada constantemente na *Revista*. O editorial de número 16, de 1988, por exemplo, traz como título “Objetivo: atualização”, como forma de retomar a meta traçada no primeiro editorial: “Em cada edição da *Revista do Professor* há uma preocupação constante em solidificá-la como instrumento de natureza eminentemente didático-pedagógica.” (Editorial, *Revista do Professor*, 1988, n. 16, p. 3).

FIGURA 18 – ALGUMAS IMAGENS DA REVISTA DO PROFESSOR



Legenda: Reportagem sobre ensino de Ciências (seção Sala de aula), n. 1 (1985, p. 35), Fotografia de Marco Maciel, Ministro da Educação, n. 4 (1985, p. 5), seção Em foco, n. 38 (1994, p. 48) e seção Educação Infantil, n. 82 (2005, p. 5), respectivamente.

FONTE: Revista do Professor (1985-2005).

Na *Revista do Professor/RS*, além das ilustrações, encontramos fotografias, principalmente de cenas que tratam de práticas escolares sugeridas por ela e que são representativas de uma cultura escolar que ela queria recomendar e que podem ter orientado o cotidiano de muitas salas de aula: “A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos.” (JULIA, 2001, p. 9). No entanto, não podemos deixar de destacar que, “[...] em boa parte das vezes, estamos lidando com exercícios de prescrição de práticas, ou seja, em boa parte estamos lidando mais com culturas escolares prescritas do que com culturas escolares praticadas no interior das escolas”. (FARIA FILHO et al., 2004, p. 154). Na *Revista*, nem sempre a sala de aula é o foco de atenção das fotografias, percebemos um predomínio de cenas de alunos em ambientes diferentes: na biblioteca, aulas de música, arte, teatro, ao ar livre, etc. Observe as fotografias a seguir.

FIGURA 19 – FOTOGRAFIAS DA MANCHETE “DRAMATIZAÇÃO E APRENDIZAGEM” (1986)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 7 (1986, p. 5-7).

As crianças são representadas nas fotografias em questão fora do ambiente da sala de aula. Na primeira foto elas estão em contato com a terra, na segunda, estão em cima de uma árvore, imitando o bicho-preguiça, na terceira, uma das crianças está deitada em uma folha de papel e o professor está realizando o contorno do corpo dela, enquanto outras observam. A ideia é a de que o conhecimento do mundo é derivado dos sentidos e de que cabe ao professor colocar as crianças em contato direto com eles. A perspectiva é validada pela fala da psicóloga Martha Vecchio, que diz que a vivência é uma forma de aprendizado mais eficiente do que as aulas teóricas tradicionais. Martha Vecchio é diretora do Centro de Educação Criativa “Vivendo e Aprendendo”⁵⁷. A informação sobre o Centro reforça nossa afirmação de que o registro não faz parte do dia a dia da escola, já que duas das três fotos, conforme os créditos, indicam que elas foram realizadas no Centro de Educação Criativa e não na escola normal. Neste sentido, parece melhor pensá-las como representações da vida escolar, ou de um projeto ideal de vida escolar.

Essas fotografias, que fazem parte da seção **Arte-Educação**, buscam apresentar o desenvolvimento da atividade que se quer evidenciar na manchete, isso quer dizer que elas tinham uma finalidade: sugerir que através das técnicas teatrais, da expressão corporal, o aluno poderia aprender de forma divertida, “expressar e exercitar sua criatividade”. (Dramatização: forma criativa de aprender, *Revista do Professor*, 1986, n. 7, p. 5)⁵⁸. Vemos, assim, uma preocupação, por parte do periódico, em dialogar diretamente com o professor, oferecendo-lhe exemplos de atividades que poderiam ser desenvolvidas nas escolas. Boris Kossoy (2001), em *Fotografia & história*, destaca a questão da finalidade na fotografia:

Toda fotografia foi produzida com uma certa finalidade. Se um fotógrafo desejou ou foi incumbido de retratar determinado personagem, documentar o andamento das obras de implantação de uma estrada de ferro, ou os diferentes aspectos de uma cidade, ou qualquer um dos infinitos assuntos que por uma razão ou outra demandaram sua atuação, esses registros – *que foram produzidos com uma finalidade documental* – representarão sempre um meio de informação, um meio de

⁵⁷ Em 1982, um grupo de pais criou, em Brasília, uma associação alternativa, o Centro de Educação Criativa “Vivendo e Aprendendo”, formado por pedagogas e acadêmicos que não estavam satisfeitos “[...] com o modelo educacional do regime militar e queriam um espaço no qual a criança fosse reconhecida como sujeito capaz de pensar, criar e fazer escolhas.” O Centro existe até hoje. Disponível em: <<https://vivendoeaprendendo.org.br/historia/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

⁵⁸ O artigo “Dramatização: forma criativa de aprender – Recurso que libera bloqueios e timidez” não foi assinado.

conhecimento, e conterão sempre seu valor documental, iconográfico. (KOSSOY, 2001, p. 47-48, grifo no original).

Nas fotografias, a criança é o ator principal, o objeto de preocupação da *Revista*. Aliadas ao texto, elas evidenciam que o educador deve estar preparado para desenvolver na escola práticas que incentivem a criatividade e o desenvolvimento da criança. É importante não perder de vista que, nas fotografias, “[...] o tema é captado através de uma ‘atmosfera’ cuidadosamente arquitetada” pelo fotógrafo que escolheu um ponto de vista entre vários disponíveis, como destaca Kossoy (2001, p. 48). Como fonte, a fotografia é um testemunho segundo um filtro, o do fotógrafo. Por isso também é um vestígio.

Quanto à publicidade veiculada na *Revista do Professor/RS*, que representa a materialidade empreendedora de sustentação econômica do periódico, no começo ela foi bastante tímida, ganhando corpo a partir do terceiro número. No primeiro número há somente uma publicidade, da Assistel, uma assistência técnica autorizada de som, TV e videocassete, de Porto Alegre.

FIGURA 20 – PRIMEIRA PUBLICIDADE DA *REVISTA DO PROFESSOR* (1985)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 1 (1985, p. 47).

No segundo número não há nenhuma publicidade. Mas no terceiro temos várias: Farmácia Klein (1985, p. 10), Livraria Palmarinca (1985, p. 12), Editora do Brasil S/A (p. 19), Aidatur viagens, excursões, fretamento com ônibus de luxo (1985, p. 24), Livraria A Bayadeira (p. 41), Livraria Sulina (1985, p. 45); todos estabelecimentos de Porto Alegre. É na edição de número cinco, de 1986, que encontramos o primeiro anúncio de publicidade de outra localidade: da Gráfica e Editora Barddal de Curitiba, que ocupa uma página inteira (1986, p. 37). Na edição de número sete verificamos a primeira publicidade da Livraria do

Globo⁵⁹ (1986, p. 43) na *Revista*, de meia página, que contribui, de certa forma, dado o prestígio do anunciante, para caracterizar o ganho de certo capital simbólico. Conforme já destacamos, a expressão capital simbólico faz parte da ideia de campo introduzida por Pierre Bourdieu, para este, o espaço social é constituído por diversos tipos de capital, o capital simbólico é apenas um deles e diz respeito aos “[...] méritos acumulados, prestígio e reconhecimento associados com a pessoa ou posição.” (THOMPSON, 2011, p. 195). Segundo Bourdieu (1996, p. 170, grifo nosso),

O “capital econômico” só pode assegurar os lucros específicos oferecidos pelo campo – e ao mesmo tempo os lucros “econômicos” que eles trarão muitas vezes a prazo – se se reconverter em capital simbólico. **A única acumulação legítima [...] consiste em fazer um nome, um nome conhecido e reconhecido, capital de consagração que implica um poder de consagrar objetos [...] ou pessoas, portanto, de conferir valor,** e de tirar os lucros dessa operação.

FIGURA 21 – PUBLICIDADE DA LIVRARIA DO GLOBO NA *REVISTA DO PROFESSOR* (1986)

AULAS DE ECONOMIA.

DIARIAMENTE, EM TODAS AS LOJAS DA GLOBO.

Na Livraria do Globo, até professor se surpreende com as aulas de economia e qualidade. Livros didáticos e de literatura, material escolar, de escritório e material de desenho, tudo com os melhores preços e atendimento atencioso. Passe numa loja da Livraria do Globo e compreve: em qualquer departamento é tudo nota 10.

LIVRARIA DO GLOBO
10 lojas a serviço de quem ensina ou aprende.

julho a setembro de 1986 REVISTA DO PROFESSOR

FONTE: *Revista do Professor*, n. 7 (1986, p. 43).

A partir da participação de publicidades como a da Gráfica e Editora Barddal, de Curitiba, e da Livraria do Globo, de Porto Alegre, já nos primeiros anos de existência da *Revista do Professor/RS*, podemos sugerir que ela rapidamente começou a ser respeitada no mercado editorial, valendo a pena o investimento dessas empresas em publicidade no

⁵⁹ A Livraria do Globo, com mais de um século de existência (criada em 1883, em Porto Alegre), foi responsável pela fundação da Editora Globo e pela *Revista do Globo*, ou seja, já possuía lugar de prestígio no mercado.

periódico. No entanto, numa análise geral de todas as edições da *Revista* (que compreendem nosso recorte histórico), observamos que, mesmo com o decorrer dos anos, o periódico sempre manteve um número pequeno de publicidade, o que pode demonstrar uma não preocupação com esse tipo de parceria (decorrente, quem sabe, da falta de interesse em buscar parceiros) ou mesmo uma não necessidade, já que a *Revista do Professor/RS* era bancada pela Editora CPOEC e tinha também parcerias importantes com várias secretarias de educação, que garantiam as assinaturas – que rendiam capital econômico. Também não podemos esquecer, é claro, do fato de haver descaso e desinteresse das empresas privadas em financiar projetos culturais e educacionais.

2.2 EDITORIAIS EM REVISTA

[...] a informação objetiva é um *logro* total. Uma impostura.
(Marguerite Duras, em *Espírito do jornalismo*,
de Danton Jobim, p. 29).

A ideia de trazer à luz alguns editoriais da *Revista do Professor/RS* está alicerçada no que podem carregar de significação: eles condensam os mais variados interesses do grupo que os produz⁶⁰. Esses interesses também se fazem presentes nos demais textos, nas imagens, nas escolhas da *Revista*, mas é no editorial, geralmente, que algumas posições são tomadas de forma mais explícita. Para Roger Chartier, em *A história cultural: entre práticas e representações*, “[...] o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada.” Ler os editoriais que direcionam e organizam a leitura que deve ser feita da *Revista do Professor/RS* é, de alguma forma, tentar conhecer a tensão entre “a irredutível liberdade dos leitores”, já que a “leitura é prática criadora, actividade produtora de sentidos singulares, de significações”, e “os condicionamentos que pretendem refreá-la”. (CHARTIER, 2002, p. 123). É neste sentido que nos arriscamos a explorar esses textos:

⁶⁰ Optamos em dar destaque aos editoriais inaugurais pois podem esclarecer os objetivos e as posições da *Revista do Professor/RS*. O recorte nos parece razoável, já que seria inviável analisar cuidadosamente todos os seus editoriais – e este não é o foco da pesquisa. No entanto, nos parece importante aproximar o leitor dos ideais desses primeiros anos, marcados pela definição de rumos e pela materialização sólida do periódico como veículo pedagógico. Além disso, acreditamos que o recorte pode ser representativo do todo, já que a equipe que esteve à frente da *Revista* não mudou depois desse período, pelo menos até o momento da sua venda, após o falecimento de seu fundador.

[...] reconhecer as estratégias através das quais autores e editores tentavam impor uma ortodoxia do texto, uma leitura forçada. Dessas estratégias, umas são explícitas, recorrendo ao discurso (nos prefácios, advertências, glosas e notas), e outras implícitas, fazendo do texto uma maquinaria que, necessariamente, deve impor uma justa compreensão. Orientado ou colocado numa armadilha, o leitor encontra-se, sempre, inscrito no texto. (CHARTIER, 2002, p. 123).

No quarto editorial da *Revista do Professor/RS*, cujo título é “Construindo história”, é evidenciado o momento político que a nação vivia na época:

A história de um País se faz através de grandes modificações, de transformações que são capazes de alterar rumos e gerar novas consciências. Mas a história de uma Nação se faz também ao longo de cada pequena e minuciosa lição, na sala de aula, no pátio [...]. Este é um momento em que a Nação brasileira se reencontra com as muitas e infinitas formas de escrever a sua própria história. [...] Refletem os educadores sobre o encaminhamento de um cotidiano mais prazeroso na sala de aula, onde os mestres não serão as máquinas de fornecer informações, mas a extensão de pais e mães conscientes do que é melhor para seus filhos, os legítimos donos desse País que ainda aguarda por um futuro digno para seus habitantes. (Editorial, *Revista do Professor*, 1985, n. 4, p. 3).

Na época da criação da *Revista do Professor/RS* o país vivia o começo da redemocratização política, depois da Ditadura civil-militar no Brasil (que iniciou em 1964 e durou até 1985, quando José Sarney assumiu a presidência, dando início à Nova República)⁶¹. Como já destacamos, a *Revista* surge num momento de preocupação, por parte dos educadores, partidos políticos e movimentos sociais, com a implementação de políticas educacionais democráticas⁶²:

Com a descompressão do regime, os anos 80 caracterizam-se pela ascensão ao poder de partidos políticos que se diziam comprometidos com as causas democráticas. Entre elas destaca-se a democratização da educação que passa a fazer parte dos programas e intenções dos candidatos e governantes. Estes, uma vez eleitos, procuraram implementar algumas políticas educacionais consideradas democratizadoras, principalmente no que se refere à ampliação do número de vagas, combate à evasão escolar e à repetência, implementação de políticas compensatórias (merenda escolar, distribuição de livros didáticos, transporte escolar etc.) e maior participação de professores e pais. (PEDROSO, 1999, p. 6-7).

⁶¹ O período da Ditadura civil-militar foi marcado por ações coercivas, por atos institucionais, censura e amputação de direitos e, na educação, principalmente pela promulgação da Lei nº 5.392/71, que fixava diretrizes para o ensino de 1º e 2º graus. Sobre o período na educação ver: GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1994.

⁶² Acreditamos que é aproveitando essa preocupação que o periódico parece ver uma boa oportunidade de inserção fácil no mercado didático.

O novo ânimo produzido no país se faz presente também nos quadrinhos das “Aventuras do Professor Magistério”. Observe a seguir:

FIGURA 22 – ELEIÇÕES DIRETAS NAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO” (1986)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 7 (1986, p. 33).

Eleições diretas

Em 1984, ocorreu as “Diretas já”, um movimento nacional pelas eleições diretas para Presidente do Brasil. Mesmo assim, em 1985, aconteceu a eleição indireta de Tancredo Neves para Presidente, marcando a saída dos militares do governo, contudo, Tancredo faleceu antes da posse, deixando o cargo para o seu vice, José Sarney.

Embalada pelo fim da Ditadura, a expectativa pela efetiva democracia a partir da possibilidade de todos os brasileiros participarem das eleições diretas vai da macropolítica ao microuniverso da sala de aula. A abertura para essa possibilidade se dá, inclusive, inversamente à expectativa dos candidatos, que supõem serem bem cotados e nem sempre o são. Este é o tema abordado por Adão nos quadrinhos acima, que de forma bem-humorada fala das características do sistema democrático.

Não é possível desvincular a *Revista do Professor*/RS desse momento político. Mesmo que o periódico busque reforçar seu compromisso com a imparcialidade – “[A *Revista do Professor*] defende uma comunicação social democrática, não estando – portanto – vinculada a qualquer ideologia, credo ou grupo econômico” (Editorial, *Revista do Professor*, 1985, n. 1, p. 3)⁶³ –, ele desempenha também um papel ideológico, ainda que esse papel seja de, certa forma, apaziguar os ânimos, principalmente, no Rio Grande do Sul (haja vista a parceria que o periódico fez com as secretarias).

FIGURA 23 – SEÇÃO “HUMOR” (1985)



Observe a charge de humor da terceira edição da *Revista do Professor*, de 1985, ao lado.

FONTE: *Revista do Professor*, n. 3 (1985, p. 49).

⁶³ A questão da preocupação com sua imparcialidade é bastante recorrente. É o caso, por exemplo, do editorial comemorativo aos dez anos de existência da *Revista*: “Mantendo até hoje sua independência, esta Revista só se vinculou a um único partido, o da educação, que tem como militante o professor.” (Editorial, *Revista do Professor*, 1993, n. 35, p. 3).

Na imagem, do desenhista Paulo Brasil Gomes de Sampaio⁶⁴, conhecido como Sampauro (1931-1999), a greve parece ser retratada pelo viés do Estado. As duas professoras na parte da frente da imagem estão conversando enquanto seguram suas placas de reivindicações. Uma delas fala: “Desconfio que está havendo infiltração de elementos estranhos ao movimento!!” Com exceção da placa de sua interlocutora, ao lado, as demais trazem frases com problemas de português. O humor é gerado pela questão linguística. Os “infiltrados” não podem ser professores, já que não dominam a norma culta. A expressão facial deles pode reforçar essa ideia, pois, diferente das duas professoras, eles estão com caras feias, sugerindo que estariam ali para fazer confusão⁶⁵. Esse tipo de discurso, de que a greve é reforçada por baderneiros infiltrados, é lugar-comum, especialmente, entre os governantes.

No estado do Rio Grande do Sul, na década de 1980, a categoria dos professores é a mais organizada. O Movimento Sindical, que havia sofrido bastante durante a Ditadura civil-militar, retorna com muita força. Greves acontecem praticamente ano a ano. Veja a seguir um quadro com dados da época:

QUADRO 3 – GREVES NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (1985-1989)

1985	1986	1987	1988	1989
Tempo de greve: 60 dias	Não houve greve	Tempo de greve: 96 dias	Tempo de greve: 9 dias	Tempo de greve: 42 dias

FONTE: A autora (2017), com dados do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS) – Sindicato dos Trabalhadores em Educação. Disponível em: <<http://cpers.com.br/greves/>>. Acesso em: 24 maio 2017.

Em um conto escrito pelo próprio Paulo Cesar de Castro (Diretor da *Revista do Professor/RS*), publicado na seção **Ficção**, a questão da greve também aparece. O escritor, personagem que narra uma breve aventura no Fórum, emite a seguinte opinião: “É nisso que

⁶⁴ O desenhista nasceu em Uruguaiana/RS, em 1931. Principiou o curso de Arquitetura, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sem, no entanto, concluir. Seu primeiro trabalho foi no periódico *Clarim*. Trabalhou em outros jornais: *Diário de Notícias*, *Correio do Povo*, *Revista do Globo*, *Zero Hora*. Sampauro conquistou diversos prêmios (nacionais e internacionais). Faleceu, em Porto Alegre, em 1999. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/paulo-brasil-gomes-de-sampaio-sampauro/10310>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

⁶⁵ Como nos alertou o historiador Clóvis Mendes Gruner, as caras feias podem também representar a insatisfação dos professores com a situação salarial e com o descaso do governo. Acreditamos que ambas interpretações podem ser sugeridas, já que, como destaca Christie Davies (2011, p. 94), o humor é um terreno bastante instável: “Podemos até perguntar qual era a intenção do cartunista, embora seja bem possível que mesmo ele ou ela não saiba realmente dizer. E mesmo se souber, aqueles que virem o cartum ou a caricatura podem interpretá-lo de maneira bem diferente, e nós não podemos de maneira alguma dizer que eles estão errados ao fazê-lo. O ponto de vista do cartunista sobre a criação é importante, embora, é claro, não seja definitivo. Estamos em uma área onde os significados são escorregadios.”

dão as greves, os movimentos de opinião, e tudo o mais que serve de pretexto para o estudante fazer baderna, ao invés de estudar.” (A Verdade da Vida, *Revista do Professor*, 1985, n. 1, p. 46). Portanto, o discurso da *Revista do Professor*/RS não é imparcial. Afinal, já é no seu segundo editorial – “Dimensão nacional” – que vemos acontecer a parceria com o Estado.

Mas a receptividade que seu primeiro número, lançado em janeiro último, **obteve junto aos órgãos oficiais de âmbito federal, estadual e municipal, além de entidades privadas de todo o País, deu-lhe uma nova dimensão**. Hoje, a *Revista do Professor* volta-se para uma tarefa mais ampla e propõe-se a servir de meio de divulgação de experiências educacionais a todas as unidades da Federação. (Editorial, *Revista do Professor*, 1985, n. 2, p. 3, grifo nosso).

Provavelmente, o anúncio da receptividade por parte dos órgãos oficiais se refere às assinaturas bancadas pelas secretarias de governo.

FIGURA 24 – SEÇÃO “EM FOCO”, *REVISTA DO PROFESSOR* (1995)



A Secretaria da Educação do Estado do Paraná e a *Revista do Professor* firmaram termo de cooperação para que, num trabalho de parceria, todas as escolas da rede estadual passem a contar com a *Revista do Professor* em suas bibliotecas, proporcionando aos professores de sua rede um subsídio didático-pedagógico permanente da melhor qualidade. Aliada às demais iniciativas da Secretaria na área da atualização e do aperfeiçoamento de seu quadro docente, essa parceria irá contribuir, sem dúvida, para a melhoria do desempenho em sala de aula, como de resto toda a atividade prevista no Plano de Ação do órgão estadual responsável pela educação no estado do Paraná, tendo em vista os princípios que o embasam e os focos de atenção prioritários ao seu desenvolvimento.

Legenda: Na foto, Paulo Cesar de Castro, diretor da *Revista do Professor*, ao lado de Paulo Renato Souza, Ministro da Educação na época, no lançamento da Campanha *Acorda Brasil. Está na Hora da Escola*⁶⁶, dia 17 de março, no Rio de Janeiro, no Centro Cultural Banco do Brasil.

FONTE: *Revista do Professor*, n. 42 (1996, p. 48).

⁶⁶ Campanha de mobilização em prol da educação, realizada em 1995, e mais tarde transformada em Programa do Ministério da Educação e do Desporto. Tinha o objetivo de “[...] mobilizar a sociedade brasileira para a melhoria da escola pública, principalmente, a de ensino fundamental.” **Mobilização Social e Política pela Educação para todos**. A Experiência Brasileira. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997. p. 12.

Como forma de atender as demandas relativas às parcerias que vinham sendo firmadas desde seu segundo número, a questão do alcance da *Revista do Professor/RS* é reforçada no editorial “Um direito de todos” (edição de número 3): fala-se da criação, sob a responsabilidade da *Revista*, do *Projeto Nacional de Intercâmbio de Experiências Educacionais*, que pretende “[...] colaborar para a melhoria dos métodos de aprendizagem e educação, sempre defendendo o princípio de que o bom ensino não é privilégio de alguns, mas um direito de todos.” (Editorial, *Revista do Professor*, 1985, n. 3, p. 3). A ideia era divulgar, no periódico, realizações de êxito das escolas: “[...] para que todos possam tirar proveito, criando condições de intercâmbio entre os estabelecimentos de todos os quadrantes do País”, já que, “por falta de divulgação”, muitas dessas experiências são pouco conhecidas. (Revista do Professor lança projeto nacional, *Revista do Professor*, 1985, n. 3, p. 46). O periódico passa, assim, a evidenciar seu caráter de abrangência ampla, mesmo que seu conteúdo oscile bastante entre o nacional e o regional (Rio Grande do Sul). É o que destaca o décimo primeiro editorial, “Em prol da cultura”. Com o objetivo de “[...] despertar o interesse dos leitores e propiciar o surgimento de similares por este Brasil afora” (Editorial, *Revista do Professor*, 1987, n. 11, p. 3), o periódico reafirma seu compromisso de propagar a cultura a partir da divulgação de dois projetos: *O livro na sala de aula*, de autoria e supervisão da crítica literária Maria Dinorah, e a *Casa de Cultura Mário de Quintana*. O primeiro

[...] se constitui numa contribuição efetiva à melhoria da qualidade da aprendizagem da criança e pré-adolescente no 1.º grau, e pode, por sua singeleza e clareza de proposta, ser adotado pelos órgãos e entidades competentes e responsáveis pela educação deste país, como uma alternativa de efetiva democratização do ensino, pois coloca ao alcance do aluno, de qualquer condição socioeconômica, novas formas de saber. Já a Casa de Cultura Mário de Quintana se caracteriza como um espaço comunitário de lazer, produção e difusão da Cultura do Rio Grande do Sul, a que tem acesso desde crianças de idade pré-escolar até pessoas da terceira idade. (Editorial, *Revista do Professor*, 1987, n. 11, p. 3).

Visando angariar um maior número de assinaturas junto às secretarias municipais de ensino, o primeiro editorial de 1988 (número 13) – “Novos Projetos” – destaca a criação da campanha *Nenhuma escola sem a Revista do Professor*: “Neste início de 88, é nossa intenção entrarmos em contato com todas as Secretarias Municipais de Educação do País, a fim de que a Revista do Professor possa estar em cada uma das escolas do interior de nosso imenso território.” (Editorial, *Revista do Professor*, 1988, n. 13, p. 3).

Não é a toa que no mesmo número é anunciada a criação da seção “Ao Professor Municipal” e da seção “Informe Municipal” (que depois muda de nome, para “Ao Dirigente Municipal”). A primeira direcionada aos professores e a segunda aos prefeitos, como espaço de divulgação de suas realizações municipais na área da educação e da cultura.

FIGURA 25 – SEÇÃO “AO PROFESSOR MUNICIPAL” (1999)

Explorando a culinária

Atividade possibilita trabalhar várias áreas do conhecimento

• ADRIANA ELIZABETH RISI SIMÕES SIGNORETTI
• KEILA KLINKE MONTEIRO
• LOBELIA MARIA D. DE OLIVEIRA DIAS
• ROSEMARY A. CUNHA DAVOLIO
• SILVANA DE FREITAS LESSIO
Professoras Especialistas em Educação Infantil da Rede Municipal de Educação, Campinas/SP.

No livro *Biologia e Conhecimento* citado por Rubem Alves, Piaget “sugere que a aprendizagem não é apenas um processo lógico, mas sim um processo vital. O indivíduo aprende para poder *comer* o meio ambiente. O que não é vital, o que não *vira comida* não é apreendido! A cebola é a metáfora da aprendizagem. Aquele círculo mínimo central é o corpo do aluno. Aprender é fazer crescer por expansões sucessivas. Em torno daquele círculo outras camadas vão crescendo, sem saltos. A camada número 3 só aparece depois das camadas 1 e 2. Na cebola não há buracos.”

Usando os ensinamentos contidos nessa linguagem metafórica de Piaget, podemos afirmar que uma das atividades mais ricas e prazerosas das que podem ser proporcionadas às crianças é a culinária. Ela permite o maior aproveitamento em todas as áreas do conhecimento (lógico-matemático, linguagem, conhecimento social e natural) de forma interdisciplinar, sendo, em especial, nesta faixa etária – 4 a 6 anos –, muito do agrado da criança que está descobrindo paladares novos, novas combinações de alimentos, odores, texturas, formas. Ela sente prazer em levar coisas à boca e provar novidades e sensações, além de, como em um laboratório, poder realizar experiências as mais variadas, com os elementos da natureza, vivenciando suas transformações e reações.

Dentre as tarefas que realizamos, a culinária tem um destaque especial, sendo trabalhada no mínimo uma vez ao mês, e sugerida pelo grupo de acordo com o momento (tema desenvolvido). É elaborada pelas próprias crianças e serve também como o lanche desse dia. Os ingredientes são divididos e podem ser solicitados às famílias, com antecedência, através do caderno de recados e trazidos pelos alunos no dia previsto. Cada aluno relata ao grupo sobre as características que conhece do ingrediente que trouxe e faz-se a formação do conjunto dos ingredientes iguais, da mesma marca, pertencentes ao mesmo reino, apresentados no mesmo estado físico etc. A receita é escrita no quadro-de-giz ou em cartaz (letra de forma) ou utilizando-se fichas com o rótulo do ingrediente ou

FOTO 1



O desenho da medida e o rótulo do produto facilitam a leitura da receita

desenho de identificação ao lado da palavra escrita. No final da elaboração do alimento (enquanto cozinha, assa etc.) a receita é copiada como registro e/ou ilustrada, em caderno ou livrinho, de acordo com a capacidade de cada um.

Os ingredientes vão sendo explorados, classificados e separados quanto a sua origem (vegetal, animal ou mineral), estado físico da matéria (líquido, sólido ou gasoso), quantidade (contagem), medida e peso, odor, volume, cor, sabor, forma geométrica, temperatura, textura, investigando-se, também, se é matéria-prima ou se já é um produto manufaturado, na medida em que forem aparecendo na receita. É possível também buscar-se, junto com as crianças, as *raízes* quanto à tradição e à origem desse prato culinário, verificando hábitos e costumes de um povo ou região, sua etnia, produção agrícola, localização geográfica e paladares, podendo ser descobertos os pratos folclóricos típicos de um país, de uma região ou estado, bem como uma criação ou invenção de alguma família ali representada. Nessas ocasiões costumam acontecer ligações e descobertas pertinentes muito interessantes.

REVISTA DO PROFESSOR. Porto Alegre, 15 (60): 31-33, out./dez. 1999

31

FONTE: *Revista do Professor*, n. 60 (1999, p. 31).

O direcionamento ao ensino municipal (como estratégia para alavancar suas assinaturas) é assumido mais uma vez no editorial de número 17, “Acreditando no futuro” (1989): “Cada vez mais voltada para o Ensino Municipal, a Revista do Professor [...] inicia a

publicação de Cadernos Especiais⁶⁷ voltados a clientelas específicas do magistério, sendo o primeiro sobre o Pré-Escolar”. (Editorial, *Revista do Professor*, 1989, n. 17, p. 3). Observe as próximas imagens:

FIGURA 26 – SEÇÃO “EDUCAÇÃO INFANTIL” (2007)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 89 (2007, p. 9).

Dáí em diante o periódico assume completamente seu compromisso com a Educação Infantil, dedicando cada vez mais páginas a ela. Inclusive, é criada a seção **Educação Infantil** (que primeiro tinha o nome **Pré-Escola**), que logo ganha grande espaço no interior da *Revista*.

⁶⁷ Infelizmente, até a finalização deste trabalho não conseguimos localizar nenhum desses Cadernos, mas continuaremos a busca para pesquisa futura.

FIGURA 27 – SEÇÃO “EDUCAÇÃO INFANTIL” (2009)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 97 (2009, p. 5).

Nos editoriais vemos ainda a necessidade do leitor (professor) se enxergar, de alguma forma, na *Revista do Professor/RS*, daí a ideia de publicar as realizações de êxito de escolas de todo o país, isso aproximaria ainda mais professor e *Revista*. A preocupação com a publicação de práticas bem-sucedidas vai marcar bastante o seu discurso⁶⁸:

A *Revista do Professor*, voltada inteiramente para a educação pré-escolar, ensino fundamental e educação especial, divulga artigos técnicos, materiais didáticos pedagógicos, **relatos de experiências bem sucedidas ocorridas em sala de aula**, projetos educacionais com resultados parciais ou totais satisfatórios e que possam

⁶⁸ Essa característica não é uma peculiaridade da *Revista do Professor/RS*. Outras revistas contemporâneas a ela também se utilizavam da mesma estratégia. Roselaine Ripa (2010, p. 147) destaca que a revista *Nova Escola*, por exemplo, divulgava “receitas de sucesso”, principalmente, depois do surgimento da premiação Victor Civita “Professor Nota 10”.

interessar a todos os educadores, bem como outros assuntos e reportagens de interesse imediato ou correlatos à educação. (Você pode ser um colaborador desta Revista, *Revista do Professor*, 1990, n. 22, p. 15, grifo nosso).

Para Maingueneau (2004, p. 99), o sucesso do discurso está, entre outras coisas, nessa característica: “O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com um corpo investido de valores e socialmente especificados.”⁶⁹ É essa identificação do coenunciador com o discurso que atribui sentido ao texto. Observe a valorização do leitor e a preocupação em chamar os professores para uma participação mais ativa no periódico também nos dois editoriais a seguir:

O interesse sempre crescente, por parte do leitor, dá a certeza da linha de trabalho que se tem procurado manter: levar ao professor assuntos que, no dia-a-dia, sirvam de fonte para a solução de dúvidas e de subsídio para a sala de aula. O leitor sempre terá, em suas páginas, a atualidade e a pertinência, o que vem dar a validade à coleção. (Editorial “Novos rumos”, *Revista do Professor*, 1986, n. 8, p. 3).

Para que novos tempos ocorram, todos temos que participar. Principalmente você, assinante da Revista do Professor. [...] a Revista pretende ser um elo de ligação entre os diferentes quadrantes deste Brasil tão imenso, contribuindo para a unidade da educação [...]. Dê sua colaboração: planeje, produza, realize, experimente. Nós nos propomos a encontrar a forma de divulgação do seu trabalho. **Teremos sempre um espaço aberto esperando por você.** (Editorial “Compromisso partilhado”, *Revista do Professor*, 1987, n. 9, p. 3, grifos nossos).

Como já observamos, a preocupação em tornar o leitor um participante ativo do periódico parece herdada da revista *O Tico-Tico*. Trata-se de uma tática para o leitor sentir-se parte da empreitada editorial. Segundo Vergueiro e Santos (2008, p. 25-26), essa estratégia de *O Tico-Tico* era bastante vanguardista para a época: “Pode-se dizer que a publicação foi marcada pela sensibilidade de mercado, com seus organizadores antecipando-se em alguns anos às propostas de *marketing* defendidas décadas depois.” Nos editoriais da *Revista do Professor/RS* como um todo, percebemos essa preocupação grande em reafirmar seu compromisso com o leitor, como também o comprometimento sempre reforçado de ser porta-voz do professor, desvinculando-se de qualquer interesse específico ou relação que possa comprometer o seu papel de veículo de informação séria e imparcial, afinal, é isso que lhe

⁶⁹ Sobre a questão do poder da manipulação, ver: CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena:** propaganda política no varguismo e peronismo. Campinas: Papyrus, 1998. A obra, bastante vanguardista em relação ao estudo do poder como foco de preocupação e produção de discursos e símbolos (imagens), traz uma pesquisa comparada entre o varguismo e o peronismo, utilizando-se da propaganda política produzida pelo Estado Novo, Brasil (1937) e Peronismo, Argentina (1945-1955).

pode proporcionar legitimidade: a *Revista* quer representar o professor e somente ele. No entanto, como vimos, esse discurso isento não é possível, afinal, é nesses mesmos editoriais que acompanhamos as parcerias que ela faz. Para Tania Regina de Luca (2010, p. 140-141), devemos inquirir a respeito das relações que o periódico manteve com poderes e interesses financeiros, para conseguir entender o “[...] processo que envolveu a organização, o lançamento e a manutenção do periódico”. A análise desses editoriais foi nesta perspectiva.

2.3 A REVISTA DO PROFESSOR/RS EM FATIAS: DAS SEÇÕES – OU UM BREVE PASSEIO POR SUAS PÁGINAS

[...] toda imagem [...] *nos oferece algo para pensar*: ora um pedaço de *real* para roer, ora uma faísca de *imaginário* para sonhar. Assim sendo, toda imagem nos *faz pensar*. [...] também – *toda imagem é portadora de um pensamento*, isto é, *veicula* pensamentos. O que se pretende dizer? Que toda imagem leva consigo primeiramente algo do objeto representado. [...] *Veicula* assim uma *figura*, mas muito mais ainda. De um lado, o pensamento *daquele que produziu* a fotografia, a pintura, o desenho; de outro, o pensamento de *todos aqueles que olharam* para essas figuras, todos esses espectadores que, nelas, “incorporaram” seus pensamentos, suas fantasias, seus delírios e, até, suas intervenções, por vezes, deliberadas. (SAMAIN, 2014, p. 22-23, grifos no original).

A *Revista do Professor/RS*, de 1985 a 2011, se dividiu em várias seções. Muitas permaneceram, outras foram sendo substituídas no decorrer dos anos. Algumas delas são: **Palavra do leitor**, que traz trechos de cartas dos leitores; **Comportamento**, que discute como os alunos se comportam, questões sobre drogas, sexo, agressividade, etc. (mas que não aparece em todos os números, oscilando com o passar do tempo); a seção **Ficção**, que traz uma história ficcional de cunho moral (mas não se mantém); e a de **Humor**, que aparece nas duas primeiras edições como **Charge** e também como **Recreio**, respectivamente. Esta última seção, que é o objeto de análise do terceiro capítulo desta pesquisa, traz, em seus primeiros números, uma sátira ilustrada. Em 1986, surge o personagem “Professor Magistério”, criado pelo humorista gaúcho Adão Iturrusgarai. A partir daí a seção **Humor** ganha novo *status*: “As aventuras do Professor Magistério”.

A seção que abre as páginas da *Revista* é a **Palavra do leitor**⁷⁰. A questão do capital simbólico, que já destacamos, reaparece quando observamos a coluna, já que as cartas dos

⁷⁰ Curiosamente, já no seu primeiro número a *Revista do Professor/RS* publica, na seção **Palavra do leitor**, 14 trechos de cartas que teriam sido recebidas. Um dos trechos sugere a razão do leitor conhecer uma revista que

leitores, além de abundante material para a configuração do leitor⁷¹, podem ser indicativas de sua repercussão e sucesso. Com o tempo e a consolidação da *Revista* no mercado editorial ela foi alcançando prestígio e reconhecimento, ou seja, capital simbólico: “A única acumulação legítima [...] consiste em fazer um nome, um nome conhecido e reconhecido, capital de consagração que implica um poder de consagrar objetos [...] ou pessoas, portanto, de conferir valor, e de tirar os lucros dessa operação.” (BOURDIEU, 1996, p. 170).

A seguir destacamos alguns trechos de cartas que sugerem o prestígio do periódico, mesmo que pelo filtro da *Revista* – as cartas que seriam publicadas na seção **Palavra do leitor** eram selecionadas (e a jornalista responsável tinha a função de respondê-las, conforme depoimento).

Tive a oportunidade de conhecer a Revista do Professor. É a revista que todos nós estávamos aguardando. (Irides S. Capelesso, Guaraniaçu/PR).

Parabéns pelo trabalho, de excelente nível, realizado pela Revista do Professor, de número 1 ao 7, que acabamos de receber. Nossos votos são de que continuem, e com êxito. (Ana Maria Sánchez, Diretora de redação da revista *Nova Escola*, São Paulo/SP).

Os cartões resposta-comercial enviados foram insuficientes. Fineza enviar mais, pois conheço a Revista e acho válida a aquisição por maior número de pessoas. (Maria Efigênia de Oliveira Lopes, Diretora da Escola Municipal Newton Amaral Franco, Contagem/MG).

Tornei-me um divulgador dessa excelente revista. [...] Numa época de tantas incertezas e de tantos discursos inflamados sobre a educação, a Revista do Professor oferece-nos o que já está ao nosso alcance: comprometimento, simplicidade e criatividade. (Valter Martins da Silva, Caparaó/MG).

(Palavra do leitor, *Revista do Professor*, 1985, n. 3, p. 4, 1987, n. 9, p. 4 e n. 12, 1996, n. 45, p. 4, respectivamente).

Acreditamos que o sucesso da *Revista do Professor*/RS esteja ancorado, entre outros fatores, nessa forma de trazer grande diversidade de informação e de material didático de maneira clara e acessível, muitas vezes sendo o único meio de informação desse professor.

ainda não circulava: “Vi um cartaz da Revista no mural de minha escola e estou interessada em assiná-la. Como proceder?”. (Palavra do leitor, *Revista do Professor*, 1985, n. 1, p. 4). A carta não foi assinada.

⁷¹ Vale ressaltar que não é objetivo da pesquisa discutir a configuração do leitor da *Revista do Professor*/RS, no entanto, conforme destaca Chartier (2002, p. 123), “Orientado ou colocado numa armadilha, o leitor encontra-se, sempre, inscrito no texto”. Isso é preciso ser levado em consideração.

FIGURA 28 – SEÇÃO “PALAVRA DO LEITOR” (1996)



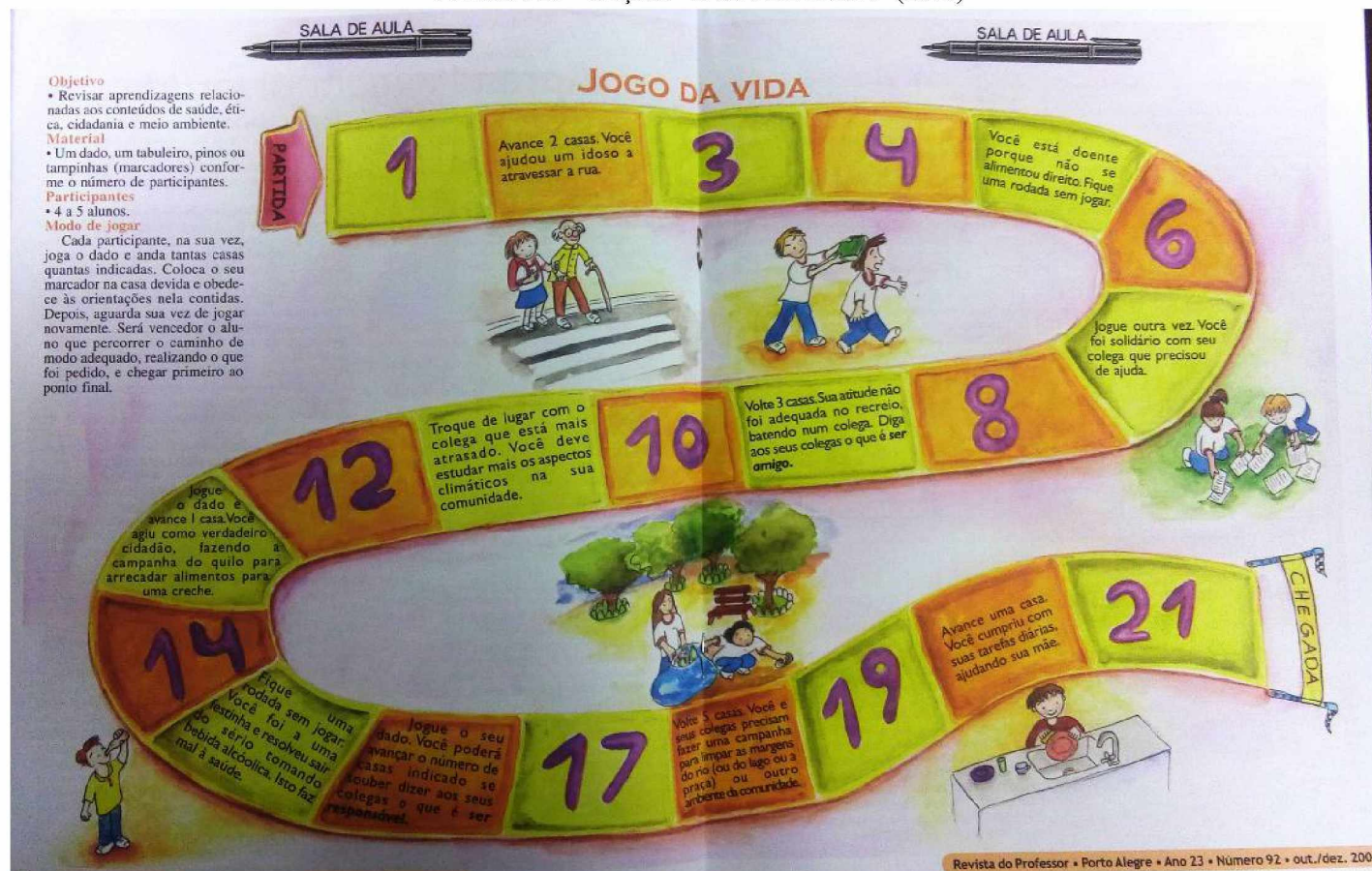
FONTE: *Revista do Professor*, n. 45 (1996, p. 4).

A revista *Nova Escola*, mesmo tendo ressurgido um ano após a *Revista do Professor*/RS, tinha um alcance muito maior que a revista gaúcha. Para Pedroso (1999), que analisa a *Nova Escola*, a distribuição mensal da revista paulista alcançou 220.000 escolas públicas de todo o Brasil (no sistema de parceria com o Estado). Ambas as revistas, *Revista do Professor*/RS e *Nova Escola*, ambicionavam o mesmo público-alvo, desta forma, trocar elogios era uma forma de uma legitimar a outra.

A seção de maior destaque da *Revista do Professor*/RS (que mais toma as suas páginas) é **Sala de Aula**⁷². A coluna apresenta práticas e dá sugestões para o professor trabalhar com os alunos em sala de aula. É uma seção bem didática e muito ilustrada.

⁷² Não poderíamos deixar de ressaltar que a revista *Nova Escola* também tinha uma seção com o mesmo título, criada, no entanto, muito tempo depois da seção **Sala de Aula** da *Revista do Professor*/RS. Segundo Ripa (2010, 148 e 151), “No período de 2003 a 2005, a revista agrupa as suas reportagens em novos títulos: ‘Sala de aula’, ‘Você, professor’, ‘Seu aluno’ e ‘Seções’. [...] Na seção ‘Sala de aula’ estão publicadas reportagens sobre as experiências que os professores desenvolvem em sala de aula, com os mesmos propósitos: inspirar práticas, oferecer modelos e impor uma concepção pedagógica do ‘como ensinar’.” Como acabamos de ver, desde 1987, a equipe editorial da revista *Nova Escola* mantinha permuta com a revista gaúcha.

FIGURA 29 – SEÇÃO “SALA DE AULA” (2007)



FONTE: Revista do Professor, n. 92 (2007, p. 16-17).

FIGURA 30 – SEÇÃO “SALA DE AULA”, NÚMERO 1 (1985)

SALA DE AULA

O atendimento ao pré-escolar

Use e abuse da sucata

Muito se tem falado e escrito, ultimamente, sobre educação pré-escolar: esta preocupação, mais do que uma nova bandeira política, um modismo ou uma fonte de novas ideias para os educadores, parte de uma nova tática de abordagem do problema. É sabido que os primeiros anos de vida, isto sem falar no período de gestação, têm especial significação para o desenvolvimento do indivíduo. A psicologia e a sociologia da antropologia e a própria educação têm demonstrado que, nessa fase, ocorrem:

- a formação inicial da inteligência;
- o lançamento das bases da personalidade, incluindo aí as primeiras e marcantes experiências de caráter afetivo;
- o início e o desenvolvimento da linguagem, das funções neuropsicológicas, psicomotoras e outras.

Assim, a educação pré-escolar, visando o desenvolvimento global e harmônico da criança, de acordo com suas necessidades físicas e psicológicas, tem objetivos em si mesma, próprios para a faixa etária a que se destina, e adequadas às solicitações do meio físico, social, econômico e cultural, no qual vive a criança.

Para Jean Piaget, são objetivos da educação em geral, com a qual a pré-escolar também está profundamente comprometida:

- criar pessoas capazes de fazer algo novo: pessoas inventivas, criadoras, descobridoras;
- formar mentes capazes de

crítica, de verificar, em vez de aceitar tudo o que lhes é oferecido.

Dessa forma, a educação pré-escolar não deve, nem pode, ser entendida como solução para os problemas do ensino de 1º grau regular, embora se saiba que a criança que teve oportunidade de receber algum tipo de atendimento adequado nessa faixa etária terá facilitado o seu processo de aprendizagem no ensino regular, especialmente nas primeiras séries, por possuir os elementos de infra-estrutura para vencer as barreiras da alfabetização. As realizações de desenvolvimento nesses primeiros anos terão continuidade nos anos subsequentes, sendo incorporados a sua personalidade. As experiências e o progresso, em cada etapa da vida, se fazem presentes na sequência do processo educacional, possibilitando maiores chances de enfrentar, com êxito, os novos desafios.

O atendimento ao pré-escolar deve partir das necessidades e interesses da criança, estimulando sua atividade e o desenvolvimento de sua criatividade, na conquista de sua autonomia. Esses valores devem ser buscados desde os primeiros anos, quando a criança está aberta para si, para os outros e para o mundo.

Destacam-se no pré-escolar necessidades tais como:

- **SEGURANÇA EMOCIONAL**, que significa que a criança deve sentir-se segura, ter certeza de que seus pais ou responsáveis, bem como os adultos que a rodeiam e com ela vivem, lhe que-

tando maiores chances de enfrentar, com êxito, os novos desafios.

O atendimento ao pré-escolar deve partir das necessidades e interesses da criança, estimulando sua atividade e o desenvolvimento de sua criatividade, na conquista de sua autonomia. Esses valores devem ser buscados desde os primeiros anos, quando a criança está aberta para si, para os outros e para o mundo.

Destacam-se no pré-escolar necessidades tais como:

- **SEGURANÇA EMOCIONAL**, que significa que a criança deve sentir-se segura, ter certeza de que seus pais ou responsáveis, bem como os adultos que a rodeiam e com ela vivem, lhe que-

rem bem, a amam e que ela é muito importante para eles.

— **SEGURANÇA MATERIAL**, que quer dizer que a criança precisa receber uma alimentação adequada ao atendimento do processo de desenvolvimento físico e mental por que passa; precisa ter condições para atender às necessidades de sono, exercícios e ar puro.

— **SEGURANÇA INTELECTUAL**, que implica na tomada de consciência pela criança, ainda que não saiba expressar, de que os adultos desejam e procuram os meios para garantir-lhe pleno desenvolvimento, que confiam nela e em sua capacidade de tornar-se independente.

— **RECREAÇÃO**, que se traduz na oportunidade de, através do brinquedo, do jogo, a criança usar sua capacidade criadora e compor seu próprio mundo.

— **ORIENTAÇÃO**, através da qual a criança toma consciência dos limites a que deve respeitar em sua vida, o que lhe é permitido, das normas e regras do meio em que vive e que precisa atender. Significa ser ajudada para aprender as regras do conviver.

Particularizando para a situação brasileira, e considerando que o Rio Grande do Sul não foge às condições gerais do contexto, a educação pré-escolar é também um fato político. E por quê? O Brasil é um país de jovens — aproximadamente 20% de sua população tem menos de sete anos — e o problema educacional nunca será bem equacionado, se

FANTOCHES

- SACOS DE PAPEL PEQUENOS
- SACO DE PIPOCA
- FANTOCHES DE UARA
- VARETAS E PAPEL GROSSO

FANTOCHES DE DEDO

- FILTRO OU OUTRO MATERIAL ENCOPIRADO

INSTRUMENTOS MUSICAIS

- CHOCALHOS • GALZOS • RECO-RECO
- LATA COM QUANTIDADES DIFERENTES DE AREIA

BRINQUEDOS

- PEDACOS DE MADEIRA
- TAMPAHINHA DE GARGAFA
- PEDACOS DE ARAME
- PEDACOS DE CABO DE FIO • SÓLA
- MATERIAL P/CONTAGEM
- TAMPAHINHA • BOTOES • CABIDES
- PEDACOS DE MADEIRA

REVISTA DO PROFESSOR

SALA DE AULA

O atendimento ao pré-escolar

Use e abuse da sucata

Muito se tem falado e escrito, ultimamente, sobre educação pré-escolar: esta preocupação, mais do que uma nova bandeira política, um modismo ou uma fonte de novas ideias para os educadores, parte de uma nova tática de abordagem do problema. É sabido que os primeiros anos de vida, isto sem falar no período de gestação, têm especial significação para o desenvolvimento do indivíduo. A psicologia e a sociologia da antropologia e a própria educação têm demonstrado que, nessa fase, ocorrem:

- a formação inicial da inteligência;
- o lançamento das bases da personalidade, incluindo aí as primeiras e marcantes experiências de caráter afetivo;
- o início e o desenvolvimento da linguagem, das funções neuropsicológicas, psicomotoras e outras.

Assim, a educação pré-escolar, visando o desenvolvimento global e harmônico da criança, de acordo com suas necessidades físicas e psicológicas, tem objetivos em si mesma, próprios para a faixa etária a que se destina, e adequadas às solicitações do meio físico, social, econômico e cultural, no qual vive a criança.

Para Jean Piaget, são objetivos da educação em geral, com a qual a pré-escolar também está profundamente comprometida:

- criar pessoas capazes de fazer algo novo: pessoas inventivas, criadoras, descobridoras;
- formar mentes capazes de

crítica, de verificar, em vez de aceitar tudo o que lhes é oferecido.

Dessa forma, a educação pré-escolar não deve, nem pode, ser entendida como solução para os problemas do ensino de 1º grau regular, embora se saiba que a criança que teve oportunidade de receber algum tipo de atendimento adequado nessa faixa etária terá facilitado o seu processo de aprendizagem no ensino regular, especialmente nas primeiras séries, por possuir os elementos de infra-estrutura para vencer as barreiras da alfabetização. As realizações de desenvolvimento nesses primeiros anos terão continuidade nos anos subsequentes, sendo incorporados a sua personalidade. As experiências e o progresso, em cada etapa da vida, se fazem presentes na sequência do processo educacional, possibilitando maiores chances de enfrentar, com êxito, os novos desafios.

O atendimento ao pré-escolar deve partir das necessidades e interesses da criança, estimulando sua atividade e o desenvolvimento de sua criatividade, na conquista de sua autonomia. Esses valores devem ser buscados desde os primeiros anos, quando a criança está aberta para si, para os outros e para o mundo.

Destacam-se no pré-escolar necessidades tais como:

- **SEGURANÇA EMOCIONAL**, que significa que a criança deve sentir-se segura, ter certeza de que seus pais ou responsáveis, bem como os adultos que a rodeiam e com ela vivem, lhe que-

tando maiores chances de enfrentar, com êxito, os novos desafios.

O atendimento ao pré-escolar deve partir das necessidades e interesses da criança, estimulando sua atividade e o desenvolvimento de sua criatividade, na conquista de sua autonomia. Esses valores devem ser buscados desde os primeiros anos, quando a criança está aberta para si, para os outros e para o mundo.

Destacam-se no pré-escolar necessidades tais como:

- **SEGURANÇA EMOCIONAL**, que significa que a criança deve sentir-se segura, ter certeza de que seus pais ou responsáveis, bem como os adultos que a rodeiam e com ela vivem, lhe que-

rem bem, a amam e que ela é muito importante para eles.

— **SEGURANÇA MATERIAL**, que quer dizer que a criança precisa receber uma alimentação adequada ao atendimento do processo de desenvolvimento físico e mental por que passa; precisa ter condições para atender às necessidades de sono, exercícios e ar puro.

— **SEGURANÇA INTELECTUAL**, que implica na tomada de consciência pela criança, ainda que não saiba expressar, de que os adultos desejam e procuram os meios para garantir-lhe pleno desenvolvimento, que confiam nela e em sua capacidade de tornar-se independente.

— **RECREAÇÃO**, que se traduz na oportunidade de, através do brinquedo, do jogo, a criança usar sua capacidade criadora e compor seu próprio mundo.

— **ORIENTAÇÃO**, através da qual a criança toma consciência dos limites a que deve respeitar em sua vida, o que lhe é permitido, das normas e regras do meio em que vive e que precisa atender. Significa ser ajudada para aprender as regras do conviver.

Particularizando para a situação brasileira, e considerando que o Rio Grande do Sul não foge às condições gerais do contexto, a educação pré-escolar é também um fato político. E por quê? O Brasil é um país de jovens — aproximadamente 20% de sua população tem menos de sete anos — e o problema educacional nunca será bem equacionado, se

BRINQUEDOS

- BOMBAS DE GASOLINA, CARRINHOS DE CAIXOTE (MOBILES E FIXOS)
- CAIXAS DE MADEIRA DO PAPELÃO
- LATAIS, EMBALAGENS DE MARGARINA E IOGURTE
- ROLHA ETC.

BONECOS

- CADEREIS • RESTOS DE PAPELÃO
- DO ROLHO DE PAPEL HIGIENICO
- VASILHAMES VAZIOS
- LATAIS, EMBALAGENS DE MARGARINA E IOGURTE

TRENZINHO E PORTA-LÁPIS

- CAIXAS DE MADEIRA DO PAPELÃO
- LATAIS, EMBALAGENS DE MARGARINA E IOGURTE
- ROLHA ETC.

FIGURAS DIVERSAS

- BOTOES • CAIXAS • PAPEL
- JORNAL VELHO
- REBOLLOS • ANTIGAS
- RETALHOS • FIOS

REVISTA DO PROFESSOR

SALA DE AULA

O atendimento ao pré-escolar

Use e abuse da sucata

Muito se tem falado e escrito, ultimamente, sobre educação pré-escolar: esta preocupação, mais do que uma nova bandeira política, um modismo ou uma fonte de novas ideias para os educadores, parte de uma nova tática de abordagem do problema. É sabido que os primeiros anos de vida, isto sem falar no período de gestação, têm especial significação para o desenvolvimento do indivíduo. A psicologia e a sociologia da antropologia e a própria educação têm demonstrado que, nessa fase, ocorrem:

- a formação inicial da inteligência;
- o lançamento das bases da personalidade, incluindo aí as primeiras e marcantes experiências de caráter afetivo;
- o início e o desenvolvimento da linguagem, das funções neuropsicológicas, psicomotoras e outras.

Assim, a educação pré-escolar, visando o desenvolvimento global e harmônico da criança, de acordo com suas necessidades físicas e psicológicas, tem objetivos em si mesma, próprios para a faixa etária a que se destina, e adequadas às solicitações do meio físico, social, econômico e cultural, no qual vive a criança.

Para Jean Piaget, são objetivos da educação em geral, com a qual a pré-escolar também está profundamente comprometida:

- criar pessoas capazes de fazer algo novo: pessoas inventivas, criadoras, descobridoras;
- formar mentes capazes de

crítica, de verificar, em vez de aceitar tudo o que lhes é oferecido.

Dessa forma, a educação pré-escolar não deve, nem pode, ser entendida como solução para os problemas do ensino de 1º grau regular, embora se saiba que a criança que teve oportunidade de receber algum tipo de atendimento adequado nessa faixa etária terá facilitado o seu processo de aprendizagem no ensino regular, especialmente nas primeiras séries, por possuir os elementos de infra-estrutura para vencer as barreiras da alfabetização. As realizações de desenvolvimento nesses primeiros anos terão continuidade nos anos subsequentes, sendo incorporados a sua personalidade. As experiências e o progresso, em cada etapa da vida, se fazem presentes na sequência do processo educacional, possibilitando maiores chances de enfrentar, com êxito, os novos desafios.

O atendimento ao pré-escolar deve partir das necessidades e interesses da criança, estimulando sua atividade e o desenvolvimento de sua criatividade, na conquista de sua autonomia. Esses valores devem ser buscados desde os primeiros anos, quando a criança está aberta para si, para os outros e para o mundo.

Destacam-se no pré-escolar necessidades tais como:

- **SEGURANÇA EMOCIONAL**, que significa que a criança deve sentir-se segura, ter certeza de que seus pais ou responsáveis, bem como os adultos que a rodeiam e com ela vivem, lhe que-

tando maiores chances de enfrentar, com êxito, os novos desafios.

O atendimento ao pré-escolar deve partir das necessidades e interesses da criança, estimulando sua atividade e o desenvolvimento de sua criatividade, na conquista de sua autonomia. Esses valores devem ser buscados desde os primeiros anos, quando a criança está aberta para si, para os outros e para o mundo.

Destacam-se no pré-escolar necessidades tais como:

- **SEGURANÇA EMOCIONAL**, que significa que a criança deve sentir-se segura, ter certeza de que seus pais ou responsáveis, bem como os adultos que a rodeiam e com ela vivem, lhe que-

rem bem, a amam e que ela é muito importante para eles.

— **SEGURANÇA MATERIAL**, que quer dizer que a criança precisa receber uma alimentação adequada ao atendimento do processo de desenvolvimento físico e mental por que passa; precisa ter condições para atender às necessidades de sono, exercícios e ar puro.

— **SEGURANÇA INTELECTUAL**, que implica na tomada de consciência pela criança, ainda que não saiba expressar, de que os adultos desejam e procuram os meios para garantir-lhe pleno desenvolvimento, que confiam nela e em sua capacidade de tornar-se independente.

— **RECREAÇÃO**, que se traduz na oportunidade de, através do brinquedo, do jogo, a criança usar sua capacidade criadora e compor seu próprio mundo.

— **ORIENTAÇÃO**, através da qual a criança toma consciência dos limites a que deve respeitar em sua vida, o que lhe é permitido, das normas e regras do meio em que vive e que precisa atender. Significa ser ajudada para aprender as regras do conviver.

Particularizando para a situação brasileira, e considerando que o Rio Grande do Sul não foge às condições gerais do contexto, a educação pré-escolar é também um fato político. E por quê? O Brasil é um país de jovens — aproximadamente 20% de sua população tem menos de sete anos — e o problema educacional nunca será bem equacionado, se

BRINQUEDOS E DECORAÇÃO

- ARAME • RESTOS DE FIOS FLEXIVEIS
- PEDRAS • CASCAS DE NOZES
- DE OVOS • AMENDOINS
- DE PINHAES
- CABIDE • PRENDIDOR DE ROUPA
- BARBANTE • FIOS DE Lã
- LINHAS • TIRAS DE FAZENDA

UTILIDADES

- ARQUIVO PARA CARTAZES

REVISTA DO PROFESSOR

SALA DE AULA

O atendimento ao pré-escolar

Use e abuse da sucata

Muito se tem falado e escrito, ultimamente, sobre educação pré-escolar: esta preocupação, mais do que uma nova bandeira política, um modismo ou uma fonte de novas ideias para os educadores, parte de uma nova tática de abordagem do problema. É sabido que os primeiros anos de vida, isto sem falar no período de gestação, têm especial significação para o desenvolvimento do indivíduo. A psicologia e a sociologia da antropologia e a própria educação têm demonstrado que, nessa fase, ocorrem:

- a formação inicial da inteligência;
- o lançamento das bases da personalidade, incluindo aí as primeiras e marcantes experiências de caráter afetivo;
- o início e o desenvolvimento da linguagem, das funções neuropsicológicas, psicomotoras e outras.

Assim, a educação pré-escolar, visando o desenvolvimento global e harmônico da criança, de acordo com suas necessidades físicas e psicológicas, tem objetivos em si mesma, próprios para a faixa etária a que se destina, e adequadas às solicitações do meio físico, social, econômico e cultural, no qual vive a criança.

Para Jean Piaget, são objetivos da educação em geral, com a qual a pré-escolar também está profundamente comprometida:

- criar pessoas capazes de fazer algo novo: pessoas inventivas, criadoras, descobridoras;
- formar mentes capazes de

crítica, de verificar, em vez de aceitar tudo o que lhes é oferecido.

Dessa forma, a educação pré-escolar não deve, nem pode, ser entendida como solução para os problemas do ensino de 1º grau regular, embora se saiba que a criança que teve oportunidade de receber algum tipo de atendimento adequado nessa faixa etária terá facilitado o seu processo de aprendizagem no ensino regular, especialmente nas primeiras séries, por possuir os elementos de infra-estrutura para vencer as barreiras da alfabetização. As realizações de desenvolvimento nesses primeiros anos terão continuidade nos anos subsequentes, sendo incorporados a sua personalidade. As experiências e o progresso, em cada etapa da vida, se fazem presentes na sequência do processo educacional, possibilitando maiores chances de enfrentar, com êxito, os novos desafios.

O atendimento ao pré-escolar deve partir das necessidades e interesses da criança, estimulando sua atividade e o desenvolvimento de sua criatividade, na conquista de sua autonomia. Esses valores devem ser buscados desde os primeiros anos, quando a criança está aberta para si, para os outros e para o mundo.

Destacam-se no pré-escolar necessidades tais como:

- **SEGURANÇA EMOCIONAL**, que significa que a criança deve sentir-se segura, ter certeza de que seus pais ou responsáveis, bem como os adultos que a rodeiam e com ela vivem, lhe que-

tando maiores chances de enfrentar, com êxito, os novos desafios.

O atendimento ao pré-escolar deve partir das necessidades e interesses da criança, estimulando sua atividade e o desenvolvimento de sua criatividade, na conquista de sua autonomia. Esses valores devem ser buscados desde os primeiros anos, quando a criança está aberta para si, para os outros e para o mundo.

Destacam-se no pré-escolar necessidades tais como:

- **SEGURANÇA EMOCIONAL**, que significa que a criança deve sentir-se segura, ter certeza de que seus pais ou responsáveis, bem como os adultos que a rodeiam e com ela vivem, lhe que-

rem bem, a amam e que ela é muito importante para eles.

— **SEGURANÇA MATERIAL**, que quer dizer que a criança precisa receber uma alimentação adequada ao atendimento do processo de desenvolvimento físico e mental por que passa; precisa ter condições para atender às necessidades de sono, exercícios e ar puro.

— **SEGURANÇA INTELECTUAL**, que implica na tomada de consciência pela criança, ainda que não saiba expressar, de que os adultos desejam e procuram os meios para garantir-lhe pleno desenvolvimento, que confiam nela e em sua capacidade de tornar-se independente.

— **RECREAÇÃO**, que se traduz na oportunidade de, através do brinquedo, do jogo, a criança usar sua capacidade criadora e compor seu próprio mundo.

— **ORIENTAÇÃO**, através da qual a criança toma consciência dos limites a que deve respeitar em sua vida, o que lhe é permitido, das normas e regras do meio em que vive e que precisa atender. Significa ser ajudada para aprender as regras do conviver.

Particularizando para a situação brasileira, e considerando que o Rio Grande do Sul não foge às condições gerais do contexto, a educação pré-escolar é também um fato político. E por quê? O Brasil é um país de jovens — aproximadamente 20% de sua população tem menos de sete anos — e o problema educacional nunca será bem equacionado, se

BRINQUEDOS E DECORAÇÃO

- ARAME • RESTOS DE FIOS FLEXIVEIS
- PEDRAS • CASCAS DE NOZES
- DE OVOS • AMENDOINS
- DE PINHAES
- CABIDE • PRENDIDOR DE ROUPA
- BARBANTE • FIOS DE Lã
- LINHAS • TIRAS DE FAZENDA

UTILIDADES

- ARQUIVO PARA CARTAZES

REVISTA DO PROFESSOR

FONTE: Revista do Professor, n. 1 (1985, p. 22-25).

A reportagem “O atendimento ao pré-escolar”, que é assinada por Ada Celesta Martini Barbosa, licenciada em Pedagogia, com Pós-Graduação em Educação Pré-Escolar (titulação da época, conforme os créditos da *Revista*), fala sobre dar prioridade ao uso de alternativas práticas para o ensino prazeroso de Ciências, com dicas de como utilizar ou adaptar o uso do laboratório. Apesar de a reportagem trazer várias imagens, é só nos dois parágrafos finais do artigo que as ilustrações são comentadas rapidamente pela pedagoga, na verdade, o foco do texto, que é baseado nos pressupostos do pesquisador Jean Piaget (1896-1980), é justificar a busca por alternativas criativas e baratas, dado o quadro problemático da educação pré-escolar brasileira. Para isso, a autora propõe a confecção de instrumentos, brinquedos e objetos a partir da sucata:

O atendimento ao pré-escolar deve partir das necessidades e interesses da criança, estimulando sua atividade e o desenvolvimento de sua criatividade, na conquista de sua autonomia. Esses valores devem ser buscados desde os primeiros anos, quando a criança está aberta para si, para os outros e para o mundo. (O atendimento ao pré-escolar, *Revista do Professor*, 1985, n. 1, p. 23).

O artigo chama a atenção à situação precária da educação pré-escolar no Brasil, enfatizando que as crianças de baixa renda “[...] ficam à mercê de instituições que lutam com mil dificuldades, com pessoal sem nenhuma capacitação específica, ou dependentes de programas subsidiados pelo próprio governo, mas que não conseguem manter regularidade”, em virtude dos orçamentos “inexistentes” ou que, quando existem, não são permanentes. A crítica ao governo é logo amenizada com a seguinte frase: “Todavia, o governo tem buscado, com o auxílio, muitas vezes, da iniciativa privada, formas alternativas.” (O atendimento ao pré-escolar, *Revista do Professor*, 1985, n. 1, p. 24). Sabemos muito bem que a *Revista do Professor/RS* é uma iniciativa de uma instituição privada parceira do Estado.

Vejamos outra matéria também da seção **Sala de Aula**, direcionada à pré-escola: “Levar o pré-escolar a integrar-se no mundo” (1987, n. 12), assinada por Ester Malamut, professora e especialista em Educação Pré-Escolar (titulação da época, conforme os créditos da *Revista do Professor/RS*). Observe as imagens a seguir, com ênfase para as duas pequenas ilustrações destacadas por nós na sequência (da prenda gaúcha e da baiana vendedora de acarajé):

FIGURA 31 – SEÇÃO “SALA DE AULA”, NÚMERO 12 (1987)

SALA DE AULA



Levar o pré-escolar a integrar-se no mundo

Uma viagem usando estratégias atrativas

ESTER MALACUIT
Professora com Especialização
em Educação Pré-Escolar

É no regaço da família que a criança vai estabelecendo suas primeiras relações afetivas, sociais, emocionais, intelectuais, biológicas, psicológicas, quando a simples sensação e constatação de “pertencer...” faz com que se torne segura, resguardada, serena, atenta e curiosa, vivaz e aberta favoravelmente para bem viver esta fase de intensa e positiva vibração nos contatos iniciais com o mundo exterior.

Hoje, muito mais que em passado não muito remoto, os horizontes da criança, já a nível pré-escolar, são imensuráveis, pois que estamos em uma época

onde qualquer projeção de vida é ultrapassada a cada momento, tão refinadas são as constantes descobertas, as conquistas do conhecimento humano que, por vezes, fogem à nossa imaginação e nos chegam através dos meios de comunicação.

Faz-se evidente, portanto, o quão necessário é que ela tenha condições reais de tomar conhecimento deles e para vivenciá-los, na medida de sua crescente capacidade, transpondo com naturalidade, numa base de “conta-gotas”, aquilo que vai encontrando em sua caminhada.

É fundamental ajudar a criança pré-escolar eficazmente, pois são suas constantes redescobertas, compreensões, experimentações, que a tomarão capaz

e receptiva para captar as oportunidades que lhe surgem e delas destrutir com sabedoria.

Desde que a criança esteja efetivamente integrada em seu lar, no correr dos dias, assimilando sua cultura, irá se familiarizando com os reflexos que emergem disto, no mundo de ser e de pensar, nos tipos de comida, nas canções, nas danças e nos jogos, nas vestimentas, na linguagem com suas variações e sotaques, com tudo, enfim, que lhe é computado através da cultura da comunidade na qual está inserida.

Atualmente, os veículos de comunicação, de propaganda, os apelos da publicidade acelerando-se em quantidade e diversificação, tornam como, entre pontos diferentes, vestuário, gastronomia, uso de cores, tipos de brinquedos e diversões, aproximando-os, mais sempre haverá diferenças causadas pelo meio físico ambiente, pela herança cultural...

É importante, professor, que você oportunize situações de aprendizagem às suas crianças, de modo que possam adquirir e fixar noções que as tornem capazes de compreender e valorizar quaisquer outros ambientes, sociedades, culturas, seja qual for o modo com que entrem em contato com eles.

É muito gratificante desenvolver experiências neste sentido; assim, lhes serão mostrados determinados aspectos acessíveis a sua faixa etária de pré-escolar: comunidades diferentes — zona urbana, litoral, serra, campo — elementos comuns em suas necessidades básicas, de ordem biológica, emocional, psicológica.

O mundo atual é extraordinário, um olhar mais atento... eis que surgem tantas condições que podem ser aproveitadas como situações de aprendizagem. Têm-se atitudes, oportunidades, funcionalidades, proporcionando as

SALA DE AULA

crianças sob sua guarda tarefas, trabalhos, atividades prazerosas, pertinentes a um assunto desta natureza.

Aproveite, portanto, entre positivamente na atmosfera em volta e encontre a sempre fiel companheira e espontânea curiosidade do pré-escolar por lugares distantes a seu meio social: resultará em materiais originais, criativos, inteligentes, bonitos.

Até a um trabalho com este objetivo e da maneira como for sendo conduzido, o pré-escolar aprenderá e gostará de aprender que existem comunidades diferentes, mas que podem se tornar cada vez mais integradas ao nosso dia-a-dia, pelos conhecimentos que vamos tendo a respeito.

Faça, pois, um inventário do que pode beneficiar neste trabalho. Por exemplo:

■ **As mãos ajudam**

Convoque as mães para uma reunião. Exponha seus planos de atividades. Peça que procurem seus familiares, seus amigos, seus conhecidos para que auxiliem.

Todo mundo junto... A festa está armada.

“Tipo ‘feira’”, em uma sala grande da escola, ou melhor, no

pátio, em barracquinhas, haverá tipos de merenda lembrando as diferentes cozinhas do Brasil, como a da Bahia, a de Minas Gerais, a do Norte, a do Sul, a do Litoral, a da Serra...

Traga discos, fitas, e as crianças aprenderão a cantar e dançar músicas características, típicas da região onde vivem os descendentes do alemão, do italiano; onde vivem o gaúcho, o sertanejo...

Dois ou três móveis podem ser presos ao teto da sala de aula, mostrando elementos de várias localidades. Uma criança pré-escolar carioca se encantará com a neve que cai no rigor do inverno em Cambará do Sul — Rio Grande do Sul ou em São Joaquim — Santa Catarina: essa neve poderá ser representada por flocos de isopor grudados em lâminas de alumínio leve.

Já o pré-escolar do Sul espicha o olho quando se depara com gravura, vê um filme, encontra uma fotografia de um paraíso como o do litoral Norte/Nordeste, com muito sol e calor e céu azul... azul... muito azul... e praias, muitas praias.

A elaboração de um painel bem grande, e no fulgor fantástico das cores, nuances, tons, subtons, ocupando toda uma parede da sala de aula, construído pelas

crianças em equipe, dará um jeito festivo ao ambiente como uma explosão de emoções e sentimentos e vibrações; ao mesmo tempo, excitadas pela valorização de sua criatividade, seu engenho, sua facanha, sua participação dinâmica com os colegas e a sabedoria ganham uma certeza: se organizaram um podem organizar outro e mais outro!

E, aí, vale tudo... pinturas, desenhos, colagens, gravuras, cartões postais, selos comemorativos a determinadas datas, fotos, hortaliças, frutas de uma e outra região.

E, com um a todos... a linguagem universal do sorriso!

Alunos, professora, mães e... rumo a Consultório ou Embaixadas de países amigos, onde dirão das suas intenções e suas atividades. Com a participação das autoridades, promova um intercâmbio de desenhos, pinturas, bandeirinhas das crianças do País que representam com as da Nação onde se encontra. Tais departamentos, em geral, possuem meios para emprestar filmes, “slides”, para serem projetados em sala do pré-escolar, para exposições dos trabalhos feitos pelos educandos daqui e os dos determinados países.

E por que não? Os alunos podem se pôr a dramatizar, dizer versinhos, contar estórias, ex-



REVISTA DO PROFESSOR 8

outubro a dezembro de 1987

REVISTA DO PROFESSOR 9

outubro a dezembro de 1987

SALA DE AULA

cutar jogos e brincadeiras características a outras culturas.

■ **As crianças pré-escolares viajam**

Convenhamos... nada melhor que uma viagem, para aferir conhecimentos da geografia, linguagem, história, ciências naturais entre outras coisas.

Sempre que o pré-escolar tenha essa oportunidade, a professora trabalhará com afinco, incitando-o a estar atento a tantas e tantas novidades: variações de clima-mudanças de temperatura entre um lugar e outro; a duração do tempo-quantas horas se leva do lugar de origem para o de destino; a distância — fica muito longe ou muito perto

um lugar de outro; gostou de fazer esta viagem? Arranjou novos amiguinhos? De que mais gostou nesta viagem?

■ **Hora de bater papo**

Ao regressar da viagem, na rodinha, cada criança terá sua vez de contar as coisas boas e as péripécias do seu passeio, usando o bloco, o flanelógrafo, todo tipo de material audiovisual possível e adequado, apresentando fotos tiradas na ocasião, aquilo que aprendeu: rimas, anedotas, experiências colhidas ao longo dos seus caminhos.

Responderá perguntas com alegria e prazer sobre suas “novidades”, coisas como: “Para onde foi?” “Foi de ônibus, de carro, de avião, navio?” “O que mais lhe surpreendeu?” “Valeu a pena?” “O que trouxe como lembrança típica do lugar onde esteve?” “Notou se havia um rio, um lago, um rochedo ou uma caverna?” “O terreno é plano?” “Fica pertinho de uma montanha?” “Andou a cavalo?” “O clima é diferente?” “A temperatura é muito quente, muito fria, agradável?” “Como se chamam seus novos amiguinhos?”



Então, o pré-escolar convidará seus outros colegas para que, enquanto o assunto está quente, as emoções vividas, as experiências elaboradas, as vibrações irradiando saudavelmente, o coração ecoando o que se passou (e o que ficou), o florescimento e o encantamento de saber que há tanto a por conhecer, convidará a todos e a si mesmo para elaborarem painéis, álbuns, desenhos, cartazes, num estender natural das suas novas aquisições a qualquer outro que deseje participar deste carrossel de aventuras.

BIBLIOGRAFIA

FERRERIA, Maria Lúcia e Colla, Sarah P. Souza. *Abordando na perspectiva*. 6. ed., São Paulo, Saraiva, 1982.

INSTITUTO DE PESQUISAS BIOMÉDICAS. *Ciclo de palestras*. Professor Roberto M. M. de Almeida. Porto Alegre, 1987. Autores.

PAPALIA, Diane E. & OLDS, Sally Wardina. *O mundo da criança: da infância à adolescência*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1981.

SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR. 2. São Paulo, Faculdade Teológica, 1985. Anuário. 8.

REVISTA DO PROFESSOR 10

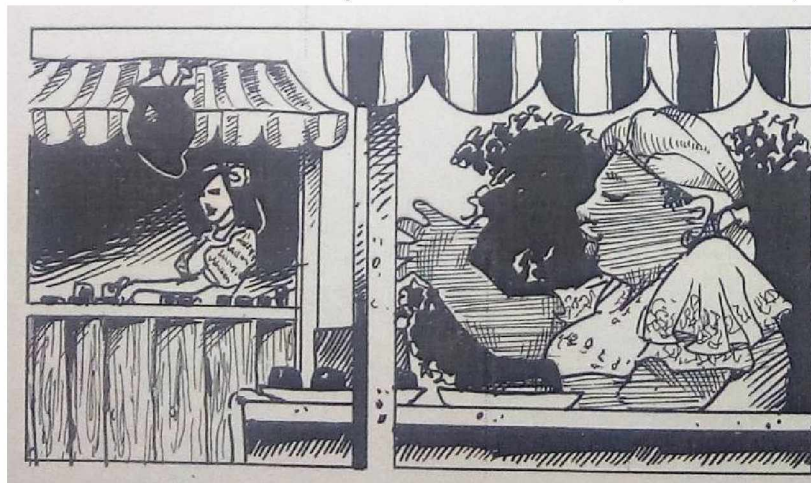
outubro a dezembro de 1987

REVISTA DO PROFESSOR 11

outubro a dezembro de 1987

FONTE: Revista do Professor, n. 12 (1987, p. 8-10).

FIGURA 32 – DETALHE DA SEÇÃO “SALA DE AULA”, NÚMERO 12 (1987)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 12 (1987, p. 9).

Nas duas ilustrações em destaque, as mulheres estão vendendo quitutes em barraquinhas de feira, a informação é confirmada pelo texto como uma sugestão de atividade a ser realizada na escola para incentivar as crianças a conhecerem o “mundo exterior”: “Tipo ‘feira’, em uma sala grande da escola, ou melhor, no pátio, em barraquinhas, haverá tipos de merenda lembrando as diferentes cozinhas do Brasil, como a da Bahia, a de Minas Gerais, a do Norte, a do Sul, a do Litoral, a da Serra...”. (Levar o pré-escolar a integrar-se no mundo, *Revista do Professor*, 1987, n. 12, p. 9).

A primeira imagem representa o estereótipo de uma prenda gaúcha – moça jovem, magra, bonita, com vestido de prenda e flor no cabelo. A imagem é reforçada pelo desenho da cuia de chimarrão na parte de cima da barraquinha, outro símbolo da cultura gaúcha. Na outra ilustração, ao lado, não é necessário nenhum reforço. Vemos a baiana típica vendedora de acarajé (iguarria da culinária baiana) representada pela mulher negra, gorda, com turbante e vestido com babados na manga. A escolha da primeira imagem a ser representada também reforça a questão regionalista, que é recorrente na *Revista do Professor/RS*, lembrando que se trata de um periódico produzido em Porto Alegre. Para Bastos, Lemos e Busnello (2007, p. 72), “A imagem não atua como uma mera ilustração, mas exerce uma função formativa do imaginário social, importante veículo de aculturação do sujeito, perpetua identidades, valores, tradições, culturas.” A abordagem, assim, parece estereotipada. Mínimos transformam-se em máximas. “Os estereótipos são parâmetros simplificados que transformam detalhes (calcados na observação da realidade ou tornados reais por insistências repetitivas) no todo.”

(GOODWIN, 2011, p. 536). Para se trabalhar com elementos múltiplos complexos como o texto e a imagem é preciso filtrar e diluir a realidade nos reservatórios estanques dos estereótipos. A imagem pode ser reacionária ou revolucionária. Em suas instâncias mais afiadas e criativas a ilustração provoca a reflexão e, ao usar os estereótipos, desnuda o seu uso. (GOODWIN, 2011). Mas este não é o caso das imagens em questão.

A seção **Sala de Aula** sempre traz várias reportagens diferentes em um mesmo número, mas o foco é sempre igual: prescrever atividades para a sala de aula. A prescrição fica evidente, por exemplo, no tom verbal utilizado nos textos (característica recorrente). Observe o uso excessivo do verbo “dever” no trecho a seguir do artigo “Falta de recursos versus criatividade: Estratégias no ensino de Ciências”, publicado na seção em questão⁷³:

A seleção de conteúdos **deve** ser fundamentada crítica e cientificamente pelo professor. Os conteúdos **devem** ser o ponto de partida para questionamentos e investigações, **devendo** ser reveladores (e não mascaradores) da realidade. Os conteúdos científicos **não devem** ser abordados como fenômenos circunstanciais e independentes [...]. (Falta de recursos versus criatividade, *Revista do Professor*, 1985, n. 1, p. 37, grifos nossos).

Algumas seções são acrescentadas posteriormente na *Revista do Professor/RS*, como a seção **Em foco**, que traz notícias da educação, a seção **O professor pergunta**, que tenta responder dúvidas comuns dos professores, a seção **Relato de experiências**, que apresenta reportagens de experiências didáticas exitosas de professores de escolas de diversos lugares do Brasil, e a seção **Proposta educacional**, que faz parte do Projeto Nacional de Intercâmbio de Experiências Educacionais, anunciado na edição de número três, que pretendia divulgar, na *Revista do Professor/RS*, realizações de êxito de escolas de todas as redes, mas que só ganha espaço de destaque na sua sexta edição. A partir da edição de número 23 também é incluída a seção **Pré-Escola**, que em 1994 assume o título de **Educação Infantil** (número 37) e contém matérias como: Ludoteca, Saúde bucal, Psicomotricidade, Autonomia, etc. A *Revista* finaliza com a seção **Conversa ao pé do ouvido**, momento de diálogo com o professor.

Observe, a seguir, o quadro que fizemos com as principais seções da *Revista do Professor/RS* (1985-2011):

⁷³ O artigo é assinado por Malvina do Amaral Dorneles; titulação da época, conforme destaca o próprio periódico: Pós-Graduada em Metodologia de Ensino.

QUADRO 4 – PRINCIPAIS SEÇÕES DA *REVISTA DO PROFESSOR* (1985-2011)

SEÇÃO	RECORRÊNCIA	ASSUNTO	EXEMPLOS DE ARTIGOS PUBLICADOS NA SEÇÃO
AO DIRIGENTE MUNICIPAL	Recorrente (apareceu primeiramente com o título Informe municipal)	Direcionada aos prefeitos como espaço de divulgação de suas realizações na área da educação e cultura.	<ul style="list-style-type: none"> • “Conselhos Municipais de Educação”; • “Plano de carreira”; • “Secretaria Municipal de Educação”.
AO PROFESSOR MUNICIPAL	Recorrente	Direcionada aos professores municipais como espaço de divulgação de suas realizações na área da educação e cultura.	<ul style="list-style-type: none"> • “Educação Ambiental”; • “Educar para a criatividade”; • “Trabalho docente em classe multisseriada”.
COMPORTAMENTO	Recorrente	Discute problemas relacionados ao comportamento dos alunos.	<ul style="list-style-type: none"> • “Estabelecendo limites”; • “Hiperatividade”; • “Uso de drogas”.
EDUCAÇÃO INFANTIL	Recorrente (apareceu primeiramente com o título Pré-Escola)	Temas direcionados ao ensino infantil.	<ul style="list-style-type: none"> • “Adaptação escolar”; • “Brincando com desenho”; • “Ludoteca”; • “Moralidade infantil”.
EM FOCO	Algumas edições	Traz notícias da área de educação que estão em foco na atualidade.	<ul style="list-style-type: none"> • “Biblioteca do professor: iniciativa oportuna”; • “Livro didático: exemplo a ser seguido”; • “Municipalização: tema de encontro nacional”.
HUMOR	Permanente (apesar de não ter circulado em algumas edições era uma seção permanente)	No primeiro ano da <i>Revista</i> traz uma sátira ilustrada, depois, a partir de 1986, passa a concentrar as “Aventuras do Professor Magistério”.	---
ÍNDICES	Algumas edições	Publicação de índice remissivo (por assunto e por autor), referente às publicações anteriores.	---
PALAVRA DO LEITOR	Permanente	Publicação de trechos de cartas dos leitores.	---
PROPOSTA EDUCACIONAL	Recorrente	Parte do Projeto Nacional de Intercâmbio de Experiências Educacionais, divulgação de realizações de êxito de escolas de todas as redes de ensino.	<ul style="list-style-type: none"> • “Campanha educativa de segurança de trânsito”; • “Em busca de solução para o ensino noturno”; • “Faz-de-conta na escola explora a criatividade”.
RELATO DE EXPERIÊNCIAS	Recorrente	Apresenta experiências didáticas exitosas de professores.	<ul style="list-style-type: none"> • “Como vencer a dificuldade com números inteiros”; • “Estratégias para desenvolver o ensino religioso”; • “Viajando através da história na pré-escola”.
SALA DE AULA	Permanente	Apresenta atividades, práticas e sugestões para o professor usar em sala de aula.	<ul style="list-style-type: none"> • “Como trabalhar com literatura infantil”; • “Interdisciplinaridade”; • “Jogando com verbos”.
UMA QUESTÃO DE OPINIÃO	Recorrente	Traz a opinião de especialistas sobre determinada temática.	<ul style="list-style-type: none"> • “500 anos de Brasil”; • “O ensino brasileiro precisa aprender a ensinar”; • “Professor do século XXI”.

Nota: Não listamos as seções que tiveram poucas aparições na *Revista do Professor*, como, por exemplo, **Administração**, **Arte-Educação**, **Conversa ao pé do ouvido**, **Especialistas em educação**, **Ficção**, **O professor pergunta**, **Planejamento**, **Reflexão**, etc.

FONTE: A autora (2017).

Em suas diversas seções vemos, na *Revista do Professor/RS*, uma grande variedade de assuntos que versam sobre as mais diversas disciplinas do currículo escolar, administração escolar, legislação educacional, psicologia, higiene, cultura, etc. Observe abaixo um quadro com os temas mais corriqueiros:

QUADRO 5 – PRINCIPAIS TEMAS DA *REVISTA DO PROFESSOR*

<ul style="list-style-type: none"> • Alfabetização; • Atualidades educacionais e práticas para a sala de aula com finalidade prescritiva; • Comportamento dos professores e alunado (e sugestão de perfil); <ul style="list-style-type: none"> • Criatividade (e inovações); • Educação Ambiental; • Educação de Jovens e Adultos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Educação Infantil (pré-escola); • Equipamentos escolares (recursos materiais e didáticos); <ul style="list-style-type: none"> • Lúdico; • Matemática; • Municipalização; • Políticas públicas para a educação; • Valorização do professor.
---	---

FONTE: A autora (2018).

Também observamos no periódico entrevistas com personalidades⁷⁴, relatos de experiências ou sugestões de atividades para trabalhar em sala de aula ou fora dela, buscando sempre apresentar ao leitor as mais modernas técnicas e atualizações em relação ao ensino, de maneira clara e com uma linguagem simples, muitas vezes recorrendo a ilustrações para se fazer compreender. É o caso da reportagem “Use corretamente o quadro para giz”. Nela são explicados sobre os tipos existentes de quadros. Como o quadro de giz deve ser colocado na parede, como deve ser utilizado (técnicas e estratégias) e, até mesmo, sobre como o professor deverá se portar diante dele: “A posição física do professor em relação ao quadro é da maior importância. Deve manter-se ao lado do quadro, falar e logo escrever, mantendo contato visual com o grupo; não fazer gestos desnecessários.” (Use corretamente o quadro para giz, *Revista do Professor*, 1985, n. 3, p. 28). Isso tudo muito bem explicado e ilustrado. Veja a reportagem a seguir⁷⁵:

⁷⁴ É comum, na *Revista do Professor/RS*, a publicação de entrevistas com personalidades importantes (e a publicação das fotografias dessas personalidades). A primeira edição da *Revista do Professor/RS* inaugura a seção **Entrevista** com a presença do governador Jair Soares. A manchete é: “Governo anuncia: Concursos em 85 – Meta é nomear seis mil”. Jair de Oliveira Soares (1833), natural de Porto Alegre, foi governador do Rio Grande do Sul de 1983 a 1987 pelo Partido Democrático Social (PDS). Antes de terminar seu mandato filiou-se ao Partido da Frente Liberal (PFL). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jair-de-oliveira-soares>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

⁷⁵ Apesar de ter sido muito popular entre os professores, a *Revista do Professor/RS* é ainda pouco explorada pela história da educação. Parece ser considerada por muitos uma revista menor, principalmente, pela academia (um indício disso é que, numa vasta pesquisa em várias plataformas, encontramos pouquíssimos trabalhos sobre ela). A despeito disso, a *Revista* é uma fonte rica e instigante para diversos outros temas de pesquisa. Como vimos no

FIGURA 33 – MATÉRIA “USE CORRETAMENTE O QUADRO PARA GIZ” (1985)



FONTE: Revista do Professor, n. 3 (1985, p. 25-27).

Antes de finalizar este capítulo, vejamos ainda um texto que compõe a seção **Comportamento**. O título é “Sexo e tóxico na adolescência”, artigo escrito por Eladir Rodrigues⁷⁶. Quanto ao texto, vemos que, apesar do assunto ser drogas e sexo, é o sexo que tem mais espaço. Há oito colunas com reflexões a respeito de sexo na adolescência e somente duas que dizem respeito à questão das drogas. Contudo, a ilustração e duas fotografias que compõem a reportagem estão relacionadas a drogas. Não há imagem alguma referente à questão sexual. Supõe-se um puritanismo, um receio, um cuidado nessa escolha. Para Bastos, Lemos e Busnello (2007, p. 43), as imagens podem sinalizar “[...] para uma leitura do cotidiano das escolas e das práticas educativas engendradas pela equipe editorial – pelo que mostram, pelo que silenciam e pelos sentidos que produzem”.

Observe as imagens na página seguinte. A primeira é uma ilustração em que o indivíduo recebe a droga na porta da escola. As outras duas fotos – sem indicação de créditos – tratam uma de um adolescente injetando drogas em seu braço e a outra focaliza as mãos enrolando um cigarro de maconha.

artigo “Use corretamente o quadro para giz”, a questão da cultura material escolar é um bom exemplo dessa riqueza. Fica a sugestão do tema para trabalhos futuros.

⁷⁶ O artigo foi ilustrado por Paulo Carvalho Júnior, o **Jaca**. O artista nasceu em Porto Alegre, em 1957. Um dos mais importantes desenhistas do Brasil, foi o primeiro ilustrador da *Revista do Professor/RS* (e amigo do humorista **Adão Iturrusgarai**). Contribuiu também para publicações como: *Dumdum*, *Animal*, *F.*, *Big Bang*, *Bang*, etc. Atualmente mora em São Paulo. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/jaca/151>>. Acesso em: 16 maio de 2017.

FIGURA 34 – REPORTAGEM “SEXO E TÓXICO NA ADOLESCÊNCIA”, 1985



FONTE: Revista do Professor, n. 1 (1985, p. 26-28).

Na ilustração, um edifício imponente ocupa a maior parte do espaço, ele representa a escola. Em frente ao portão, há um indivíduo, que pela indicação no texto da reportagem é um adolescente, e um outro sujeito. Este oferece algo que seria droga. O ponto de vista do observador é o de cima, nós adultos com um olhar privilegiado surpreendemos a cena em que, fora da escola, em frente à entrada, um adulto alicia a criança entregando-lhe droga. A droga não chega à mão da criança dentro da escola, porque dentro dela há vigilância, segurança. É possível ver que se trata de uma escola cuja sala de aula é convencional, pois pela janela avistamos mesas e cadeiras enfileiradas. A escola é identificada pela placa no canto direito que mostra uma pessoa atravessando a rua, ela está de uniforme com uma mala pequena. Enquanto o adolescente olha para os lados para ver se não está sendo observado ao pegar o pacote oferecido, o aliciador apresenta uma expressão de malícia. Ele veste calça boca de sino com estampa festiva, é descolado. O ilustrador criou uma cena estereotipada.

A ideia principal abordada na questão tóxica é o fato de que o jovem, confuso diante da angústia de perceber a passagem da vida infantil para a adulta, busca uma satisfação no uso da droga. Outra questão diz respeito ao fato de que a sociedade tem facilitado a expansão das drogas: “Hoje, há redes completas agindo desde as escolas, na distribuição e disseminação das drogas.” (Sexo e tóxico na adolescência, *Revista do Professor*, 1985, n. 1, p. 28). O curioso é que para a construção do artigo foi convidada a falar a psicóloga da Secretaria de Estado da

Educação e ela reforça, tanto em relação à questão do sexo quanto em relação à questão do uso de drogas, a importância do diálogo, o despreparo dos pais em lidar com o acontecimento e o dever da escola em suprir a falta de tato dos pais com a problemática. Ao dar a palavra a uma autoridade oficial para emitir sua opinião sobre determinado assunto, podemos ver que a fala também tem caráter de recomendação, ou mesmo, por que não, de norma a ser seguida? A *Revista do Professor/RS* parece reforçar para os seus leitores, os professores, com quem estabeleceu parcerias. Ela se reveste, assim, de autoridade.

* * *

No presente capítulo buscamos apresentar ao leitor a *Revista do Professor/RS*. Num primeiro momento fizemos, brevemente, uma caracterização geral sobre a fundação da *Revista* e nos detivemos à sua materialidade. Na sequência, analisamos alguns editoriais buscando conhecer o projeto editorial do periódico. Finalmente, por meio de uma incursão pelas páginas de suas seções, visualizamos temas e assuntos predominantes que caracterizaram sua composição. Para a construção do capítulo, utilizamos o método indiciário, cientes de que o conhecimento histórico é um conhecimento indireto do passado, baseado em vestígios, pois as fontes são lacunares e manipuladas e as afirmações sobre ele são inverificáveis de forma conclusiva; e conscientes, também, de que “O conhecimento histórico está ligado à época de sua produção, ao presente do historiador, que é sempre novo.” (REIS, 2006, p. 150). Já o próximo (e último) capítulo é somente de análise. É nele que, enfim, nos dedicamos à seção humorística “Aventuras do Professor Magistério”. Observamos as características de cada um dos humoristas responsáveis por ela e destacamos as principais peculiaridades das aventuras narrativas do personagem Professor Magistério.

3 A EDUCAÇÃO PELO HUMOR

O riso mais profundo é aquele que desvela e detalha as inquietudes, as angústias, os desejos, os sonhos, os sentimentos perturbadores escondidos nos sentimentos dos homens. (MINOIS, 2000, p. 196).

Com grande circulação, a *Revista do Professor/RS* alimentou por décadas o imaginário dos seus leitores com diversas representações. Implícitas ou explícitas, elas influenciaram de alguma maneira várias gerações de docentes e alunos. Entendidos como discursos (visuais e textuais), os quadrinhos de humor da *Revista*, publicados com o interessante título “Aventuras do Professor Magistério”, trouxeram enunciados muitas vezes cristalizados de certas percepções de professor, aluno, escola. Ora seus leitores se identificaram com essas aventuras (recheadas de estereótipos), ora sentiram um sentimento de repulsa (ou inquietação) em relação a elas e, quem sabe, por que não, em razão delas, se questionaram: “O mais interessante na relação entre indivíduo e estereótipos é aquela que culmina numa autorreflexão.” (ZINK, 2011, p. 64).

Nos próximos itens vamos nos aventurar nas representações de professor a partir da análise das “Aventuras do Professor Magistério”, o que implica, também, observar as representações de alunos, já que os quadrinhos são ambientados no universo escolar. No entanto, antes disso, alertamos o leitor que é do ponto de vista atual (do presente) que a análise que aqui fazemos é produzida, já que acabamos por colocar nas imagens as questões que nos interessam hoje, conforme afirma Baxandall (2006, p. 12). Para o autor, existe sempre uma distância entre aquele que olha e o objeto observado. Seja ele de qual tempo for, seja impresso numa reprodução. (BAXANDALL, 2006, p. 11). A nossa descrição sempre é uma representação do que pensamos sobre o objeto analisado. Por isso, nossas ideias ou comentários são periféricos em relação ao objeto propriamente dito. Temos a possibilidade de falar diretamente do efeito que a imagem provoca em nós, estabelecer comparações com coisas que possuem um efeito semelhante. Fazer inferências sobre um processo que teria levado o objeto a causar em nós tal efeito. (BAXANDALL, 2006, p. 32, 36 e 38). Por tudo isso, a interpretação que fazemos neste capítulo é mais uma reinvenção do que propriamente o que de fato se passou na cabeça do quadrinista, conforme o que o editor da *Revista do Professor/RS* lhe exigiu.

3.1 A REVISTA DO PROFESSOR/RS EM IMAGENS HUMORÍSTICAS

Por isso é que um rosto é tanto mais cômico quanto mais nos sugere a idéia de alguma ação simples, mecânica, em que a personalidade estaria absorvida para todo o sempre. [...] Entende-se agora a comicidade da caricatura. Por mais regular que seja uma fisionomia [...], seu equilíbrio nunca é absolutamente perfeito. [...] A arte do caricaturista é captar esse movimento às vezes imperceptível e, ampliando-o, torná-lo visível para todos os olhos. (BERGSON, 1987, p. 18-19).

O primeiro ano (1985) da seção **Humor**, da *Revista do Professor/RS*, foi marcado por uma afirmação da coluna. A seção aparece nas duas primeiras edições da *Revista* como **Charge e Recreio**, respectivamente. Além da consolidação do título da seção, houve também uma procura pela estabilização do cartunista responsável por ela, ou seja, o primeiro ano é marcado pela troca de humoristas⁷⁷.

A primeira ilustração humorística da seção foi de Paulo Brasil Gomes de Sampaio, conhecido como **Sampaulo**, que já apresentamos anteriormente. O caricaturista teve uma breve participação na *Revista do Professor/RS*, ficando responsável pela charge de humor da edição de número um e três. O segundo número, de 1985, ficou a cargo de **Santiago** (Neltair Rebés Abreu)⁷⁸, que teve uma única participação na coluna de humor da *Revista*. Na edição de número quatro, de 1985, temos a contribuição de Aníbal **Bendati**⁷⁹ (que também foi responsável pela diagramação de diversas edições da *Revista do Professor/RS*). Mas é a

⁷⁷ No decorrer do período recortado nesta pesquisa (1985-2011), vários ilustradores, com seus desenhos, contribuíram na *Revista do Professor/RS*, como: Jaca (Paulo Carvalho Júnior) – responsável pelas ilustrações dos textos “Sexo e tóxico na adolescência” e “Use corretamente o quadro para giz” –, a dupla Cláudio Cardoso e Ricardo Rodrigues – responsáveis pela ilustração do texto “Levar o pré-escolar a integrar-se no mundo” –, Gilson Milo da Fontoura, Marília Pirillo, Rosane Hoffmeister Paixão, etc. No entanto, nenhum deles era responsável pela seção **Humor**, que ficou a cargo de humoristas contratados exclusivamente para a seção. São eles: **Sampaulo**, Paulo Brasil Gomes de Sampaio; **Santiago**, Neltair Rebés Abreu; Aníbal **Bendati**; **Adão** Iturusgarai (criador do personagem Professor Magistério); **Luca Risi**; Francisco **Juska** Filho; Paulo Volmar Mattos **Vilanova**, respectivamente.

⁷⁸ Nascido em Santiago do Boqueirão/RS, em 1950, aos 20 anos foi para Porto Alegre cursar Arquitetura, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 1975, começou a sua carreira de desenhista na *Folha da Tarde*, onde trabalhou por nove anos. A paixão pela ilustração fez com que desistisse da Arquitetura. Ganhou muitos prêmios, com destaque para o prêmio internacional de cartunistas: o Grand Prix, que conquistou no 11th Yomiuri International Cartoon Contest, em 1989. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/neltair-rebes-abreu-santiago/7578>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

⁷⁹ Bendati nasceu na Argentina, em 1930. Por questões políticas, relacionadas ao seu trabalho como cartunista, mudou-se para o Brasil, em 1957, onde se naturalizou como brasileiro. Começou no jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, mas, em 1960, mudou-se para Porto Alegre, onde ajudou a fundar o *Última Hora* gaúcho. Foi também professor no curso de Jornalismo da UFRGS e da PUCRS. Faleceu em 2009. Sobre o artista: DORNELLES, Beatriz. (Org.). **PUCRS: 50 anos formando jornalistas**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.

chegada do desenhista **Adão** Iturrusgarai à *Revista do Professor*/RS (em 1986) que irá marcar a seção de humor. Iturrusgarai teve papel central no periódico: foi o criador do personagem Professor Magistério, em 1986. Observe os quadrinhos a seguir, de 1986 e 1987 (respectivamente), desenhados por ele:

FIGURA 35 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (N. 5, 1986)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 5 (1986, p. 42).

Nos quadrinhos de estreia de 1986 (que já foram rapidamente apresentados na Introdução desta dissertação), os alunos, acostumados com a ordem, o controle, a obediência (característicos do período da Ditadura civil-militar), entendem, a partir da fala do Professor Magistério, que o seu discurso diz respeito a uma liberdade de comportamento. Alinhados um atrás do outro e apoiados em suas carteiras e cadeiras, eles promovem uma algazarra quando o

professor, de pé e num lugar privilegiado (que evidencia uma relação hierárquica entre os sujeitos da escola), diz que ambos, professor e aluno, de acordo com os seus métodos, terão liberdade de agir e pensar em suas aulas livremente.

A perspectiva no que diz respeito ao campo de visão dos quadrinhos é a do professor. É a perspectiva que predomina nas “Aventuras do Professor Magistério”, com raras exceções, o que é compreensivo, já que ele é o personagem principal das histórias. A divisão dos quadrinhos é bem variada (independente do quadrinista). No entanto, eles são bastante sintetizados (fato que os aproxima da tirinha cômica). Mesmo quando os quadrinistas optam por vários quadros, eles retratam apenas uma cena, uma breve situação, desta forma, é necessário um processo inferencial maior por parte do leitor da *Revista* para entender a narrativa e o humor que a caracteriza.

FIGURA 36 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (N. 9, 1987)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 9 (1987, p. 39).

No primeiro quadrinho da história anterior (1987, número nove da *Revista do Professor/RS*), os alunos são retratados com cara feia. O professor orgulhoso afirma, com base numa ideia inovadora, que a escola pode existir sem a presença de um professor, mas não sem alunos⁸⁰. Na sequência, a reação dos alunos ao discurso do docente: ele é expulso da sala de aula a pontapés. A ideia do desrespeito por parte dos alunos é evidenciada humoristicamente.

Depois da saída de Adão Iturrusgarai da *Revista do Professor/RS*, o quadrinista **Luca Risi**⁸¹ assumiu seu posto. Mesmo com a mudança do humorista, o personagem Professor Magistério se manteve na seção **Humor**.

FIGURA 37 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR LUCA RISI (N. 39, 1994)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 39 (1994, p. 49).

⁸⁰ Apesar de citarmos algumas vezes os termos “inovador” e “tradicional”, ressaltamos que não é nosso objetivo aqui discutir a questão da inovação *versus* tradição, pois, “[...] A oposição entre prática tradicional e prática inovadora, qualquer que seja o pólo valorizado, mascara de fato a existência de toda uma série de ações profissionais ordinárias que constituem o tronco sobre o qual vêm se enxertar os estilos pedagógicos ou didáticos específicos, tradicionais ou renovados.” (CHARTIER, 2000, p. 164).

⁸¹ Tivemos dificuldade em obter informação sobre o desenhista **Luca Risi**. Mas sabemos que ainda vive em Porto Alegre, onde se dedica à carreira de cineasta, tendo sido premiado algumas vezes. Disponível em: <<http://www.cultura.rs.gov.br/v2/2013/01/mostra-de-video-independente-homenageia-o-cineasta-gaucha-luca-risi/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

Os traços de Luca Risi são mais detalhados do que os de Adão. Além disso, a chegada de Risi à *Revista* parece trazer ainda mais mobilidade ao personagem Professor Magistério: ao cenário da escola soma-se, com frequência, o da casa do professor e até da vizinhança.

FIGURA 38 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR LUCA (N. 42, 1995)⁸²



FONTE: *Revista do Professor*, n. 42 (1995, p. 49).

Os óculos do professor permanecem, mas o jaleco é substituído por uma roupa mais formal e o nariz diminui (visualmente, os professores de Adão e Luca são bem diferentes, o professor deste último até ganha um bigode). Vemos um professor mais preocupado em agradar seus alunos, ele parece mais empenhado. Os alunos, menos aborrecidos. Observe os quadrinhos ao lado.

⁸² O personagem inserido no último quadrinho da história faz parte do programa humorístico “Escolinha do Professor Raimundo”, comandado pelo humorista Chico Anysio (1931-2012). O bordão do professor Raimundo Nonato “E o salário, óóó”, com o gesto que fazia com os dedos (simbolizando que era pequeno), finalizava o programa. A série começou como um quadro humorístico dos programas do artista no rádio, mas ganhou um formato independente na programação da TV Globo em 1990. Muito popular, o programa possui um *remake* desde 2015 na mesma rede de televisão. A nova versão da série é comandada pelo ator Bruno Mazzeo (1977), filho do humorista Chico Anysio. Mais informações sobre a primeira versão do programa em: RAMOS, Roberto. *A ideologia da Escolinha do Professor Raimundo*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.

Depois dele assume a seção o humorista Francisco **Juska** Filho⁸³. Juska, como é conhecido, tem um traço mais caricatural do que Luca Risi, mas não tão reduzido como o traço do Adão. A mobilidade do cenário, bastante explorada por Luca, permanece. No entanto, Juska é menos detalhista do que Risi, seus quadrinhos parecem mais limpos.

FIGURA 39 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR JUSKA (N. 46, 1996)

Com Juska o Professor Magistério ganha novos contornos, o nariz volta a aumentar. Os óculos também são exagerados. O professor se mantém empenhado, criando artimanhas para conquistar seus alunos. Observe nos quadrinhos ao lado, por exemplo, que ele divide as cenas com outros personagens, que não são os alunos.



FONTE: *Revista do Professor*, n. 46 (1996, p. 49).

⁸³ Nascido em Santo Ângelo/RS, em 1956, Francisco **Juska** Filho formou-se em Jornalismo na UFRG. Sua carreira começou na revista *Carrinho*, com Aníbal Bendati. Publicou em vários periódicos, como *O Pasquim* e o *Zero Hora*. Hoje, Juska tem um estúdio em Porto Alegre, onde cria histórias em quadrinhos e ilustrações variadas. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/trabalhos-de/francisco-juska-filho/4976>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

O último humorista da *Revista do Professor/RS* foi o artista **Vilanova**⁸⁴. É com a sua chegada que a esperteza do aluno fica mais evidente (ressaltando que os alunos sempre foram retratados como espertos). Os óculos se mantêm (mas perdem um pouco da evidência dada por Juska) e o jaleco retorna como estereótipo da figura do professor. O nariz fica ainda mais exagerado do que aquele desenhado pelo Adão. O professor é mais caricatural. Observe como sua cara, boca e nariz ficam enormes (ele também fica gordo) – bem caricaturizados. A seguir, o primeiro quadrinho assinado por ele, publicado em 2004.

FIGURA 40 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR VILANOVA (N. 77, 2004)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 77 (2004, p. 49).

⁸⁴ O desenhista Paulo Volmar Mattos **Vilanova** é gaúcho também e já foi premiado em diversos salões de humor, tanto no Brasil como no exterior. O artista mantém uma página nas redes sociais.

Na sequência destacamos os primeiros quadrinhos coloridos da *Revista do Professor/RS*, desenhados também por Vilanova. Neles, os alunos parecem bem mais felizes do que os que foram retratados pelos seus antecessores (principalmente em relação aos alunos do Adão). Eles estão sempre sorridentes⁸⁵. Note, ainda, como o cenário da sala de aula ganha preocupação com a textura (isso até mesmo antes do colorido, reveja a imagem anterior). O professor continua preocupado em agradar seus alunos. Vilanova permaneceu na *Revista do Professor/RS* até a sua venda à editora mineira.

FIGURA 41 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR VILANOVA (N. 93, 2008)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 93 (2008, p. 49).

⁸⁵ Em relação à diferença dos alunos retratados pelo humorista Adão (indisciplinados) em relação aos retratados por Vilanova, que parecem bem mais comportados, podemos pensar as imagens criadas por este último humorista como o retrato de uma expectativa de sala de aula ideal. A questão nos parece muito interessante e merecedora de uma discussão aprofundada em estudo futuro.

QUADRO 6 – CIRCULAÇÃO E RESPONSÁVEIS PELAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO” (1986-2011)

1986	Criação das “Aventuras do Professor Magistério”, pelo desenhista Adão Iturrusgarai
1992	Assumiu as “Aventuras” o desenhista Luca Risi
1995	Assumiu as “Aventuras” o desenhista Juska
2004	Assumiu as “Aventuras” o desenhista Vilanova
2008	As “Aventuras” começam a circular coloridas
2011	Última vez que as “Aventuras” circularam

FONTE: A autora (2018).

Nos quadrinhos apresentados aqui observamos que o humorista **Adão**, no início da circulação da *Revista do Professor/RS* (e período de redemocratização política), apresenta o personagem Professor Magistério como um indivíduo jovem que provavelmente não passou dos 30 anos, alguém que viveu a juventude ou a infância na Ditadura civil-militar e que, assim como o período de redemocratização no país, também estreia como professor. Temos, portanto, um professor jovial, de postura libertária, que tem a expectativa de um recomeço para a educação e entende que é a partir de sua postura que as mudanças podem ocorrer. No entanto, o quadrinista enfatiza um descompasso entre as gerações. A geração dos alunos, que já nasceram em fins da Ditadura, não compreende a postura libertária do novo professor, talvez porque, independente de o professor ser muito rigoroso ou mais libertário, a escola para eles é sempre a mesma: desinteressante.

FIGURA 42 – DETALHE DAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (N. 5, 1986)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 5 (1986, p. 42).

Nos quadrinhos de **Luca Risi**, o professor tem uma aparência mais velha, provavelmente acima dos 50 anos (o que se repete com os quadrinistas seguintes). O traçado do desenhista não é tão limpo como o de Adão. Seus quadrinhos são mais rebuscados, cheios de detalhes, mas o mobiliário escolar e as posições do aluno em relação ao professor ainda são tradicionais. Nos primeiros quadrinhos que apresentamos (de 1994), Luca apresenta um professor que não está ali somente para repassar os conteúdos exigidos, é um profissional preocupado com os problemas do ambiente escolar, como a evasão, por exemplo. Inclusive ele se coloca disposto a usar de práticas pouco usuais para superar os problemas escolares. Já nos quadrinhos de 1995, seu traçado parece mais limpo e objetivo, mais amadurecido. O Professor Magistério, ao término da greve, faz questão de entrar em sala falando dos motivos dela ter acontecido. Nesse momento o professor se surpreende (como já acontecia com o personagem de Adão): com a atitude, a interpretação e o conhecimento dos alunos. Em ambos humoristas (Adão e Luca) a surpresa do professor com a postura dos alunos enfatiza o descompasso entre as gerações, que é um problema da escola, que às vezes demora para compreender e se adaptar ao perfil do alunado que muda rapidamente. Luca introduz nos quadrinhos em questão um personagem bastante conhecido, interpretado pelo artista Chico Anysio, em programa da Rede Globo de Televisão, o Professor Raimundo (elemento improvável para o cenário arranjado pelo quadrinista). O personagem de Anysio, nos quadrinhos de Luca, responde que o motivo da greve é o baixo salário do professor.

FIGURA 43 – O PROFESSOR MAGISTÉRIO DO LUCA (N. 42, 1995)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 42 (1995, p. 49).

Juska mantém a maior parte das características do Professor Magistério de Luca, mas seu traçado é ainda mais preciso e limpo. Como vimos nos quadrinhos de 1996, o assunto continua girando em torno da aflição do professor em ser bem acolhido pelos alunos.

FIGURA 44 – PROFESSOR MAGISTÉRIO DO JUSKA (N. 67, 2001)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 67 (2001, p. 49).

Vilanova (quadrinhos de 2004 e 2008) tem um traçado bem objetivo e maduro. Com ele, o personagem do Professor Magistério muda fisicamente de forma radical e as piadas são bastante rasas (já conhecidas pelo senso comum), bem parecidas justamente com as piadas da “Escolinha do Professor Raimundo”, da TV Globo, com seu humor sem graça.

FIGURA 45 – PROFESSOR MAGISTÉRIO DO VILANOVA (DETALHE, N. 77, 2004)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 77 (2004, p. 49).

Parece que a posição do professor iniciante, que é vítima de seus alunos indisciplinados, dos quadrinhos do humorista Adão, com a chegada de seus sucessores (Luca Risi, Juska e Vilanova), vai sendo substituída pela do professor maduro – esforçado e digno do ofício. Dentro ou fora da escola, o professor só se preocupa com os alunos, exerce uma profissão de fé. Os quadrinhos, então, reforçam opiniões do senso comum: não é fácil ser professor no Brasil; o professor é mal remunerado; a profissão exige uma dedicação que ultrapassa os muros da escola; é papel do professor usar de toda a criatividade possível para manter o aluno na escola. Em razão dessas singularidades é que vamos observar mais de perto, a seguir, cada um dos quadrinistas das “Aventuras”.

3.2 HUMORISTAS EM FOCO

O humor põe o dedo na ferida, mas não é o instrumento que fere. É um aferidor.
Afim, a vida é uma piada. E, às vezes, rimos porque dói.
(GOODWIN, 2011, p. 536).

3.2.1 E do verbo se fez a carne – Adão, o criador do Professor Magistério

Como vimos, diferentes humoristas fizeram os quadrinhos para a seção de humor da *Revista do Professor/RS* “Aventuras do Professor Magistério”. As primeiras histórias foram do quadrinista **Adão** Iturrusgarai, criador do personagem que encarna a figura de um professor jovem “com métodos bastante liberais”, como ele mesmo diz na sua primeira aparição. Além de ingênuo e otimista, acredita ser bem-visto pelos alunos.

Num de seus quadrinhos aparece fazendo uma pesquisa a fim de elevar o nível do ensino. Pergunta qual é o momento das suas aulas que é mais apreciado pelos estudantes. Veja o que eles respondem ao lado:

FIGURA 46 – DETALHE DAS “AVENTURAS”, POR ADÃO (ABR./JUN. 1988)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 14 (1988, p. 49).

Em relação à imagem de professor, acreditamos que há um retrato dele em especial que pode ser considerado uma síntese do perfil do personagem de Adão. Essa imagem aparece no último quadrinho da história criada pelo desenhista para a edição de jul./set. de 1990. O docente aparece muito satisfeito pelo bom comportamento dos alunos e anuncia que vai terminar a aula mais cedo para premiá-los, contudo, mal sabe ele que os estudantes o desdenhavam pelas costas.

FIGURA 47 – DETALHES DAS “AVENTURAS”, POR ADÃO (JUL./SET. 1990)



FONTE: Revista do Professor, n. 23 (1990, p. 49).

FIGURA 48 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (JUL./SET. 1990)



FONTE: Revista do Professor, n. 23 (1990, p. 49).

Adão tem um traçado firme, prima pela limpeza das cenas que cria, dando a elas, geralmente, pouco detalhamento, com exceção de suas últimas histórias para a *Revista do Professor/RS*, em que ele preenche o fundo com hachuras⁸⁶, como pode ser observado na imagem anterior. Ele usa, normalmente, dois quadros ou três para construir a sua história.

Essa economia de quadrinhos revela, ainda, outra característica do quadrinista, que é a capacidade de síntese. A limpeza da cena se vê, por exemplo, no primeiro quadrinho da edição de jul./set. de 1988, ao lado e abaixo.

FIGURA 49 – DETALHE DAS “AVENTURAS”, POR ADÃO (JUL./SET. 1988)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 15 (1988, p. 43).

FIGURA 50 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (JUL./SET. 1988)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 15 (1988, p. 43).

Com poucos elementos, o humorista caracteriza o interior de uma sala de aula, onde, do púlpito, o professor faz um questionamento aos seus alunos (que parecem ser muitos, já que vocês está no plural dentro do balão). Para representar os alunos, Adão desenha apenas uma mão segurando um lápis sobre uma mesa, mesa esta que se deixa ver apenas por um pequeno detalhe.

⁸⁶ Conforme o Dicionário Houaiss, “traçado de linhas finas, paralelas e muito próximas umas das outras, que se utiliza em desenho ou em gravura para produzir efeito de sombra ou meio-tom”. VERBETE: hachura. In: HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Versão on-line.

Adão, embora jovem, em começo de carreira, com esses quadrinhos já apresenta um trabalho amadurecido. O amadurecimento se vê no aspecto visual, mas também na sagacidade quanto ao roteiro das histórias. Esses aspectos notáveis do desenhista surgem no momento inicial de sua profissão. Na grande maioria das histórias o quadrinista não recorre a um humor banalizado, prima por *insights* inteligentes e inesperados. Conforme Christie Davies (2011, p. 95), em “Cartuns, caricaturas e piadas”, esse tipo de sagacidade gera o riso de glória súbita (em oposição ao riso de divertimento): “Ao elogiar esse tipo de cartum, aqueles que riram com apreciação não usarão palavras como ‘engraçado’ ou ‘divertido’, mas sim ‘inteligente’ ou ‘bem pensado’.”

3.2.2 Luca Risi – um ilustrador detalhista e um professor participativo

Após Adão deixar a *Revista do Professor/RS*, como já dissemos, quem assume a seção de quadrinhos das “Aventuras do Professor Magistério” é o desenhista **Luca Risi**. O personagem do Professor Magistério aparece agora um tanto mais velho, ainda de óculos, mas calvo. Risi é o desenhista mais detalhista da *Revista*, abarrotava todos os quadros com muitas linhas, traços, detalhes.

Quanto ao tom dado aos roteiros, observamos a predominância do recurso da surpresa para a construção do humor. O recurso é uma fórmula muito usada pelos humoristas: “No chiste, geralmente há algo muito importante, mesmo que isso, em geral, seja o que fica *implícito*, e a sua estrutura tem algo de adivinhação: há algo nela que não se diz apesar de se entender por quê. No final há uma revelação.” (BERISTÁIN, 2011, p. 76-77). É o que acontece bastante nas “Aventuras” de Risi.

FIGURA 51 – DETALHE DAS “AVENTURAS”, POR LUCA RISI (ABR./JUN. 1993)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 34 (1993, p. 47).

FIGURA 52 – EXPECTATIVAS FRUSTRADAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO, POR LUCA RISI



FONTE: Revista do Professor, n. 30 (1992, p. 47), n. 32 (1992, p. 45), n. 33 (1993, p. 46) e n. 35 (1993, p. 49), respectivamente.

Ao final dos quadrinhos, o Professor Magistério sempre tem uma expectativa frustrada. Espera mais criatividade dos alunos na tarefa sobre meio ambiente e eles aparecem vestidos de índios e fazendo a maior algazarra em sala de aula. Espera não molhar os livros na chuva a caminho da escola e lá é surpreendido com um balde de água na cabeça. Embora cansado, decide ir trabalhar na comemoração do dia do professor e é surpreendido por um bilhete dos alunos, que combinaram falta coletiva. Espera poder descansar da rotina estressante de trabalho e, na praia, em dia de descanso, acaba encontrando a contragosto o diretor da escola que só quer falar do trabalho. Acredita ter sido homenageado pelos alunos, como mostra um cartaz que o condecora professor do ano, quando os encontra gritando em uníssono: “Primeiro de abril!” (detalhe em destaque anterior). Espera ter inovado interpretando Dom Pedro I em seu famoso grito às margens do Ipiranga e é criticado pelo diretor que o acusa de ter passado do ponto, crítica que também aparece quando ele cochila no trabalho e o diretor o surpreende perguntando se o baile da noite passada estava bom, sem saber que, na realidade, o professor havia passado a madrugada corrigindo provas.

FIGURA 53 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR LUCA RISI (OUT./DEZ. 1994)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 40 (1994, p. 45).

Em dado momento, o professor de Luca Risi parece se cansar de sua postura amigável e passa a ficar mais irritado, parece ter perdido a paciência com os seus alunos (quadrinhos ao lado).

Contudo, logo volta a ser o professor amigável de antes. Isso se vê bem nos quadrinhos em que o personagem reencontra um antigo aluno que o agradece pela formação que o mestre lhe deu. Mas também se vê no quadrinho, já mencionado, em que o personagem banca de detetive para sondar a opinião dos alunos sobre ele. Assim, decide, à sua maneira, ser mais participativo (imagens a seguir).

FIGURA 54 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR LUCA RISI (JUL./SET. 1995)



FONTE: Revista do Professor, n. 39 (1994, p. 49).

FIGURA 55 – DETALHE DAS “AVENTURAS”, POR LUCA RISI (JUL./SET. 1994)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 39 (1994, p. 49).

3.2.3 Os quadrinhos impecáveis de Juska

O traço de **Juska** é um traço firme. Ele prima por um acabamento impecável. É sintético, tende a utilizar dois ou no máximo três quadros para compor a sua história.

FIGURA 56 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR JUSKA (JAN./MAR. 2003)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 73 (2003, p. 49).

O contraste entre o preto e o branco é marcante. Há nele não apenas uma preocupação com quadro a quadro, isoladamente, mas seu interesse em realizar uma composição bem equilibrada de formas em preto e branco é visível. Houve, provavelmente, muito planejamento, a fim de que cada elemento gráfico ocupasse um espaço adequado dentro da composição. A imagem anterior mostra claramente essas características visuais impecáveis do trabalho do quadrinista.

FIGURA 57 – SALÁRIO DO PROFESSOR MAGISTÉRIO, POR JUSKA (1997 E 1999)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 50 (1997, p. 49) e n. 58 (1999, p. 49), respectivamente.

O professor de Juska é um homem maduro com seus grandes óculos “fundo de garrafa”, como possivelmente apelidariam seus alunos. Os óculos, para o quadrinista, são elementos importantes de tal maneira que sempre aparecem na chamada que anuncia a seção de quadrinhos na *Revista do Professor/RS*. Juska enfatiza, com frequência, o conhecido dilema da inadequada remuneração da profissão docente. Veja as duas histórias anteriores e a seguinte (selecionadas entre outras que também tratam do mesmo assunto). Nas três, o humorista evidencia a questão do baixo salário.

FIGURA 58 – O BAIXO SALÁRIO DO PROFESSOR MAGISTÉRIO, POR JUSKA (2002)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 72 (2002, p. 47).

3.2.4 Vilanova – um adeus às “Aventuras”

As imagens criadas por **Vilanova**, da mesma maneira que as de Juska, revelam muito planejamento, minucioso detalhamento, acabamento impecável. Vê-se que ele se preocupa demasiadamente em compor uma página bem equilibrada em sua totalidade. Resolve sua tarefa com histórias, geralmente, um tanto previsíveis, como as inúmeras vezes em que trabalha com a fórmula humorística de perguntas e respostas – o professor pergunta, os alunos respondem (é a mesma fórmula da “Escolinha do Professor Raimundo”) –, ou mesmo quando repete anedotas já conhecidas, inclusive já apresentadas na mesma seção por outro humorista anos antes. Contudo, há alguns de seus quadrinhos que revelam certa genialidade. O que se dá não apenas pelo roteiro, mas no casamento do texto com as imagens criadas. Veja na página posterior ao menos duas delas.

FIGURA 59 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR VILANOVA (2007 E 2009)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 90 (2007, p. 49) e n. 100 (2009, p. 49), respectivamente.

As cores aparecem na seção de humor da *Revista do Professor/RS* com Vilanova (imagem anterior). O quadrinista mantém o elemento óculos no título da seção ao alto da página e o mesmo tipo de letra utilizado por Juska (no alto, na chamada da seção, os óculos são quadrados, como os do Juska, mesmo que o seu Professor Magistério leve uma armação redonda nos quadrinhos). Seu professor é mais velho, continua calvo e com bigodes. Também usa óculos, é gordinho e agora veste jaleco branco. É um professor maduro, cujos anos de profissão garantem-lhe uma tranquila administração da turma. Com Vilanova também acontece a extinção dos quadrinhos das “Aventuras do Professor Magistério”, já que, depois que a editora mineira assumiu a *Revista do Professor/RS*, em 2012, a seção foi substituída pela publicação de charges.

* * *

Na análise dos quadrinhos do Professor Magistério, em um primeiro momento, buscamos perceber as transformações, principalmente em relação aos traços característicos de cada quadrinista quando da mudança dos humoristas durante o percurso histórico das “Aventuras do Professor Magistério”. Foi o que tentamos trazer ao leitor até aqui. Na sequência, damos destaque a certas representações de professor e aluno presentes na seção de humor da *Revista do Professor/RS*. É claro que muitas outras poderiam ser destacadas, como a representação de escola, por exemplo, com alunos enfileirados, mobiliário próprio e materiais característicos (quadro, púlpito, tablado, painéis, desenhos, mapas, etc.). No entanto, certos temas e quadrinhos saltaram aos nossos olhos e nos pareceram instigantes para a visualização de alguns estereótipos. Eles serão apresentados a seguir.

3.3 O QUE REVELAM AS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”? – ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÕES

Os estereótipos impedem-nos de pensar? Talvez. Mas podem também ajudar-nos a pensar – desde que não os tomemos demasiado a sério. Podem até – quem sabe? – ajudar-nos a descobrir que um sorriso irônico em relação ao outro pode também ser um sorriso irônico em relação a nós mesmos. (ZINK, 2011, p. 66).

3.3.1 Um mestre dedicado, o bom professor de Luca e Juska

Nas “Aventuras do Professor Magistério” o professor se dedica exclusivamente ao ensino – na sala e fora de seus muros o aluno é sempre o seu interlocutor virtual. Parece que o universo do trabalho transborda para o universo exterior em virtude da relação afetiva que o professor mantém com a profissão (principalmente com os alunos). Observamos, assim, um vínculo forte entre o público e o privado. Quando o universo pessoal é representado nos quadrinhos da *Revista do Professor/RS* ele é uma extensão da sala de aula. Isso sugere um sentimento de doação em prol do ensino que, nos quadrinhos, aparece como característica da profissão docente (torna-se uma verdade potencializada).

FIGURA 60 – A DEDICAÇÃO DO PROFESSOR NAS “AVENTURAS”, POR LUCA (1995)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 43 (1995, p. 49).

Como já destacamos, com a chegada do humorista Luca Risi à *Revista do Professor/RS*, o personagem do Professor Magistério ganha ainda mais mobilidade (quadrinhos anteriores). Essa mobilidade é mantida pelo seu sucessor, o desenhista Juska. Observe os quadrinhos a seguir.

FIGURA 61 – A DEDICAÇÃO DO PROFESSOR NAS “AVENTURAS”, POR JUSKA (1996)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 48 (1996, p. 49).

Agora veja algumas características do bom professor dos dois humoristas no quadro a seguir:

QUADRO 7 – CARACTERÍSTICAS DO BOM PROFESSOR

- **detentor de grande saber**
(deve sempre estar bem preparado intelectualmente para o cargo);
- **agente de motivação para os alunos**
(suas aulas precisam ser interessantes);
 - **gosta de ensinar**
(é muito dedicado, dentro e fora da escola);
 - **compreensivo**
(é paciente com seus alunos).

FONTE: A autora (2018).

FIGURA 62 – A MOTIVAÇÃO NAS “AVENTURAS” DE LUCA (1991 E 1993)



FONTE: Revista do Professor, n. 26 (1991, p. 49) e n. 35 (1993, p. 49), respectivamente.

FIGURA 63 – A MOTIVAÇÃO NAS “AVENTURAS” DE JUSKA (1996)



FONTE: Revista do Professor, n. 47 (1996, p. 49).

FIGURA 64 – PROFESSOR DETENTOR DO CONHECIMENTO, POR LUCA (1995)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 41 (1995, p. 49).

FIGURA 65 – PROFESSOR DETENTOR DO CONHECIMENTO, POR JUSKA (2002)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 71 (2002, p. 47).

3.3.2 O aluno indisciplinado de Adão

Em oposição ao bom professor, temos, nas “Aventuras do Professor Magistério”, o aluno indisciplinado. A indisciplina é considerada um dos principais problemas enfrentados pelo professor dentro da sala de aula. Ela é um comportamento inadequado (sinônimo de desobediência à ordem e desrespeito à hierarquia). Para muitos, a indisciplina dos alunos está intimamente ligada à falta de autoridade por parte do professor, que não possui controle em relação aos alunos e não consegue aplicar as punições devidas.

Sem deixar de assumir a parcela de culpa que corresponde à escola, a *Revista do Professor/RS*, em um de seus textos, destaca que o problema tem sua origem na família: o pai e a mãe não são vistos como figuras de autoridade por parte dos filhos e em casa existe um déficit no que diz respeito ao limite. É o que sugere o artigo “Indisciplina na escola”, publicado na *Revista*, em abril/junho de 2009, na seção **Uma Questão de Opinião**. Para Jaqueline Kachisnski Brey, pedagoga (na época) e autora do texto:

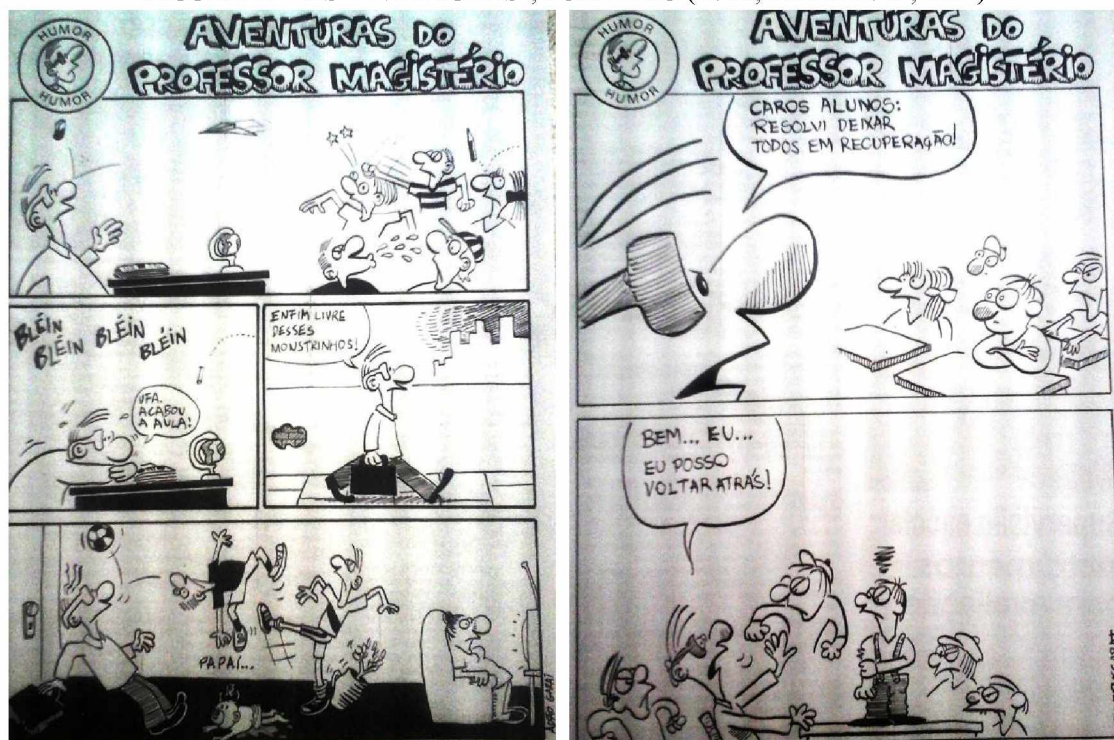
Uma vez que uma criança, que não reconhece seus pais como figura de autoridade, dificilmente reconhecerá seu professor, um estranho, como autoridade também. Se não há esse reconhecimento, a criança segue fazendo o que bem entender. [...] Educar é uma tarefa conjunta. Nesta perspectiva, torna-se necessário [...] que os pais saibam impor limites, a fim de que juntos seja possível promover uma educação de qualidade. [...] torna-se necessário que a escola [...] seja acolhedora, receptiva e saiba lidar com todas essas adversidades (Indisciplina na escola, *Revista do Professor*, n. 98, 2009, p. 50).

Entretanto, a pedagoga também enfatiza que grande parte das alternativas para resolver o problema da indisciplina em sala de aula está centrada na figura do professor. Ele precisa estar bem preparado para enfrentar o problema, deve buscar informações sobre o assunto (formação continuada); saber dialogar com o aluno indisciplinado (atrair a sua atenção e ter jogo de cintura); e também criar um ambiente agradável em sala, onde o estudante se sinta seguro:

Com certeza não podemos obrigar que os pais eduquem seus filhos da forma que seja mais conveniente para nós, professores. Cabe a nós [os professores], então, criar ferramentas para transformar a escola em um ambiente agradável, acolhedor, onde todos possam conviver de forma harmoniosa. (Indisciplina na escola, *Revista do Professor*, n. 98, 2009, p. 50).

Mas como essa indisciplina é representada nos quadrinhos de humor da *Revista do Professor/RS*? Principalmente nos quadrinhos de Adão? Observe os quadrinhos a seguir:

FIGURA 66 – AS “AVENTURAS”, POR ADÃO (N. 11, 1987 E N. 12, 1987)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 11 (1987, p. 43) e n. 12 (1987, p. 39), respectivamente.

A indisciplina é representada, principalmente, pelo tédio visível nas caras dos alunos (às vezes eles aparecem dormindo), pelas guerras de bolinha de papel (e aviãozinhos circulando pela sala), pela agressividade em relação ao professor (física e verbal), pelo desrespeito em relação ao espaço escolar (suas hierarquias e padrões de comportamento – exemplos: o aluno sobe na carteira; senta-se de forma inadequada; derruba a cadeira; etc.).

A abordagem que o humorista Adão faz sobre a indisciplina merece alguns apontamentos. Mas lembremos que é do ponto de vista atual que a análise que fazemos aqui é realizada, já que, como destacamos no início deste capítulo, colocamos nas imagens as questões que nos interessam hoje. (BAXANDALL, 2006, p. 12). Posta essa observação importante, destacamos que, a princípio, a indisciplina nos quadrinhos de Adão parece dizer respeito somente aos alunos no ambiente da escola. O desenhista evidencia o quanto os estudantes estão (e não são) desrespeitosos. Por mais que seja um personagem que representa

um professor com uma postura mais libertária, o comportamento dos alunos não se modifica: independente se o professor é mais rigoroso ou se é um professor mais libertário, os estudantes não estão interessados no ensino.

FIGURA 67 – AS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (N. 17, 1989)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 17 (1989, p. 37).

A ideia parece ser de que há um completo desinteresse dos jovens, não somente pelo professor, mas pela escola, pelo modelo escolar, o que enfatiza uma espécie de fracasso desse modelo de escola que não está se renovando. Também se vê que os alunos se mostram insatisfeitos com o professor e gostariam que ele não comparecesse às aulas, que os deixassem sozinhos. Isso demonstra que há uma vontade, por parte dos alunos, de estarem juntos, mas sem a presença do adulto que, se ali estivesse, poderia direcioná-los, conduzi-los para algum trabalho em sala de aula que não é do desejo deles.

Não podemos deixar de chamar a atenção aos quadrinhos que retratam o professor exausto (número 11, 1987). Ele não vê a hora de sair da sala de aula para retornar à sua casa e poder relaxar. No entanto, vemos ele chegar em casa e encontrar os seus filhos fazendo a maior algazarra e bastante indisciplinados também.

FIGURA 68 – DETALHES DAS “AVENTURAS”, POR ADÃO (JUL./SET. 1987)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 11 (1987, p. 43).

A faixa etária das crianças se repete nos quadrinhos apresentados (ambiente escolar e em casa). Poderíamos supor, mais uma vez, que há um problema de conflito entre gerações. Há uma geração mais velha, a do professor, que está descompassada em relação à geração mais jovem. Há um desalinhamento de expectativas entre as gerações que se reflete em casa e que vai se refletir também na escola.

Ainda pensando nesses mesmos quadrinhos, em específico. Analisando o quadro que retrata a casa, podemos ver a mãe – que é o adulto responsável por estar observando os filhos – deixar sua responsabilidade de lado para ficar conectada à televisão. O aparelho televisivo aparece como o dispositivo que tira do adulto essa responsabilidade. A criança, então, pode fazer o que bem entender sem supervisão. Os dois casos sugerem uma diferença geracional.

FIGURA 69 – A RESPONSABILIDADE NAS “AVENTURAS”, POR ADÃO (DETALHE, JUL./SET. 1987)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 11 (1987, p. 43).

Parece haver um conflito vivido pela criança que se perde entre a rigidez (que poderia se relacionar a uma postura militar, à Ditadura) e uma postura mais libertária por parte do adulto. Ou seja, o próprio professor, cuja postura parece ser mais libertária, acaba apresentando uma possibilidade talvez inesperada até então. A postura do professor renovado poderia na teoria produzir um bom efeito nos alunos, mas não é o que parece acontecer. É como se a moral da história fosse: “O respeito se conquista pelo autoritarismo e não pelo diálogo”. O quadrinista pode estar fazendo uma reflexão sobre a situação, já que, na verdade, o que se evidencia mesmo é que os jovens não sabem o que fazer com a liberdade. Como afirmou Christie Davies (2011, p. 94), “Estamos em uma área onde os significados são escorregadios.”

3.3.3 Para a indisciplina, o castigo

Nas “Aventuras do Professor Magistério” também observamos a referência ao conflito em relação ao sistema de educação. Representado pela figura do professor, a utilização do castigo aparece como parte natural do processo educativo. O castigo é uma punição ao desvio comportamental da conduta padrão.

Com a introdução no Brasil da pedagogia da Escola Nova⁸⁷ – a partir da primeira metade do século XX – o castigo físico começou a sair de cena na escola, já que os escolanovistas (com algumas exceções) não economizavam críticas ao ensino tradicional. Com as campanhas contra a violência infantil que aconteceram na segunda metade do século XX, os castigos físicos perderam espaço para os castigos morais (mas não desapareceram). As transgressões dos alunos passaram, então, a ser combatidas com a humilhação pública, que objetivava a exemplaridade através da vergonha ou do embaraço. As punições variavam bastante: fazer atividades depois do horário de aula; conferir pontos negativos nos cadernos dos alunos; excluir o aluno da hora do lanche (sair para o intervalo); deixar o aluno de pé num canto da sala; repetir incansavelmente as lições; etc.

⁸⁷ A pedagogia da Escola Nova ou pedagogia escolanovista é um movimento que surgiu a partir do final do século XIX em contraposição à pedagogia tradicional. O movimento englobou “[...] um conjunto grande de autores e correntes que têm em comum a ideia de que a criança, e não o professor, é o centro do processo educativo, devendo, pois, o ensino ter como móvel principal a atividade e os interesses das crianças, vistas como sujeitos de sua própria aprendizagem.” (SAVIANI, 2012, p. 155).

O sentimento de vergonha expressa um medo de degradação social, uma experiência de inferioridade e uma impotência total ante a ameaça do outro, não se manifesta por gestos violentos e é sempre velado. Já o embaraço indica para uma situação de perturbação quando ocorre infração de alguma regra. (VEIGA, 2009, p. 67-68).

FIGURA 70 – O CASTIGO NAS “AVENTURAS”, POR LUCA (1994)



FONTE: Revista do Professor, n. 38 (1994, p. 49).

Observe nos quadrinhos de Luca Risi (1994) a referência ao uso do chapéu de burro. O chapéu de burro era uma punição muito utilizada na escola. Era um chapéu pontudo feito de papel colocado na cabeça do aluno, que tinha que ficar no canto da sala de aula. Era uma ferramenta utilizada pelo professor como forma de humilhar publicamente a criança que não atingia a nota esperada ou que era muito lenta.

FIGURA 71 – O CASTIGO NAS “AVENTURAS”, POR JUSKA (1999)



FONTE: Revista do Professor, n. 57 (1999, p. 49).

Nos quadrinhos de Juska (1999) temos a referência ao castigo físico. O Professor Magistério está correndo atrás do aluno com uma régua enorme⁸⁸. As colegas dele parecem satisfeitas com a atitude do professor, uma delas afirma que “finalmente ele está tomando medidas” em relação à indisciplina dos alunos-problemas. Temos uma brincadeira com o sentido da expressão “tomar medidas”, que só é compreendida pela leitura da imagem. Trata-se de uma expressão bissêmica, como assinalado por Bergson, em *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. São dois sentidos diferentes para uma mesma expressão: a régua serve para tirar as medidas, no sentido de calcular uma medida, fazer uma medição (no caso, medir o comprimento). Mas a expressão também pode significar agir. O riso vem do equívoco, da brincadeira que a expressão bissêmica produz. Este é um recurso muito utilizado no humor.

⁸⁸ A agressão com a régua remete ao uso da palmatória nas escolas, que era um artefato normalmente de madeira com um círculo e uma haste. Ela foi muito utilizada pelos professores para castigar os alunos indisciplinados. Era golpeada na palma da mão do aluno. BORGES, Abílio César. **Vinte anos de propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes no ensino da mocidade**. Rio de Janeiro: Typografia Cinco de Março, 1876.

FIGURA 72 – O CASTIGO NAS “AVENTURAS”, POR VILANOVA (2004)



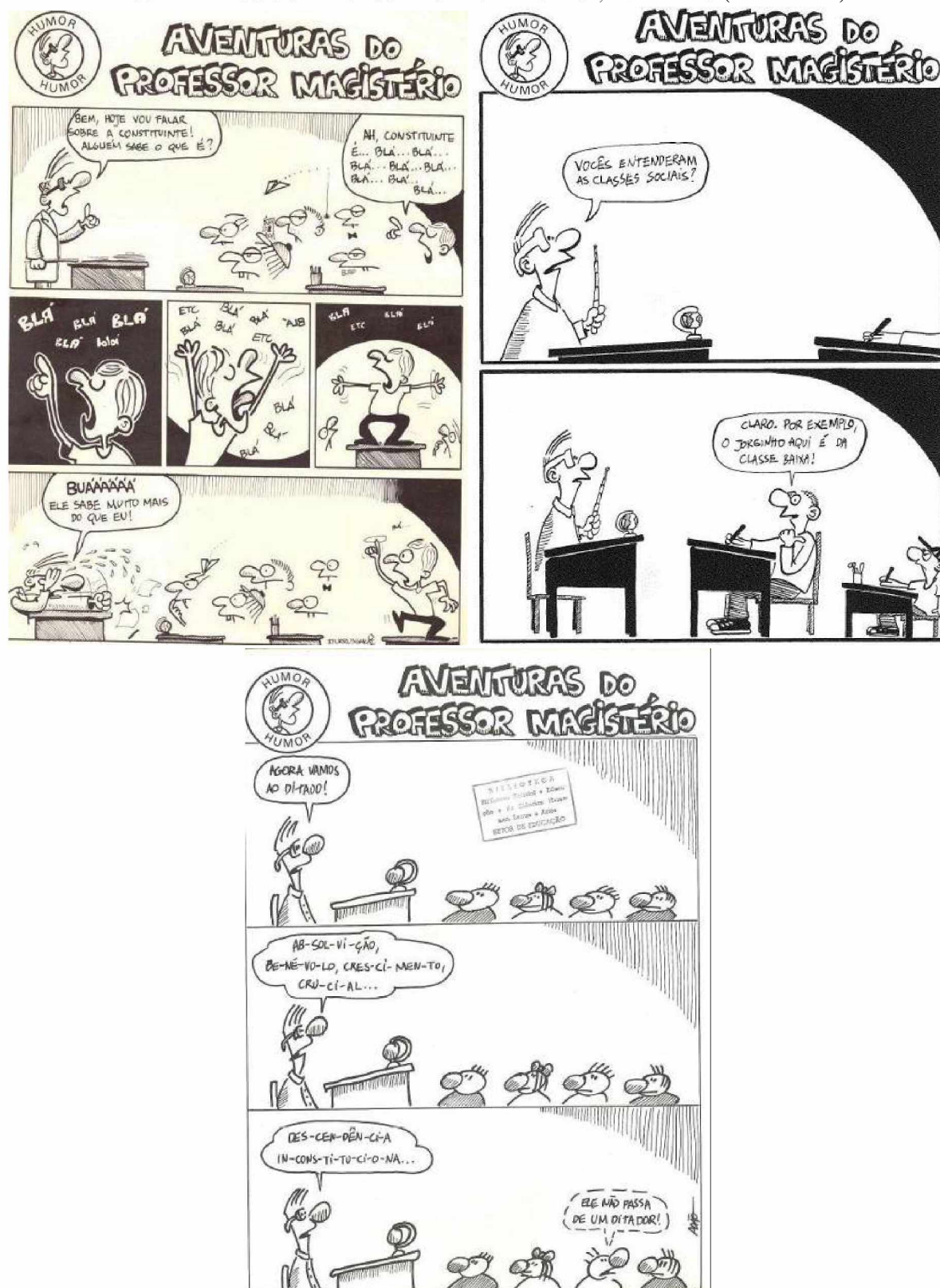
FONTE: *Revista do Professor*, n. 80 (2004, p. 49).

Finalmente, nos quadrinhos de Vilanova (2004) o castigo é aplicado fora da escola. A vítima não é um aluno e sim um meliante que tentou “açartar” o Professor Magistério. Este não perdoa o desvirtuamento de conduta, ou melhor, da língua padrão. O castigo é escrever a palavra da forma correta até que a grafia seja aprendida – na verdade, memorizada.

3.3.4 Um breve destaque à liberdade de conteúdo pós-Ditadura

Qual é a ideia de educação ou de escola que esses quadrinhos revelam? No que diz respeito aos conteúdos tratados dentro do ambiente escolar nas “Aventuras do Professor Magistério”, eles evidenciam, com frequência, uma drástica mudança que vai ocorrer ao final da Ditadura civil-militar relacionada ao fato da possibilidade de se tratar de conteúdos antes pouco possíveis. Essa observação se justifica, por exemplo, quando em diferentes quadrinistas e histórias se reforça o fato de que Pedro Álvares Cabral não descobriu o Brasil, já que os índios habitavam o país muito antes da chegada dos europeus ao país.

FIGURA 73 – OS CONTEÚDOS NAS “AVENTURAS”, POR ADÃO (1986 E 1988)



FONTE: Revista do Professor, n. 6 (1986, p. 41), n. 15 (1988, p. 43) e n. 16 (1988, p. 39), respectivamente.

Outros conteúdos, outrora proibidos ou, pelo menos, um tanto silenciados, como constituinte, candidatura, eleição, classes sociais, inconstitucionalidade, aparecem nesse novo cenário, o do regime democrático. Embora, é preciso dizer que a questão da liberdade de certos conteúdos aparece com mais frequência em Adão, cujas histórias são criadas nos primeiros anos do período de redemocratização política no Brasil. Nos outros quadrinistas esse tema pouco a pouco vai sendo deixado de lado. Observe os quadrinhos a seguir:

FIGURA 74 – OS CONTEÚDOS NAS “AVENTURAS”, POR LUCA RISI E VILANOVA (1994-2006)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 38 (1994, p. 49), n. 41 (1995, p. 49) e n. 88 (2006, p. 49), respectivamente.

3.3.5 Retomando e finalizando o capítulo – os estereótipos

O riso moderno é incerto, porque não sabe mais onde se fixar. Ele não é nem afirmação nem negação, antes é interrogação, flutuando sobre o abismo em que as certezas naufragam. (MINOIS, 2000, p. 631).

Como qualquer narrativa, a história em quadrinhos veicula informação, ideia, costumes, crenças, valores, representações sociais de dado grupo. O leitor atribui sentido ao que é narrado (e representado) nas narrativas a partir de uma relação imediata com um conjunto de representações sociais pré-conhecidas por ele:

La adhesión a una opinión establecida, una imagen compartida, permite además al individuo proclamar indirectamente su adhesión al grupo del que desea formar parte. Expresa de algún modo simbólicamente su identificación a una colectividad, asumiendo sus modelos estereotipados [...]. Al mismo tiempo, garantiza la cohesión del grupo, cuyos miembros adhieren mayoritariamente a los estereotipos dominantes. (AMOSSY; HERSCHBERG-PIERROT, 2001, p. 48).

Nessa perspectiva, os quadrinhos das “Aventuras do Professor Magistério” reforçam uma porção de características estereotipadas que costumam ser atribuídas aos professores.

FIGURA 75 – A MIOPIA DO PROFESSOR MAGISTÉRIO, POR JUSKA (2001)



FONTE: Revista do Professor, n. 65 (2001, p. 49).

O uso dos óculos, devido ao desgaste da visão após muito esforço de leitura, a calvície que, de certo modo, representa um sujeito tão estressado e assoberbado de trabalho que perdeu até os cabelos, o uso do jaleco para preservar a roupa da poeira do giz, a utilização do colete de lã (largamente usado na região sul do país), são apenas alguns elementos (estereotipados) que caracterizam o personagem Professor Magistério nas “Aventuras”.

A preocupação em agradar os alunos, o baixo salário, o excesso de trabalho, a mania de agir como professor mesmo fora do ambiente escolar também são recorrentes para caracterizá-lo. O Professor Magistério, que a seção apresenta, por exemplo, é o profissional mal remunerado, cuja profissão é desvalorizada pela sociedade.

FIGURA 76 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (N. 16, 1988)



FONTE: Revista do Professor, n. 16 (1988, p. 39).

A própria relação entre os alunos e o professor indica essa desvalorização, os estudantes aparecem indisciplinados e/ou fazendo pouco caso do mestre (são bem mais espertos do que ele). Na maior parte dos quadrinhos o aluno é o detentor da esperteza e, às vezes, com capacidade analítica e conhecimento que se equiparam ao do professor. A questão é evidenciada na já mencionada diferença entre as gerações dos primeiros quadrinhos da seção: a do professor, cuja formação se deu dentro do período ditatorial (ou ao menos parte dela teria se dado dentro desse período), e a geração dos alunos, que estão ingressando na vida escolar e, tal qual o adulto do período – já amplamente silenciado e tolhido pelo regime militar –, não querem mais se submeter aos desmandos de uma figura ditatorial que, de seu púlpito, dá ordens e exerce poder soberano (quadrinhos acima).

FIGURA 77 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR LUCA (N. 43, 1995)

E quando se trata de falar de uma boa profissão, a escolhida é a do advogado (e isso também é uma ideia cristalizada, enraizada no senso comum), basta lembrarmos o caso do rapaz que encontra o professor na rua e se apresenta como seu ex-aluno bagunceiro (quadrinhos ao lado).



FONTE: *Revista do Professor*, n. 43 (1995, p. 49).

O estereótipo também se faz presente na forma como a escola é representada visualmente. Nas “Aventuras” observamos que o cenário que ambienta a escola não necessariamente possui uma continuidade. Os detalhes que representam visualmente o espaço escolar são desenhados despreocupadamente conforme o quadrinho, indiferente se o desenho é do mesmo quadrinista. Não há um modelo fixo nem mesmo do mobiliário, que varia conforme o desenho. Isso fica bastante evidente se observarmos, por exemplo, as mesas do Professor Magistério desenhadas pelo humorista Adão, que ora são preenchidas de preto, ora possuem uma espécie de textura, outras vezes não possuem preenchimento algum. O próprio formato varia bastante. Em alguns momentos é uma mesa, em outros mais parece um púlpito (mas sempre a mesa do professor é maior do que a mesa do aluno). O que importa são os detalhes que dão a ideia do cenário escolar, o quadro negro, a mesa do professor, o globo terrestre em cima da mesa, as carteiras dos alunos enfileiradas, etc. Quando a história é ambientada nas proximidades da escola, muitas vezes é usada uma placa – onde está escrito “Escola” – para identificar o ambiente.

FIGURA 78 – DETALHES DO CENÁRIO ESCOLAR NAS “AVENTURAS” (1989-2007)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 21 (1989, p. 37), n. 44 (1995, p. 49), n. 73 (2003, p. 49) e n. 91 (2007, p. 49), respectivamente.

Diante desses estereótipos (e de outros que destacamos durante toda a dissertação), algumas questões persistiram durante a pesquisa: Será que os estereótipos conduzem o olhar a um único ponto de vista? Como o leitor absorveu o que lhe foi dado a ver? Ele contribuiu para perpetuar certos preconceitos, por exemplo? Ou produziu uma nova significação a partir do que viu? A verdade, leitor, é que algumas delas ainda persistem para além deste texto. Mesmo assim, neste item (e na dissertação como um todo), nos esforçamos para observar os estereótipos presentes nas “Aventuras do Professor Magistério” para além do óbvio e do imediato. Tentamos transpor a superfície (revisitá-lo), observar, por exemplo, as disputas internas que podem ter causado (de identificação e repulsa): “Ultrapassar o estereótipo implica todo um trabalho de releitura, implica um contínuo regresso.” (ZINK, 2011, p. 48). Apesar de orientado a uma monovisão, queremos acreditar que a identificação do leitor em relação ao que foi representado não gerou uma absorção pura do discurso (textual ou visual), muito menos uma perpetuação dessa representação estereotipada. Nas fissuras do diálogo (entre emissor-leitor), pode ter acontecido um movimento de contestação em relação ao que foi dado a ver como pronto, reduzido, simplificado. Além disso, os estereótipos estão em constante movimento. Novos contextos temporais, outras múltiplas situações de interação, outros juízos de valores, e os estereótipos das “Aventuras” estarão sujeitos a novos sentidos. É que, apesar de simplificadores e redutores da realidade, eles também podem nos fazer pensar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mais interessante na relação entre indivíduo e estereótipos é aquela que culmina numa autorreflexão. (ZINK, 2011, p. 64).

A *Revista do Professor/RS* pretendia “prestar bons serviços ao magistério”, informando, “interpretando fatos e ideias”, opinando, orientando e divulgando novos conhecimentos, ou seja, operando como espaço de atualização do professor. O periódico tinha como público-alvo professores do 1º, 2º graus e ensino superior, apesar da predominância clara de textos direcionados à Educação Básica (característica decorrente da parceria com as secretarias municipais e estaduais, demonstrando um claro jogo de interesses). A equipe editorial que compunha a *Revista do Professor/RS* já possuía um grande conhecimento sobre o mercado editorial pedagógico. O professor Paulo Cesar de Castro, diretor da *Revista*, também dirigia a Editora CPOEC e o Conselho Editorial contava com a presença de professoras que vinham da experiência bem-sucedida da *Revista do Ensino/RS*.

O periódico tinha como principais características:

- o uso de linguagem simples;
- o emprego de recursos didáticos;
- a utilização de muitos elementos gráficos (ilustrações, fotografias, mapas, etc.);
- a ênfase na sua ligação com o leitor;
- o destaque a personalidades (principalmente políticas) por meio da divulgação de eventos e publicação de entrevistas, depoimentos e fotografias;
- a divulgação de experiências pedagógicas bem-sucedidas de profissionais e colaboradores da educação;
- a contemplação de textos e profissionais da educação de várias regiões do Brasil;
- a preocupação com a manutenção da parceria com o Estado (divulgação de políticas públicas para a educação sem muita análise crítica).

Trabalhava com o sistema de vendas avulsas e de assinaturas, tendo conquistado em pouco tempo um grande número de assinantes, decorrente, com certeza, das parcerias que

firmou com as secretarias municipais e estaduais⁸⁹. Seu sucesso parece estar ancorado, principalmente, na parceria com o Estado, mas também na estratégia de *marketing* em que promete suprir a falta da *Revista do Ensino/RS* – se apropriando da credibilidade, do *capital simbólico* (conforme Bourdieu), da já consagrada revista que a antecede –, bem como, na grande diversidade de informação e de material didático veiculados numa linguagem “[...] simples e apropriada, fugindo do discurso solene e sofisticado”, muitas vezes o único meio de informação do professor-leitor – sobretudo de algumas regiões mais periféricas do país.

As reportagens veiculadas na *Revista do Professor/RS*, quando assinadas, eram redigidas em tom jornalístico (e didático) por representantes da área de educação e afins. Nesses textos verificamos uma preocupação em validar posições com a presença de autoridades (geralmente ligadas ao Estado) que legitimam o discurso publicado no periódico e que são portadoras de um discurso oficial, portanto, falam a partir de um lugar privilegiado. Já os textos que trazem práticas bem-sucedidas, marca da *Revista*, alimentam o imaginário do sucesso de algumas práticas (e da sua fácil aplicação) como se não houvesse nenhum tipo de resistência ou mesmo contradição no ambiente educacional quanto a esse tipo de iniciativa.

Quando o professor se depara (através da leitura textual e imagética) com uma revista produzida por pares (colegas de profissão), o lugar de fala contribui para uma aceitação da ideologia exposta. Quando essa mesma revista se reveste de vozes de especialistas e autoridades, a publicação então é legitimada e os discursos veiculados, geralmente, aceitos como verdades. No caso da *Revista do Professor/RS*, as falas dos professores, especialistas e autoridades aparecem, inclusive, justapostas, o que gera no leitor a impressão de que tudo faz parte de um mesmo discurso. Nesta perspectiva, a *Revista do Professor/RS*, enquanto produção cultural, pode ter influenciado um bom número de docentes, que, muitas vezes, internalizaram o seu discurso considerando-o como seu (carregado de poder simbólico, no sentido dado por Bourdieu).

Como parte importante do discurso da *Revista do Professor/RS*, as histórias em quadrinhos da seção “Aventuras do Professor Magistério” produziram interessantes representações. A escola, por exemplo, com frequência, aparece como o lugar onde a criança/jovem não quer estar, mensagem que não é enfatizada nos textos articulados no

⁸⁹ Conforme destaca Ramos (2009, p. 55), em relação à revista *Nova Escola*, mas que serve também para o contexto de venda da *Revista do Professor/RS*, “A estratégia de distribuição da revista nas escolas serve [...] para corresponder à expectativa de lucro da editora, pois, presume-se que depois de folheada na escola, a maioria dos professores tenha o impulso ou a necessidade de comprá-la.”

interior da *Revista*, mas como se trata de humor, isso é possível de ser dito. Dado este que, junto a tantos outros, como o problema da baixa remuneração e do descaso da sociedade para com a profissão, reforça as inúmeras informações interessantes que um historiador pode obter no uso da imagem humorística como fonte de pesquisa.

Muitas vezes essas representações se apresentaram recheadas de estereótipos. O ambiente da sala de aula, o mobiliário, o tradicional arranjo de cadeiras enfileiradas, o quadro negro, a mesa grande à frente da sala, destinada ao professor, o globo terrestre em cima da mesa, configuram um formato um tanto reducionista. De todo modo, um arranjo diferente da sala de aula não seria adequado quando se trata de histórias em quadrinhos, já que a clareza na mensagem e, portanto, a utilização de objetos conhecidos e estereotipados que melhor sintetizem a cena são mais acertados.

O próprio Professor Magistério é representante de um sistema tradicional de ensino com características conhecidas: a realização de ditado, a aplicação de castigos, a predominância da memorização, a avaliação pela prova, o combate às “colas”. O posicionamento corporal do professor diante da turma também caracteriza esse padrão de ensino – com a preocupação em manter a hierarquia, bem como a disciplina, por meio da autoridade. Embora os professores representados nos quadrinhos da seção tenham muito em comum, cada quadrinista, com suas características visuais e de roteiro, compôs o seu próprio Professor Magistério. **Luca Risi** esteve mais concentrado em compor um professor cuja característica predominante era a de ser otimista, esperançoso de que o melhor sempre pudesse acontecer, ainda que, como dissemos, suas expectativas sempre fossem frustradas.

FIGURA 79 – DETALHE DAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR LUCA RISI (1992)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 30 (1992, p. 47).

Jusca, por sua vez, compôs um professor mais piadista e bastante mal remunerado.

FIGURA 80 – OS PRÓS E CONTRAS DA PROFISSÃO, POR JUSKA (2002)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 72 (2002, p. 47).

FIGURA 81 – O PROFESSOR MAGISTÉRIO DE VILANOVA (2004)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 80 (2004, p. 49).

Já **Vilanova** criou um Professor Magistério bem caricaturizado. É o professor gordinho, entre 50 e 60 anos, calvo. Os anos de experiência lhe trouxeram segurança e tranquilidade no trato com os estudantes, de modo que ele não tem problemas com a indisciplina. A sua segurança e calma aparecem até mesmo quando ele está fora da sala de aula (quadrinhos ao lado).

Seu professor, com certa frequência, apareceu interrogando os alunos. Ele escolheu utilizar a fórmula do jogo de perguntas e respostas já amplamente visível e de sucesso nos programas de TV aberta. Embora não seja possível dizer que seus quadrinhos se resumam a essa característica. Por outro lado, Vilanova demonstrou uma capacidade de sintetizar anedotas ou ironias inusitadas num só quadro, o que se vê com bastante clareza em trabalhos recentes que lhe renderam prêmios.

Finalmente, **Adão**, o primeiro humorista a retratar o personagem Professor Magistério na *Revista do Professor/RS*, bem diferente de seus sucessores – que parecem um tanto presos a um humor mais domesticado⁹⁰ –, compôs um professor constantemente tripudiado pelos alunos. Suas atitudes e aparência denunciavam um profissional em começo de carreira, com a expectativa de tudo transformar.

FIGURA 82 – DETALHE DAS “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR ADÃO (1987)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 9 (1987, p. 39).

Cada quadrinista compôs o seu personagem Professor Magistério ciente de que muito possivelmente o público a que se destinava seria então de professores reais. Desta maneira, ele fez as suas escolhas em relação ao aspecto visual, ao texto, à mensagem objetivada, levando em consideração certa intimidade com o seu interlocutor⁹¹.

⁹⁰ Em virtude, quem sabe, de um alinhamento ao projeto editorial da *Revista* – que parecia agir como mediadora de conflitos (apaziguadora) em relação às políticas educacionais e à educação pública, decorrente, provavelmente, da parceria com o Estado. A questão do humor mais politizado de Adão em contraposição ao humor domesticado de seus sucessores merece um estudo aprofundado, bem como, a questão das relações políticas que a *Revista* mantinha. É do nosso interesse aprofundar essas questões.

⁹¹ Lembramos que os humoristas já foram alunos. A informação é importante para pensar a perspectiva de produção dos quadrinhos. A questão é digna de uma pesquisa detalhada, quem sabe possamos trabalhar esse tópico com os próprios quadrinistas em trabalhos futuros.

FIGURA 83 – “AVENTURAS DO PROFESSOR MAGISTÉRIO”, POR JUSKA (N. 49, 1997)



FONTE: *Revista do Professor*, n. 49 (1997, p. 49).

O quadrinista sabia que ambos (ele e leitor) eram iniciados em códigos comuns (como vimos no primeiro capítulo), ao ponto do leitor, muitas vezes, preencher supostas lacunas das histórias. No quadrinho anterior, desenhado por Juska, em 1997, por exemplo, observamos um artifício que comprova intimidade entre eles (quadrinista e leitor): **o hiato**. Para Paulo Eduardo Ramos (2007, não p.), o hiato é um salto de um quadro a outro que dá uma continuidade à história, mas que é preenchido por imagens mentais na cabeça do leitor, que não existem na concretude real do quadrinho. A cena da violência entre o professor e o aluno, que resultou no último quadro acima, não acontece no papel, porém é construída no imaginário do leitor. O quadro mental criado pelo leitor é apenas um exemplo dessa relação. Verificamos, após esse percurso pelas “Aventuras do Professor Magistério”, que essa familiaridade vai muito além do exemplo aqui citado. Ela diz respeito, por exemplo, à compreensão que ambos (quadrinista e leitor) têm do cotidiano escolar. É com intimidade com os seus interlocutores que os humoristas construíram as suas histórias ousando fazer os seus próprios leitores de chacota. Afinal, provavelmente, na outra ponta, o professor riria dele próprio.

Mas, por onde andam os quadrinistas da *Revista do Professor/RS*?

Adão atuou na *Revista do Professor/RS* por cinco anos, iniciando sua tarefa ali aos 21 anos de idade, em 1986. Nesse momento inicial de sua carreira o quadrinista já deixa ver sua grande habilidade profissional. Saindo da região Sul do país, o artista irá trilhar uma carreira de sucesso, se alinhando a grandes humoristas do cenário nacional e trabalhando para grandes jornais brasileiros e internacionais. Adão criou personagens conhecidos pelo grande público e teve suas histórias adaptadas para a televisão e animações produzidas no exterior.

Veja o quadrinho a seguir (mais atual) e compare aos apresentados ao longo deste estudo retirados da *Revista do Professor/RS*. Observe como no auge dos seus 21 anos o jovem já apresentava uma capacidade de análise social e transposição de leitura de mundo para os quadrinhos. Essa qualidade de trabalho o acompanha até hoje.

FIGURA 84 – QUADRINHO ATUAL DO QUADRINISTA ADÃO (2014)



FONTE: Blog do artista. Disponível em: <http://adao.blog.uol.com.br/arch2014-06-01_2014-06-30.html>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Luca Risi, que atuou na *Revista* por um período um pouco menor, provavelmente foi escolhido pela maturidade e pela experiência profissional. Quando iniciou a sua contribuição, a *Revista* já estava um tanto consolidada, desta forma, com a saída de Adão abria-se a possibilidade (financeira) para a contratação de um quadrinista profissional já estabelecido no circuito. Ele começou a atuar no periódico com quase 40 anos. Depois de sua participação na *Revista*, Luca Risi foi candidato a vereador pelo Democratas (DEM). Quanto à carreira de desenhista, foi constantemente contratado para fazer cartazes de eventos regionais e

convidado a produzir troféus e material publicitário para concursos locais. Atuou também como cineasta, produzindo filme de caráter religioso.

FIGURA 85 – DESENHO ATUAL DE LUCA RISI (2017)



FONTE: Perfil do artista nas redes sociais. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=882780668531203&set=a.172680432874567&type=3&theater>>.
Acesso em: 29 ago. 2018. (*Post* realizado em: 30 maio 2017).

Juska participou da *Revista do Professor/RS* de 1995 até 2004, quando já contava com 39 anos. Já **Vilanova**, o último quadrinista da seção do Professor Magistério, atuou de 2004 até o final da circulação da coluna, ingressando na *Revista* aos 34 anos. Ambos são do Rio Grande do Sul, aliás, como os outros dois já citados. Juntos fazem parte da cena de quadrinhos gaúcha que conta com um número considerável de notórios quadrinistas.

FIGURA 86 – DESENHO ATUAL DE JUSKA (2016)



FONTE: Perfil do artista nas redes sociais. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1281413501882228&set=pb.100000407725691.-2207520000.1535591928.&type=3&theater>>. Acesso em: 29 ago. 2018. (*Post* realizado em: 28 set. 2016).

FIGURA 87 – DESENHO ATUAL DE VILANOVA (SEM DATA)



FONTE: Disponível em:

<http://www.irancartoon.ir/gallery/albums/album529/Paulo_Volmar_Mattos_Vilanova_Brazil_001.sized.jpg>.

Acesso em: 29 ago. 2018.

Juska já participou de diversos concursos e exposições de desenho e humor, nacionais e internacionais, tendo sido premiado, inclusive, num evento em Tóquio, no Japão. Dentre as inúmeras ilustrações de livros infantis, se destacam as que ele fez para uma coleção de livros que tratam da biografia e das principais ideias de grandes filósofos da história, “Filosofinhos”, coleção publicada pela Tomo Editorial. Vilanova também é renomado em sua profissão, tendo trabalhos exibidos e vendidos no exterior.

Por fim e finalmente

Antes de finalizar, não poderíamos deixar de ressaltar que, apesar de ter sido muito popular entre os professores, a *Revista do Professor/RS* é uma fonte ainda pouco explorada pela história da educação. Parece ser considerada por muitos uma revista menor, principalmente pela academia. No entanto, como vimos, é uma fonte rica e muito instigante para diversos outros temas de pesquisa e/ou novas perspectivas. Ficamos felizes em saber que ainda há muito para explorar na *Revista* e, da nossa parte, a expectativa de uma nova pesquisa de amplo fôlego sobre ela é bastante grande, já que sempre “[...] há no fundo de [quase] toda pesquisa documentária, um resíduo de inopinado” (BLOCH, 2001, p. 87).

FONTE

REVISTA DO PROFESSOR. Porto Alegre: Editora CPOEC, 1985-2011. 108 edições.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R.; HERSCHBERG-PIERROT, A. **Estereotipos y clichés**. Tradução de: GÁNDARA, L. Buenos Aires: Eudeba, 2001.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de: BEZERRA, P. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de: BERNADINI, A. F. et al. 3. ed. São Paulo: Unesp: Hucitec, 1993.

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de: VIEIRA, Y. F. São Paulo: Hucitec, 2000.

BASTOS, M. H. C. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a *Revista do Ensino* do Rio Grande do Sul (1951-1992). In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 2002a. p. 47-75.

_____. Apêndice – a imprensa periódica educacional no Brasil: de 1808 a 1944. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 2002b. p. 173-187.

BASTOS, M. H. C.; LEMOS, E. A.; BUSNELLO, F. Pedagogia da ilustração: uma face do impresso. In: BENCOSTTA, M. L. (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 41-78.

BAXANDALL, M. **Padrões de intenção**. A explicação histórica dos quadros. Tradução de: PEREIRA, V. M. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Tradução de: CAIXEIRO, N. C. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

BERISTÁIN, H. O chiste. In: LUSTOSA, I. (Org.). **Imprensa, humor e caricatura – a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 69-91.

BLOCH, M. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Tradução de: TELLES, A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, A. C. **Vinte anos de propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes no ensino da mocidade**. Rio de Janeiro: Typografia Cinco de Março, 1876.

BOURDIEU, P. **As regras da arte** – gênese e estrutura do campo literário. Tradução de: MACHADO, M. L. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de: CATANI, D. B. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BREMMER, J.; ROODENBURG, H. (Orgs.). **Uma história cultural do humor**. Tradução de: AZEVEDO, C.; SOARES, P. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BURKE, P. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução de: SANTOS, V. M. X. dos. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. **O que é história cultural?** Tradução de: PAULA, S. G. de. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CÂMARA DE RIO PARDO. **Projeto de Lei nº 014-L/2016**. Dá denominação de Paulo Cesar de Castro ao Ginásio de Esportes da Boa Vista. Rio Pardo, 07 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.camarariopardo.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisa/0/1/0/3444>>. Acesso em: 25 de jan. 2017.

CAPELATO, M. H. R. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, São Paulo: Papius, 1998.

CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 2002.

CATANI, D. B.; VICENTINI, P. P.; LUGLI, R. S. G. A profissionalização e as práticas de organização dos professores: estudos a partir da imprensa periódica educacional. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 77-91.

CHARTIER, A.-M. Fazeres ordinários da classe: uma aposta para a pesquisa e para a formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 157-168, jul./dez. 2000.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** Tradução de: MORAES, R. C. C. de. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial de São Paulo, 1998a.

_____. **As utilizações do objecto impresso.** Tradução de: BOAVIDA, I. Portugal: Difel, 1998b.

_____. **A história cultural: entre práticas e representações.** Tradução de: GALHARDO, M. M. 2. ed. Alges, Portugal: Difel, 2002. Coleção Memória e Sociedade.

COSTA, M. B. da. **Depoimento oral concedido à pesquisadora.** Curitiba/Porto Alegre, 14 de maio de 2017.

D'OLIVEIRA, G. F. **Histórias em quadrinhos e (re)construções identitárias.** Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2009.

DAVIES, C. Cartuns, caricaturas e piadas. In: LUSTOSA, I. (Org.). **Imprensa, humor e caricatura** – a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 93-124.

DELIGNE, A. De que maneira o riso pode ser considerado subversivo? In: LUSTOSA, I. (Org.). **Imprensa, humor e caricatura** – a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 29-46.

DORNELLES, B. (Org.). **PUCRS: 50 anos formando jornalistas.** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.

EISNER, W. **Narrativas gráficas.** 2. ed. São Paulo: Devir, 2008.

FARIA FILHO, L. M. de; GONÇALVES, I. A.; VIDAL, D. G.; PAULILO, A. L. *A cultura escolar* como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 1, p. 139-159, 2004.

FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003.

GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985).** São Paulo: Cortez, 1994.

GOODWIN, R. A monovisão dos estereótipos no desenho de humor contemporâneo. In: LUSTOSA, I. (Org.). **Imprensa, humor e caricatura** – a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 535-555.

JOBIM, D. **Espírito do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. Tradução de: SOUZA, G. de. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

KOSSOY, B. **Fotografia & história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAGÔA, A. M. **A representação da professora na revista *Nova Escola***. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

LE GOFF, J. (Org.). **A história nova**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIMA, H. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LUCA, T. R. de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, A. L.; LUCA, J. R. de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 149-175.

_____. Fontes Impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

LUSTOSA, I. (Org.). **Imprensa, humor e caricatura** – a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MACHADO JÚNIOR, C. de S. Performances de relações familiares: as charges e seu avesso fotográfico nas representações matrimoniais sul-rio-grandenses (1929-1930). **Anos 90**, Porto Alegre, v. 21, n. 40, p. 463-492, dez. 2014.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Gênese dos discursos**. Tradução de: POSSENTI, S. Curitiba: Criar, 2005.

_____. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2006.

MARTINS, A. L. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, A. L.; LUCA, J. R. de. (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 45-80.

MARTINS, A. L.; LUCA, J. R. de. (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MERLO, M. C. **O Tico-Tico**: um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962). Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MODENESI, T. V. **Educação para abolição**: charges e histórias em quadrinhos no Segundo Reinado. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

MORRONE, M. L. **Revista Nova Escola**: discursos, saberes e práticas pedagógicas no ensino de história – 1986-1995. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na primeira república**. São Paulo: EPU; Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

NÓVOA, A. **A imprensa de educação e ensino**: repertório analítico (séculos XIX e XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993. Coleção Memórias da Educação.

PASQUINI, A. S.; TOLEDO, C. A. A. Historiografia da educação: a imprensa enquanto fonte de investigação. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 2, n. 3, p. 257-267, jun. 2014.

PATO, P. R. G. **História em quadrinhos**: uma abordagem bakhtiniana. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PEDROSO, L. A. **A revista Nova Escola**: política educacional na “Nova República”. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PROPP, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

RIPA, R. **Nova Escola – “a revista de quem educa”**: a fabricação de modelos ideais do ser professor. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

RAMOS, M. E. T. **O ensino de história na revista Nova Escola (1986-2002)**: cultura midiática, currículo e ação docente. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

RAMOS, P. E. **Tiras cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009. Coleção Linguagem & Ensino.

RAMOS, P. V. **Artistas ilustradores**: a Editora Globo e a constituição de uma visualidade moderna pela ilustração. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RAMOS, R. **A ideologia da Escolinha do Professor Raimundo**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.

REIS, J. C. História e verdade: posições. In: _____. **História e Teoria** – historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. 3. ed. São Paulo: FGV Editora, 2006. p. 147-177.

SAMAIN, E. (Org.). **Como pensam as imagens?** Campinas: Editora Unicamp, 2014.

SANTOS, R. E. dos. **HQs de humor no Brasil**: variações da visão cômica dos quadrinhos brasileiros (1864-2014). Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil**: história e teoria. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2012. Coleção Memória da Educação.

SILVA, I. C. da. **Humor gráfico**: o sorriso pensante e a formação do leitor. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Tradução de: GRISCI, C. et al. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VEIGA, C. G. Elaboração de hábitos civilizados na constituição das relações entre professores e alunos. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, n. 21, p. 61-92, 2009.

VELLOSO, M. P. A mulata, o papagaio e a francesa: o jogo dos estereótipos culturais. In: LUSTOSA, I. (Org.). **Imprensa, humor e caricatura** – a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 365-387.

VERGUEIRO, W.; SANTOS, R. E. dos. A postura educativa de *O Tico-Tico*: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. **Comunicação & Educação**, ano XIII, n. 2, p. maio/ago. 2008.

ZINK, R. Da bondade dos estereótipos. In: LUSTOSA, I. (Org.). **Imprensa, humor e caricatura** – a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 47-68.